



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Vinicius Leite Reis

**A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em
processos de formação e autoformação para a docência**

Rio de Janeiro

2018

Vinicius Leite Reis

A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para a docência

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidianos, redes educativas e processos culturais.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Maria da Conceição Silva Soares

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R375 Reis, Vinicius Leite.
 A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em
 processos de formação e autoformação para a docência / Vinicius Leite Reis. –
 2018.
 130 f.

 Orientadora: Maria da Conceição Silva Soares.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Faculdade de Educação

 1. Educação – Teses. 2. Homofobia– Teses. 3. Sexualidade – Teses. I.
 Soares, Maria da Conceição Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 378(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Vinicius Leite Reis

A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para a docência

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidianos, redes educativas e processos culturais.

Aprovada em 21 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria da Conceição Silva Soares
Faculdade de Educação da UERJ

Prof.^o Dr.^o Fernando Altair Pocahy
Faculdade de Educação da UERJ

Prof.^o Dr.^o João Barreto da Fonseca
Faculdade de Comunicação da UFSJ

Rio de Janeiro

2018

Para todas as vítimas de homofobia, em especial, às vítimas fatais e aos que sofrem com a perda de pessoas queridas, pois esta violência não poupa crianças, nem jovens e nem adultos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que estudava comigo no sofá da sala.
À Diomar, pelo amor, carinho e cuidado de uma vida.
À tia Regina, por estar sempre aberta ao diálogo.
À minha tia Ascensão, professora, que me ensinou a pintar.
Às minhas primas, pela proteção e delicadeza da força.
Ao Lori, meu irmão, pela família linda que construiu.
Ao Cesar, Luciano e Edson (in memorian), minha família de coração.
Ao Rafa e João, pela torcida incansável.
À Kathleen, pelas conversas intermináveis.
Ao Cabbet, por sempre embarcar nas minhas loucuras.
Ao Binho, pelo acolhimento nas horas mais difíceis e pela minha alegria.
Ao Marco, por me pedir inúmeras explicações acadêmicas.
À Letícia e Bruno, por tudo o que realizamos juntos.
À Simone, pelo cuidado, pela paciência e pelo afeto.
À Gabi, pela competência de registrar tudo em vídeo.
Ao Nelson, pelo acompanhamento e provocações.
Ao Leo, por enxergar em mim coisas que nem eu mesmo via.
À Vanessa, pelo eterno incentivo.
Ao João, pela amizade desorientadora.
À Kiki, por soltar as palavras.
Ao Fernando, por alargar meu corpo.
À Nilda, por decifrar o pergaminho.
À Conceição, por me receber no CUNADI, puxar minha orelha e me permitir sonhar.
Ao CUNADI, pelo acolhimento, pelas risadas e por ser minha morada.
Às estudantes da turma de Pesquisa e Prática Pedagógica, pela alegria.
Às pessoas que participaram dos audiovisuais realizados nesta trajetória.
Ao CNPq, pelo indispensável financiamento.
Ao GENI, pelo troca-troca.
À UERJ, por ser fabulosa.
À vida, por ser maravilhosa.

Quero dizer que Victor sumiu
A máscara caiu
E quando dei por mim
Ele já não estava mais lá.
Não levou nada,
Deixou tudo no lugar:
Paixão, tesão, fantasia, imaginação
Victor fugiu e não fez questão
De apagar coisa alguma.
Saiu com a leveza da pluma
Cujos rastros se desenharam na alma
Victor estava
Nas linhas da minha palma
Mas nunca esteve preso nelas
Ele passava por mim,
Atravessamentos noturnos.
Fazia e acontecia
Enquanto eu, cavalo distraído,
Não ponderava o perigo
De ser tantos
Em terra de coisa única.
Victor era uma espécie de túnica
Que eu vestia
Para não me sentir nua.
Mas um dia, no meio da rua,
Eu entendi que pele
É a roupa da gente.
Victor morreu de repente
E a minha nudez ficou mais bonita.

Vinicius Reis

RESUMO

REIS, Vinicius Leite. *A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para a docência*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A homofobia é mais que um preconceito, é um tipo de conhecimento e uma prática de exclusão e violência aos quais determinados corpos estão submetidos *dentrofora* das escolas. Entender e intervir em alguns dos processos discursivos, verbais e não verbais, em especial os audiovisuais, que produzem e significam nas/com as diversas redes educativas uma diferença relacionada às normas de gênero e à regulação das sexualidades, e que desqualifica e inferioriza determinados sujeitos, modos de viver os prazeres e as potências dos corpos e de experienciar o mundo, é o ponto de partida desta dissertação em que me coloco enquanto corpo-sujeito-pesquisador-gay. Busquei com essa pesquisa nos/com os cotidianos da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pensar tais processos, seus modos de funcionamento, suas ambiguidades e as possibilidades de desnaturalizá-los em contextos de formação e autoformação para a docência, bem como na/com a própria prática de fazer ciência e de comunicar seus achados. Com esse propósito, e no caminho que fui construindo para a investigação, revisei minhas memórias de escola e os conhecimentos sobre escolarização que com elas fui/vou criando e transformando e refleti sobre as minhas experiências engendradas com as múltiplas práticas com audiovisuais que realizei antes e durante os *espaçostempos* do curso de Mestrado. A seguir, apresento e analiso, conforme a proposta que moveu essa pesquisa, duas atividades que coordenei e que foram realizadas com as estudantes de Pedagogia da UERJ, no período entre setembro à dezembro de 2016 e de março à junho de 2017, na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica “Audiovisualidades e redes de significações sobre gênero e sexualidade”, ministrada por minha orientadora: uma curadoria de vídeos contra a homofobia produzidos como trabalhos escolares e compartilhados no YouTube e a produção de dois audiovisuais contra homofobia, um documentário e uma ficção. Destaco que esse estudo se insere em meio a uma audiovisualização das culturas sem precedentes, seja por meio das mídias tradicionais ou das redes sociais na internet, e em um momento político em que o governo brasileiro que não reconhece a homofobia como um preconceito a ser combatido nas/com as escolas, o que o torna urgente e relevante para a área da Educação. Após a análise dos dados coletados e criados, sugiro que com a produção de audiovisuais as estudantes puderam vivenciar uma experiência que, não fosse pelo deslocamento de seus corpos para performar um outro modo de vida, não teria atravessado seus corpos. Por fim, defendo que, nesse caminhar, meu processo de formação para a docência está entrelaçado com a formação das futuras professoras e que é necessário audiovisualizar a ciência.

Palavras-chave: Homofobia. Gênero e Sexualidade. Audiovisualidades. Formação de professores. Autoformação para a docência.

ABSTRACT

REIS, Vinicius Leite. The audiovisual narratives production about and against homophobia in the processes of teaching's self training and formation. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Homophobia is more than a prejudice being a kind of knowledge, practice of exclusion and violence to which certain bodies are subjected within and outside schools. To understand and intervene in some of the discursive, verbal and nonverbal processes, especially the audiovisual ones, that produce and signify in the different educational networks a difference related to the norms of gender and the regulation of sexualities and that disqualifies and undermines certain subjects, ways of living the pleasures, bodies enhancement and experiencing the world is the starting point of this dissertation where I place myself as body-subject-researcher-gay. In this research, at the daily life of the *Faculty of Education and the Post-Graduation Program in Education (ProPEd)* in the Rio de Janeiro State University (**UERJ**) to think about such processes, their functioning modes, ambiguities and possibilities to denaturalize them in contexts of teaching formation and self-training as well as in their own practice on doing science thus communicating their findings. With this purpose and in the path I have been in order to build such investigation, I revisited school memories, the knowledge about schooling that I have been creating and transforming which reflected on my experiences entangled with multiple practices on audiovisuals which I performed, before and during *spacetimes* periods on the Master's process. Following I introduce and analyze, according to the proposal that moved this research, two activities that I have coordinated and were carried out together with **UERJ** Pedagogy' students between two periods of time - 2016, September to December and 2017 March to June - in the discipline Research and Pedagogical Practice "Audiovisuals on Gender and Sexuality Networks of Meaning", given by my advisor: a video curatorship against homophobia produced as school work and shared on YouTube as well as the production of two audiovisuals against homophobia: a documentary and a fiction. I emphasize that this study is inserted in the midst of an unprecedented audio-visuals making of cultures, whether through traditional media or social networks on the Internet, specially at a political moment when the Brazilian government does not recognize homophobia as a prejudice to be fought in/with schools, which makes urgent and relevant to the Education area. After analyzing the data, collected and created, I suggest that with audiovisuals production, students could experiment an experience that, had it not been for the displacement of their bodies to perform in a different way of life such experiences would not have crossed their bodies. Finally I argue that in this process, my teaching training is intertwined with that of future teachers and more than never, it is necessary to audio-visualize the science.

Keywords: Homophobia. Gender and Sexuality. Audiovisuals. Teacher training. Teaching Self-Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Da esquerda para à direita: Uniformizado para o primeiro dia de aula, 1978; 2) Pátio da escola Monte Serrat, 4ª série, 1984; Festa junina na escola Monte Serrat, 1984.	18
Figura 2 –	Em casa e em sala de aula com meu uniforme da 8ª série, 1988.	21
Figura 3 –	Fotografia da peça de teatro <i>O Leiteiro e a Menina Noite</i> , 1991.	24
Figura 4 –	Com meus colegas de turma nas aulas práticas de torno mecânico, 1990.	27
Figura 5 –	Em campo, nos corredores e sala de aula, conversando sobre roteiro para a realização dos audiovisuais pelas estudantes do curso de Pedagogia da UERJ.	30
Figura 6 –	Professor João Barreto, depoente do documentário <i>(D)Escolar</i>	38
Figura 7 –	Depoentes do curta <i>(D)Escolar</i>	58
Figura 8 –	Imagens extraídas do curta <i>Inconveniente</i> . Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.	61
Figura 9 –	Imagens extraídas dos videoclipes <i>Flutua e Indestrutível</i> . Link e QR Code na imagem para acesso aos vídeos.	68
Figura 10 –	Páginas do Manifesto.	70
Figura 11 –	Trecho extraído do Manifesto: parte 01.	71
Figura 12 –	Trecho extraído do Manifesto: parte 02.	72
Figura 13 –	Trecho extraído do Manifesto: parte 03.	73
Figura 14 –	Trecho extraído do Manifesto: parte 04.	74
Figura 15 –	Imagens extraídas do curta <i>Debaixo desse angu tem caroço</i> . Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.	75
Figura 16 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 01.	91
Figura 17 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 02.	92
Figura 18 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 03.	94
Figura 19 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 04.	96
Figura 20 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 05.	96
Figura 21 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 06.	97
Figura 22 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 07.	99
Figura 23 –	Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 08.	100
Figura 24 –	Imagem extraída de uma postagem no Facebook.	104

Figura 25 – Com Conceição Soares, discutindo com as estudantes, as possibilidades do fazer documentário.....	108
Figura 26 – Imagens extraídas do curta <i>Gênero e orientação sexual na escola</i> . Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.	110
Figura 27 – Conversando com Joyce Manuela sobre o roteiro da ficção.....	112
Figura 28 – Imagens extraídas do curta <i>Luiza</i> . Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.	114
Figura 29 – Cenas de bastidores das gravações. Ficção à esquerda e documentário à direita.....	116
Figura 30 – Roteiro de <i>Volver</i> de Pedro Almodóvar.	117

LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 01 - Discurso de David Miranda na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.	36
Vídeo 02 - <i>(D)Escolar</i>	44
Vídeo 03 - Vídeo com o samba enredo do bloco <i>Comuna Que Pariu</i>	46
Vídeo 04 - Boneca na Mochila.	50
Vídeo 05 - Medo de quê?	50
Vídeo 06 - Torpedo.	51
Vídeo 07 - Encontrando Bianca.	52
Vídeo 08 - Probabilidade.	53
Vídeo 09 - Trabalho sobre homofobia – IESC (vídeo com imagens retiradas da internet).	85
Vídeo 10 - Diga não à homofobia (ficção).	85
Vídeo 11 - Trabalho de redação – homofobia (depoimentos).	86
Vídeo 12 - Entrevista a Sharlene Blue (entrevista).	86
Vídeo 13 - Pelo direito de viver (documentário).	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ano de publicação	82
Gráfico 2 - Disciplinas.....	83
Gráfico 3 - Níveis de ensino:.....	83
Gráfico 4 - Instituições de ensino	84

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: UMA CONVERSA SOBRE/ENTRE PESQUISA, HOMOFOBIA E AUDIOVISUALIDADES.....	13
1	PURO TEATRO: UM CORPO E AS PERFORMANCES DE GÊNERO E SEXUALIDADE <i>DENTROFORA</i> DA ESCOLA	18
1.1	1º Ato - <i>Saberesfazeres</i> sobre educação e homofobia criados nas/com as minhas escolas	18
1.2	2º Ato - A composição de uma pesquisa em Educação	25
1.3	3º Ato – Do silêncio ao berro	31
2	CIBERCULTURA, VÍDEO E REDES DE SIGNIFICAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE TECIDAS <i>DENTROFORA</i> DAS ESCOLAS.....	35
2.1	A ideologia de gênero na escola.....	37
2.2	Homofobia e o aumento da onda conservadora no Brasil.....	46
2.2.1	<u>Programa Brasil sem Homofobia</u>	46
2.2.2	<u>Projeto Escola sem Homofobia: estigmatizado como “kit gay”</u>	48
2.2.3	<u>Rejeição ao Kit Escola Sem Homofobia por um governo que não faz “propaganda de opções sexuais”</u>	53
2.2.4	<u>Os apagamentos na BNCC.....</u>	54
3	CENÁRIOS DA PESQUISA	56
3.1	(D)escolar	58
3.2	Inconveniente.....	60
3.3	Debaixo desse angu tem caroço.....	66
3.4	<i>Praticandopensando</i> metodologia.....	76
4	VÍDEOS CONTRA A HOMOFOBIA COMPARTILHADOS NO YOUTUBE COMO TRABALHOS ESCOLARES	81
5	A CURADORIA	89
6	PRODUÇÃO DE VÍDEO COM ESTUDANTES	104
	CRÉDITOS FINAIS OU ÚLTIMO ATO #SQN.....	119
	REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO: UMA CONVERSA SOBRE/ENTRE PESQUISA, HOMOFOBIA E AUDIOVISUALIDADES

Em seu livro *Quadros de Guerra* (2018), Judith Butler nos alerta sobre os modos pelos quais nossas disposições afetivas e éticas, no que diz respeito a nosso posicionamento diante de situações de enfrentamento bélico e das mortes e da maximização da precariedade de algumas vidas que deles decorrem, são reguladas por meio de enquadramentos seletivos e diferenciados da violência. Trata-se, segundo ela, de enquadramentos epistemológicos, relativos a conhecimentos e a modos de conhecer, através dos quais enxergamos certas vidas como dignas de serem vividas e outras não. Trazendo para o contexto dessa pesquisa, essa constatação se aplica à homofobia, tomada aqui como uma aversão às homossexualidades e às dissidências dos gêneros tais como estes são inteligíveis e autorizados, e produz, por meio de práticas e discursos que as orientam ou justificam, exclusão social, política e econômica, marginalização, humilhação, violência física e psicológica e até a morte de pessoas enquadradas nessas categorias, inclusive adolescentes e crianças. Nesse caso a guerra é cotidiana, a violência é cotidiana, muitas vezes naturalizada e invisibilizada, embora engendre resistências e disputas em torno dos processos de significação e de criação de outros *saberesfazeres*¹ que não os que se tornaram hegemônicos, seja por meio dos discursos das ciências, das religiões, das mídias, das políticas de Estado, dos mercados e das práticas pedagógicas. É nessa disputa em torno da significação, em relação ao poder de significar e assim produzir conhecimentos que essa dissertação se insere.

De acordo com Butler (2018), os enquadramentos epistemológicos são molduras pelas quais apreendemos o mundo e a vida dos outros como com dignas ou não de serem vividas. São operações de poder, organizam nossa experiência visual e estão associadas às normas de uma determinada sociedade que operam para tornar determinados sujeitos reconhecíveis e outros não. Virginie Despentes (2016) vai além e nos indica como certas violências, como o estupro, constituem um programa político e operam como pedagogias na fabricação dos sujeitos.

O estupro é um programa político preciso: esqueleto do capitalismo, é a representação crua e direta do exercício do poder. Designa um denominador e organiza as leis do jogo para que se possa exercer seu poder sem restrições. Roubar, arrancar, extorquir, impor, se assegurar que sua vontade se exerça sem entraves e de

¹ Optamos, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, por marcar em nossas grafias o entendimento de que seria mais adequado romper com algumas dicotomias que, no bojo da Modernidade, expressam modelos supostamente antagônicos. Na contramão desse movimento, sempre escrevemos *ensinaraprender*, *espaçostempos*, *prácticasteorias* etc. Tudo junto e em itálico.

que possa gozar de sua brutalidade sem que a outra parte manifeste resistência. O gozo da anulação do outro e da sua palavra, da sua vontade, da sua integridade. (DESPENTES, 2016, p. 42)

O estupro, assim como outras formas de subordinação, opressão e extermínio é um tipo de violência que coloca ainda em questão o sentimento de culpa da vítima. Quem merece ser estuprado? Quem merece ser vítima de violência? Por que violências em relação a algumas pessoas são toleradas, e até justificadas pela sociedade, e outras não? Quais vítimas de violência são passíveis de lamentação e indignação e quais não o são? Os atos de violência homofóbica são passíveis de indignação?

Voltando à Butler (2018):

Não podemos reconhecer facilmente a vida fora dos enquadramentos nos quais ela é apresentada, e nesses enquadramentos nos quais ela é apresentada, e esses enquadramentos não apenas estruturam a maneira pela qual passamos a conhecer e identificar a vida, mas constituem condições que dão suporte para esta mesma vida. (BUTLER, 2018, p. 44)

Ainda conforme a autora há diversos enquadramentos em questão. Entre eles, eu destaco aqueles produzidos pelas mídias, pelo cinema e pelas audiovisualidades contemporâneas nas redes digitais. As questões que se colocam para essa pesquisa, então, são: Como enquadrar criticamente os enquadramentos? Como problematizá-los? Como produzir outros enquadramentos eticamente responsáveis e que tornem reconhecíveis como dignas todas as vidas?

Foi o que buscamos *pensar/fazer* com as *prácticasteorias* mobilizadas e criadas com usos de audiovisuais nos *espaçostempos* da pesquisa com os cotidianos da formação e autoformação para a docência na Faculdade de Educação de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mas que remete também à reflexão sobre conhecimentos e significações criados com a minha trajetória de vida antes mesmo dela começar.

No caminho que fui construindo e em meio ao qual a pesquisa foi se desenhando, revisitei minhas memórias de escola e os conhecimentos sobre escolarização que com elas fui/vou criando e transformando e refleti sobre as minhas experiências engendradas com as múltiplas práticas com audiovisuais que realizei antes e durante os *espaçostempos* do curso de Mestrado.

A seguir, apresento e analiso, conforme a proposta que moveu essa pesquisa, duas atividades que coordenei e que foram realizadas com as estudantes de Pedagogia da UERJ, no período entre março à junho de 2017, na disciplina *Pesquisa e Prática Pedagógica - PPP: Audiovisualidades e redes de significações sobre gênero e sexualidade*, ministrada por minha

orientadora: uma curadoria de vídeos contra a homofobia produzidos como trabalhos escolares e compartilhados no YouTube e a produção de dois audiovisuais contra homofobia, um documentário e uma ficção. Tais atividades, no contexto de uma pesquisa mais ampla, foram realizadas com o propósito de problematizar e alargar as redes de conhecimentos e significações das futuras professoras, assim com as desse pesquisador, sobre gênero e sexualidade, assim como das práticas culturais, entre elas as audiovisuais, que os problematizam e produzem.

Vale destacar, que essas etapas da pesquisa não se sucederam em ordem cronológica e nem de uma forma linear, como pode parecer no texto da dissertação, mas foram se dando ao mesmo tempo, uma experiência convocando a outra, numa lógica de conexão e embaralhamento. Qualquer aparência de ordem é puro efeito da narrativa.

Assim, tendo em vista a necessidade de apresentar os resultados da pesquisa na forma escrita, conforme ainda é legitimada e reconhecida a produção de conhecimentos na academia científica, organizei a narrativa da dissertação em sete capítulos.

No primeiro capítulo, Puro teatro: um corpo e as performances de gênero e sexualidade *dentrofora* da escola, visito minhas memórias de meus processos de escolarização para pensar e ressignificar os conhecimentos sobre Educação que teci com minha experiência como estudante gay e sobre as práticas homofóbicas das quais fui vítima. Trago também nesse capítulo meus percursos formativos e a minha implicação com a produção audiovisual *dentrofora* do Mestrado e os modos como eles foram sendo convocados e mobilizados na estruturação da pesquisa.

Em Cibercultura, vídeos e redes de significação sobre gênero e sexualidade tecidas *dentrofora* das escolas, segundo capítulo, abordo as redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas com as políticas públicas e suas repercussões em sites e nas redes sociais da internet. Discuto a noção de “ideologia de gênero” e seus usos, o avanço do conservadorismo no Brasil, o programa Brasil Sem Homofobia e o que considero ser um braço para a educação Escola sem Homofobia, do qual constam vários artigos produzidos que foram proibidos e estigmatizados como “Kit Gay”, e o apagamento dessas questões no texto da Base Nacional Curricular aprovado pelo Congresso Nacional.

Em Cenários da pesquisa, o terceiro capítulo, abordo a produção de três vídeos realizados com trabalhos finais de disciplinas na pós-graduação, destacando modos como foram se dando meus processos formativos no ProPEd, com a interlocução de meus colegas de curso, professores e com os textos dos teóricos discutidos nas aulas. Ainda nesse capítulo

apresento a metodologia *pensadapracicada* com a pesquisa e com as atividades que desenvolvi.

O quarto capítulo, Vídeos contra a homofobia compartilhados no YouTube sobre trabalhos escolares, trago um mapeamento dos vídeos assistidos e analisados pelo grupo de pesquisa do qual participo, CUNADI, e uma discussão sobre as facilidades para produzir e fazer circular vídeos na contemporaneidade. Sugiro que essa produção nos revela, que para além das políticas educacionais e dos projetos das escolas essa discussão está presente nos processos curriculares cotidianos.

Em A curadoria, quinto capítulo, me ocupo de uma seleção e análise de alguns desses vídeos feitas pelas estudantes, que se tornaram os sujeitos da pesquisa empírica com os cotidianos da formação de professoras/es² na Faculdade de Educação da UERJ. Trago algumas narrativas das estudantes com as problematizações que foram feitas.

No sexto capítulo, Produção de vídeos com estudantes, abordo a produção de um documentário e de uma ficção sobre e contra a homofobia, suas tessituras e a complexidade das redes de conhecimentos e significações que mobilizaram. Destacaram que a produção audiovisual possibilitou a experiência de se colocar no lugar do outro e promoveu deslocamentos dos corpos que talvez não fosse possível através de outros dispositivos.

Por fim, no sétimo e último capítulo, Créditos finais ou último ato #SQN, apresento, à título de conclusão e ao mesmo tempo de abertura para outras possibilidades de pensamento, reflito sobre o que aprendi com a pesquisa com as estudantes e o meu próprio processo de formação como professor, indissociável da experiência vivida na Faculdade de Educação e no ProPEd. Convido vocês à leitura da dissertação e a compartilharem comigo a esperança de que um outro mundo e uma outra escola são possíveis.

² A norma da língua portuguesa sugere que, no plural, um grupo de pessoas, entre elas, homens e mulheres neste mesmo grupo, o plural deve vir no masculino. Por considerar que a Educação é um campo majoritariamente formado por um grupo de mulheres, opto em alterar esta ordem, adotando o modelo Nilda Alves de subverter a norma da língua portuguesa para demarcar este campo como feminino. Entretanto, no intuito de borrar as fronteiras entre os gêneros, masculino e feminino, em alguns momentos neste texto, adotarei, ora uma postura mais masculina, ora uma postura feminina, navegando entre os gêneros. Embora eu tenha conhecimento de outras táticas para romper com este binarismo, por exemplo, a substituição do artigo que marca o gênero, um “o” ou um “a”, por um “x”, um “e” ou um asterisco (ex: amigxs, amigues, amig*s), nos meus cotidianos, não adoto esta prática na minha escrita e nem no meu discurso. Não me sinto confortável ou capaz de usá-la com desenvoltura. Portanto, adotei a simples alternância de gêneros no meu texto, como faço na vida, ora me enunciando no masculino, ora no feminino. Acredito que este simples gesto já seria o suficiente para tentar romper com os binarismos, pelo menos, neste trabalho.

Pra começar
Quem vai colar
Os tais caquinhos
Do velho mundo

Pátrias, famílias, religiões
E preconceitos
Quebrou não tem mais jeito

Agora descubra de verdade
O que você ama
Que tudo pode ser seu

Se tudo caiu
Que tudo caia
Pois tudo raia

E o mundo pode ser seu

Marina Lima

1 PURO TEATRO: UM CORPO E AS PERFORMANCES DE GÊNERO E SEXUALIDADE *DENTROFORA* DA ESCOLA

1.1 1º Ato - *Saberesfazeres* sobre educação e homofobia criados nas/com as minhas escolas

Como pesquisador que se inscreve na tendência conhecida como Pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação, entendo que minhas memórias sobre meu processo de escolarização constituem parte dos conhecimentos e sentidos que atribuo à docência, à escola e à própria educação. Entendo ainda que as narrativas sobre esses processos não buscam resgatar a realidade do que foi vivido, mas repensá-lo e reinventá-lo nas contingências do presente, reinventando, assim, o próprio presente. Nesse processo, o pesquisador se põe em xeque, torna-se também objeto de sua pesquisa. É nessa perspectiva que tomo as narrativas de minhas memórias escolares e das experiências que vivi na pesquisa com a formação de professoras/es como *espaçostempos* de autoformação para a docência e para a vida.

Figura 1 - Da esquerda para à direita: Uniformizado para o primeiro dia de aula, 1978; 2) Pátio da escola Monte Serrat, 4ª série, 1984; Festa junina na escola Monte Serrat, 1984.



Quando eu tinha 10 anos, mudei de escola. Saí da pequena Escola Monte Serrat, onde ingressei aos 4 anos para ser alfabetizado e, com a mesma turma, permaneci do “jardim da infância” até à quarta série. De lá, fui para o Colégio Salesiano de Vitória. Foi uma experiência assustadora! Se éramos uns 20 alunos na única turma de quarta série da escola

anterior, no Salesiano, ingressei na turma 5ª A e era o aluno de número 52 da turma, de acordo com a chamada. A turma era tão imensa quanto o novo colégio que, só de quinta série, tinha oito turmas. Lembro-me bem deste fato, pois eu era sempre o último da chamada e tinha obrigações específicas. Eu, que era também o último da fila, pois nos organizávamos em ordem alfabética, recolhia as carteirinhas de presença de todos os meus colegas para levar à coordenação da escola.

Minha turma, a 5ª A, ficava num extremo do corredor do primeiro andar e a coordenação no outro extremo do edifício. Portanto, eu subia as escadas com minha turma na parte direita do prédio e, enquanto meus colegas viravam para a direita e se dirigiam à sala de aula, eu virava para à esquerda, na contramão, e percorria o imenso corredor até à outra extremidade do edifício para entregar as carteirinhas na coordenação que ficava ao lado da turma 5ª H. Depois de cumprir minha obrigação, percorria todo o caminho de volta, em direção à minha sala de aula. Por conta disso, eu era sempre o último a chegar na sala.

Eu era o último em tudo, até na hora de responder à chamada, claro!

E eu odiava responder à chamada.

Com o tempo, fui percebendo que meus colegas de sala cochichavam ou riam de mim quando eu respondia “presente!”. Demorei a entender que era minha voz o motivo de tanta graça. Eu que era uma matraca em casa, na escola preferia o silêncio. Aos poucos, aquela vergonha que eu sentia em responder à chamada foi se transformando em medo. Quando chegava na letra “P”, eu já começava a suar frio, pois logo chegaria no “V”. À medida que o tempo foi passando, o medo em sala de aula foi ganhando novos espaços: o pátio da escola, as aulas de educação física, o ônibus que eu pegava para ir à escola, depois as ruas do bairro onde vivia... Lembro-me bem desta sensação de medo. Era uma espécie de pavor misturado com vergonha. Um sentimento muito difícil de se administrar, principalmente para uma criança de 10 anos. Porque faziam aquilo comigo?

Era 1985 e ninguém falava em *bullying*, termo muitas vezes utilizado para amenizar ou dissimular atos preconceituosos. Muito menos se falava em gênero, sexualidade ou homofobia³, temas da minha pesquisa, que por sua vez se vincula a uma pesquisa mais ampla

³ Embora o termo venha sendo questionado por alguns militantes e teóricos por ser redutor da complexidade dos motivos e modos pelos quais diferentes grupos são afetados por esse conjunto de sentimentos e atitudes negativos – que ao ter sua origem voltada para o preconceito em relação à homossexualidade masculina não contemplaria a lesbofobia, a transfobia, etc –, optamos pelo seu uso por entendermos que ele opera nas políticas públicas e nos discursos institucionais de modo ampliado, aplicando-se ao desprezo e ao ódio em relação a todos os modos considerados desviantes de se experimentar social e sexualmente as potências e os afetos dos corpos, ao mesmo tempo reconhecemos que esse uso revela uma limitação posta pela linguagem (DINIS, 2011) e pelo que ela põe em funcionamento. (SOARES, 2015)

coordenada por minha orientadora⁴. Minha experiência neste colégio foi de 1985 à 1988 e só não foi pior, porque havia dois outros meninos que chamavam mais atenção do que eu. Em outras palavras eram mais “femininos”, portanto, alvos mais óbvios. Um deles, justamente o que tinha “peitinhos”, acabou sendo expulso da escola, pois revidou à alguma agressão (hoje entendo como um possível ataque homofóbico) e partiu pra cima do seu provocador. Por mais este motivo, o de ser expulso, tive medo.

Fui uma criança que cresceu com medo. E para que outras crianças e adolescentes não passem o que eu passei na escola, hoje me encontro aqui, para enfrentar meus próprios medos, reinventar meu cotidiano, criar um novo mundo⁵ possível para mim. Meu mestrado foi uma jornada muito pessoal motivada por um forte desejo de mudança. Assim, mergulhei de cabeça na UERJ, aceitei o desafio e fui acolhido. Entendo que as narrativas que construo sobre a escolarização constituem um conhecimento que produzi ou experimentei nesse processo de viver e contar, que pode ser problematizado e alargado com outros e novos pensamentos. O trecho abaixo é parte das considerações feitas pelo professor Fernando Pocahy, por ocasião da minha qualificação, através de um parecer⁶ enviado por e-mail em 18/04/17.

Li com muita “apreensão” tua narrativa escolar. O sentido foi de certa tristeza pelas marcas escolares que nos trazes em tela e algumas delas parecem reatualizar-se nos dias de hoje: o medo. Eu tomo liberdade aqui para pensar nos gestos que muitas vezes fazes e nas interpelações espiadas que movimentas... Digo: é curioso que eu também te perceba sempre com algum medo da Universidade, das disciplinas... e percebo com que vibração e sentimento de “livramento” uma avaliação produz em ti: tua preocupação sempre com a nota, como vais ser visto. A coragem, diria a irmã Foucault, ela é sempre um corpo corajoso. Por isso, querid*, não tenhas medo do teu trabalho e de ocupares o lugar onde estás: és corajos*. E tuas movimentações teórico-metodológicas mostram os rastros de um movimento em que te lanças e que pede passagem.

As palavras tão generosas de Fernando Pocahy, que abriram este espaço para o íntimo e pessoal, só foram fazer sentido mais tarde, meses depois, quando tive acesso à sua pesquisa de doutorado. Nela, ele se posiciona no campo entendo-o como uma experimentação política. O corpo, seu corpo, foi incluído neste processo. O “corpo corajoso” mencionado no parecer direcionado a mim era o mesmo do trabalho de pesquisa de Pocahy (2017):

⁴ As audiovisualidades e as redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas na formação de professoras/es – um estudo com vídeos escolares contra homofobia divulgados no YouTube. Financiadores: Faperj e Uerj.

⁵ Referência à telenovela *Novo Mundo*, das 18 horas, escrita por Thereza Falcão e Alessandro Marsom. Na trama, a professora inglesa, Anna, deixa a Europa acompanhando a corte da princesa Leopoldina para viver uma nova vida, cheia de aventuras, no Brasil.

⁶ No parecer que recebi havia um erro ortográfico ou uma provocação de Fernando Pocahy. Em vez de “Parecer” no topo do documento, estava escrito “Perecer”. Acaso?

Posicionei-me no trabalho de campo entendendo-o como uma experimentação política – que inclui o corpo do pesquisador como experiência e isso me possibilitou uma aproximação com outras cenas que se abriram à problematizações sobre as materialidades discursivas em torno do corpo e do fazer ciência com o corpo, considerando-se que “as disciplinas repousam na maior parte do tempo sobre concepções ontológicas de homem e de mulher e elas se articulam sobre a diferença sexual e são o produto de um regime epistêmico heterossexual”. (BOURCIER, 2005, p. 29 apud POCAHY, 2017, p. 36)

Ali encontrei o caminho que escolhi percorrer no desenvolvimento de minha própria pesquisa, mas que se entrelaça com a de minha orientadora, Conceição Soares, que só fui conhecer anos mais tarde, na minha graduação. Antes desse encontro, passei pela ETEFES (Escola Técnica Federal do Espírito Santo) onde fiz meu segundo grau.

Figura 2 – Em casa e em sala de aula com meu uniforme da 8ª série, 1988.



A mudança de uma escola religiosa, o Salesiano, que era administrada por padres católicos, alguns bem sisudos, e onde eu era obrigado a assistir à missa em datas comemorativas para uma outra escola, a ETEFES, uma escola pública, foi maravilhosa. Primeiro, porque a escola em si era um sonho de organização e limpeza, um espaço realmente bonito, tudo branco (paredes, bancos), laboratórios (química, física), quadras esportivas, campo de futebol, pista de atletismo e piscina olímpica. Parecia uma escola do tipo *High School* americana que saiu das telas do cinema para minha vida. Era um sonho de escola. Tanta assepsia no visual externo das áreas comuns era uma tentativa de esconder, na verdade, a poeira, a ferrugem e a oleosidade produzida nos laboratórios.

O Salesiano tinha tudo isso que encontrei na ETEFES no quesito esporte, menos a piscina, mas eu achava tudo feio e era obrigado a jogar futebol (odeio futebol) nas aulas de educação física. Para minha grande surpresa, na ETEFES futebol era proibido nas aulas de educação física. No primeiro ano, experimentamos quatro modalidades esportivas: vôlei,

handebol, atletismo e natação. No segundo ano, optávamos por uma das quatro modalidades oferecidas no ano anterior e nela permanecíamos até a conclusão do curso técnico que era de quatro anos. Essa foi para mim uma mudança significativa, pois eu tinha opções e podia escapar do futebol, tido em outros espaços como um interesse masculino obrigatório.

A competição, no entanto, que é frequentemente enfatizada na formação masculina, parece dificultar que meninos e jovens “se abram” com seus colegas, expondo suas dificuldades e fraquezas. Para um garoto (mais do que para uma garota), tornar-se um adulto bem-sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser “muito bom” em alguma área. O caminho mais óbvio, para muitos, é o esporte (no caso brasileiro, o futebol), usualmente também agregado como um interesse masculino “obrigatório”. (LOURO, 2013, p. 22)

Lembrei-me agora que para fugir das tenebrosas aulas de futebol do Salesiano, junto com um amigo, me inscrevi na turma da equipe de vôlei. Estas aulas aconteciam após o horário regular das aulas, então, eu permanecia mais tempo na escola. Porém, todo e qualquer sacrifício era melhor que as tediosas aulas de educação física regulares. Fugir do futebol era a meta. Ninguém me escolhia para o time, era sempre a última opção, aquele que entrava no time só porque precisava estar ali e preencher uma vaga, completar o time. Eu era um péssimo jogador e no vôlei não foi diferente. Eu estava sempre fazendo exercícios à parte, não acompanhava o ritmo dos outros meninos. Descobri por fim, após esta investida na equipe de vôlei já com 12 anos, que eu preferia ficar lendo *Meu Destino é Pecar*, de Nelson Rodrigues, na porta da igreja da escola, meu local preferido dentro do Salesiano, do que praticar qualquer atividade física oferecida naquele lugar. Era uma tática de sobrevivência.

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos, etc. (CERTEAU, 2014, P. 96)

Na ETEFES, já que eu tinha opção, escolhi a natação. Não apenas por ser um esporte que oferecia menos impacto para meu corpo, me deixava menos cansado, era mais agradável e também pela obrigatoriedade de passar pelo vestiário. Já com 15 anos, ter a chance de ver os colegas despídos era um bônus que a atividade física me proporcionava. Entretanto, o melhor daquela escola não era o vestiário, mas sim, as atividades extracurriculares como o coral, música, dança e teatro. Para fazer parte destes grupos era necessário manter uma média alta de notas, se não me falha a memória, algo em torno de oito.

Passei na prova da Escola Técnica Federal do Espírito Santo para cursar Mecânica. A “escolha” foi para atender às expectativas da família mais do que às minhas. Eu teria escolhido o curso de Edificações, cuja presença feminina, ou corpos designados como

femininos, era uma presença constante nas turmas mas, ao optar por Mecânica, fui parar numa turma de aproximadamente quarenta pessoas. Na minha turma havia apenas duas meninas e em outra turma mais uma. E na terceira e última turmas não havia menina alguma. Definitivamente, Mecânica não era para meninas, só para as ousadas! Na turma, também havia um menino “diferente” como eu. Obviamente, nós quatro nos uníamos para os trabalhos escolares e formamos parcerias para sobreviver naquele ambiente majoritariamente masculino. Neste curso, Mecânica, a questão de gênero era muito evidente.

Embora, até aqui, neste ponto da minha narrativa, eu esteja operando dentro de uma lógica binária de oposição entre o masculino e o feminino, como duas únicas categorias de pessoas possíveis, devo ressaltar que é para enfatizar o pensamento, ou melhor dizendo, um modo particular (e hegemônico) de perceber meu mundo quando eu tinha 15 anos. Hoje pensamos com Paul B. Preciado, o sexo e o gênero como “formas de incorporação prostética que se fazem passar por naturais” (PRECIADO, 2014, p. 166). Tanto o sexo quanto o gênero são produzidos artificialmente.

As bio e cibertecnologias contemporâneas são, ao mesmo tempo, o resultado das estruturas de poder e os possíveis bolsões de resistência a esse mesmo poder; de uma forma ou de outra, um espaço de reinvenção da natureza.

Se os discursos das ciências naturais e das ciências humanas continuam carregados de retóricas dualistas cartesianas de corpo/espírito, natureza/tecnologia, enquanto os sistemas biológicos e de comunicação provaram funcionar com lógicas que escapam a tal metafísica da matéria, é porque esses binarismos reforçam a estigmatização política de determinados grupos (as mulheres, os não brancos, as *queers*, os incapacitados, os doentes...) e permitem que eles sejam sistematicamente impedidos de acessar as tecnologias textuais, discursivas, corporais e etc. que os produzem e os objetivam. Afinal, o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como “natureza”. (PRECIADO, 2014, p. 168)

Apesar de conseguir formar esta rede de apoio *dentrofora* da sala de aula, havia em mim grande frustração. Eu não era mais um corpo-criança com medo, mas também não me encaixava naquele universo pressuposto masculino de motores à diesel, fórmulas matemáticas, química e física. Busquei refúgio na biblioteca da escola. Eu passava direto pelos livros técnicos, mas estava sempre na seção de literatura. Li muitos romances daquela biblioteca. Mas foi no teatro da escola onde me encontrei. Cursar mecânica com notas boas era o tributo que eu pagava aos meus pais só para fazer teatro.

A experiência do teatro foi de fundamental importância para meu corpo. Se no esporte meus limites eram testados na piscina da escola, no palco, meu corpo se alargava, ganhava novos contornos. Eu podia ser velho, árvore, poste ou semente. Não havia limites e tudo era experimentação. A voz do menino que tinha vergonha de responder à chamada precisava ser ouvida na última cadeira da plateia. Meus gestos precisavam ser largos e meu corpo, muito

tímido, agora estava exposto. Paradoxalmente, no palco, apesar da disciplina corporal, concentração e gestos ensaiados, eu me sentia livre. Eu podia ser qualquer coisa.

Figura 3 – Fotografia da peça de teatro *O Leiteiro e a Menina Noite*, 1991.



O corpo no palco precisa de gestos largos, não somente para expressar emoções ou sentimentos, mas também para que o espectador mais distante possa visualizar a imagem-gesto daquele corpo. Wulf (2013) vai nos apontar a importância dos gestos para o aprendizado cultural através de processos miméticos. Segundo o autor, “a faculdade mimética das crianças, jovens e adultos está estreitamente vinculada aos processos corpóreos e atuam em um sentido oposto com respeito às tendências de abstração social” (WULF, 2013, p. 77). O conceito de *mimesis* nos ajuda a pensar na produção de gênero a partir dos gestos.

À luz dessas considerações pode-se afirmar que agir e aprender mimeticamente não significa somente “imitar”, mas também “tornar-se semelhante”, “realizar uma representação”, “expressar”, “antecipar mimeticamente”. Conceitos afins ou vizinhos ao de *mimesis* são “mímica”, representação, imitação, reprodução, simulação e *autopoiesis*. Enquanto conceito antropológico, *mimesis* contribui para a compreensão e esclarecimento dos processos educativos e dos processos sociais do agir e da produção cultural. (WULF, 2013, p. 77)

Se gênero é prótese por seu caráter artificial, como afirma Preciado (2014), é por meio da aprendizagem mimética dos gestos que a prótese é encarnada. No palco, o ator de teatro imita, simula e produz gestos para compor uma personagem e realizar uma cena. Faz mímica. Na vida, com nossas próteses encarnadas⁷, encenamos⁸ performances de gênero e

⁷ Encarnar, tornar-se carne. As próteses artificiais de gênero e sexualidade são encarnadas, ou seja, passam a fazer parte dos corpos, constituem os sujeitos. Discursos e gestos são acoplados ao corpo. Estas próteses são encarnadas e naturalizadas a ponto de não questionarmos seu caráter artificial.

sexualidade. Nesta perspectiva, o masculino é uma encenação⁹. O feminino é uma encenação. A heterossexualidade é uma encenação. A homossexualidade é uma encenação. Puro teatro¹⁰!

Conheci minha orientadora, Conceição Soares, na graduação. Desfrutamos do *aprenderensinar* da sala de aula. Porém, antes de ser seu aluno, certa vez, em Salvador, para onde um grupo de professores e alunos haviam se deslocado para participar do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ganhei um prêmio na categoria Programa de Rádio para alunos de graduação. Era meu primeiro congresso, meu primeiro prêmio. No dia seguinte à premiação, Soares fez questão de ouvir meu trabalho e dar seu parecer. Curiosa! Sempre curiosa! Afinal, as práticas do *aprenderensinar* se dão em outros *espaçostempos* no *dentrofora* das escolas.

Eu me formei em Comunicação Social – Rádio e TV na FAESA em Vitória, minha cidade natal, no ano de 2004. Na banca de defesa do meu trabalho final, que teve orientação de João Barreto, estava Soares. Fiquei mais de 10 anos longe do universo acadêmico. Em 2010, já morando no Rio, me instalei no Bairro São Francisco Xavier que fica a poucos quilômetros da UERJ. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro é passagem obrigatória para eu sair ou voltar para casa no sentido centro ou zona sul da cidade. Nunca poderia imaginar que minha professora, Conceição Soares, com quem tive aulas na cidade de Vitória, no Espírito Santo, estivesse ao meu lado. Como numa tragédia grega de Sófocles, a UERJ estava no meu caminho, era meu destino.

1.2 2º Ato - A composição de uma pesquisa em Educação

Meu corpo carrega algumas marcas. Aos olhos de quem me vê, sou homem, cisgênero¹¹, “branco”, homossexual e nem tão jovem assim. Destas marcas, a da homossexualidade é a que mais me aproximou do tema da pesquisa de Conceição Soares.

⁸ Encenar, neste caso, é praticar. Embora eu faça uma alusão às encenações no teatro, no palco da vida praticamos performances de gênero e sexo encarnadas e naturalizadas. O uso do verbo encenar, aqui, é para reforçar o caráter artificial das próteses (discursos e gestos). Assim como os atores de teatro que ensaiam para representar seus papéis no palco, nós também ensaiamos, ao longo da vida, nos diversos meios educativos, nos nossos processos de socialização, nós também ensaiamos os gestos que darão legitimidade às nossas performances de gênero e sexualidade.

⁹ Fernando Pocahy chama nossa atenção para o que ele considera ser “o teatro da heterossexualidade compulsória e os *pocket shows* cotidianos das hetero e homonormas (o que consider aqui como performatividades, ou seja, as normas hetero e homo se constituem como enunciados performativos – recitações estilizadas que, de tão repetidas, produzem significados e sentidos de ‘realidade’).” (POCAHY, 2017, p. 20)

¹⁰ Referência à canção *Puro Teatro*, interpretada por La Lupe. A música faz parte da trilha sonora do filme *Mulheres à beira de um ataque de nervos* de Pedro Almodóvar.

O tema homofobia atravessou meu corpo de diversas maneiras, mesmo sem eu saber. O entendimento do que era homofobia e como ela se processava só veio depois, com o desenvolvimento da pesquisa. Quando decidi fazer o mestrado, num primeiro momento, eu estava buscando entender os processos de produção desta diferença ao qual um grupo de pessoas “diferentes como eu” estavam submetidos. Mesmo me identificando como gay, meu entendimento sobre a homofobia não ia muito além dos crimes de agressão física ou, nos casos ainda mais violentos, assassinatos. Meu entendimento sobre o problema social da homofobia não se distanciava muito da percepção geral de boa parte da sociedade. Porém, para além das práticas de violência física, existem outras de ordem simbólica, cotidianas, em que a homofobia não é percebida nem pelas suas próprias vítimas (BORRILLO, 2010).

O torno mecânico é uma máquina industrial que produz peças cilíndricas de metal bem fálicas. Eu adorava estas aulas práticas do curso de mecânica, mas tinha um problema: ao fim da produção de cada peça, era necessário passar graxa para o metal não enferrujar. O laboratório-sala de aula era até bem limpo e organizado, mas devido ao problema de oxidação do metal, tudo era meio oleoso e gorduroso. Nós os alunos, usávamos óculos de proteção e avental para não sujar o uniforme. Estes eram os acessórios básicos de segurança e higiene necessários para efetivamente participar das aulas. Porém, para não ficar com cheiro de óleo nas mãos, porque óleo e metal têm cheiro, resolvi acrescentar um par de luvas ao meu conjunto particular de proteção e higiene. As luvas eram bem grosseiras, produzidas para quem realiza trabalho pesado e sujo, como os operadores de torno mecânico. Entretanto, naquele ambiente, eu era o único dentre meus colegas a se preocupar com a oleosidade nas mãos. E, quando a aula acabava, terminada ou não a peça em produção, era necessário passar a maldita graxa na peça. Que pesadelo! Eu conseguia escapar da “sujeira”, por conta das luvas, até o fatídico momento da graxa. E agora, como escapar?

¹¹ O conceito de “cisgênero” abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado ao nascer, ou seja, é atribuído às pessoas não-transgênero.

Figura 4 – Com meus colegas de turma nas aulas práticas de torno mecânico, 1990.



Com o tempo, meus colegas, todos homens e supostamente heterossexuais, começaram a perceber a tática que desenvolvi para sobreviver às aulas de torno mecânico. Eu terminava meu exercício, ou seja, minha peça, e ficava fazendo hora na máquina (torno mecânico) até que um de meus colegas de sala fosse em direção à graxa que ficava no fundo do laboratório, ao lado da caixa onde depositávamos as peças produzidas. Era neste exato momento que eu me deslocava até o coleguinha que já estava com as mão lambuzadas de graxa e pedia: passa o lubrificante pra mim? Importante salientar que era sempre um colega diferente para não levantar suspeitas.

Na quinta tentativa de escapar da graxa, apesar de todos os cuidados, fui descoberto e ganhei um apelido: “Laurinha”. Naquela turma, todo mundo tinha apelido. Um garoto de sobrenome Feitosa, era Feiosa. Outro garoto, Edinei, muito lerdo até para falar, ganhou o apelido de Delay. Eram apelidos de todos os tipos, de Superman à Rato. O meu, “Laurinha”.

Laurinha era o nome da personagem de Glória Menezes na novela *Rainha da Sucata* em 1990. Uma vilã chiquérrima da alta sociedade paulistana, porém falida, mas que não perdia a pose. Naquela época, se tinha algo que definia elegância na televisão brasileira, era Laurinha Figueroa, personagem da Glória. Aceitei o apelido com muita satisfação. Não me incomodei. Tudo era brincadeira.

Eu, enquanto “Laurinha”, circulava muito bem naquele ambiente. Existia um clima de camaradagem entre os colegas e eu tinha um amigo, a gente sempre tem, que era mais próximo, mais companheiro. Meu amigo era uma peste! Palhaço, brincalhão, tirava os professores do sério. Certa vez, houve uma discussão entre esse meu amigo e o professor “macho alfa” das aulas práticas de torno mecânico. Nem me lembro por qual motivo. Só sei que eu nada tinha a ver com tal discussão. Então, começou um bate-boca. Os ânimos se

alteraram. Eram dois machos se enfrentando. O professor “machão”, no meio daquela discussão, soltou para meu amigo, em voz alta, a seguinte frase: E sabe o que dizem de você? Que você é um “socador de bosta”!

Gelei! Comecei a suar frio. Um enorme desconforto percorreu todo meu corpo. Meu melhor amigo do curso de mecânica, meu companheiro de tantos trabalhos, estava sendo desqualificado pelo nosso professor por minha causa. O som das palavras chulas proferidas pelo professor me cobriram de vergonha. Eu não era o alvo, mas fui atingido em cheio. Naquele momento, a vontade era de me jogar de um prédio, como fez Laurinha. Na trama da novela, Laurinha cometia suicídio.

Borrillo nos aponta como a homofobia opera no campo social.

O termo “homofobia” designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. (BORRILLO, 2010, p. 22)

Em 06 de abril de 2017, o MEC lançou uma nova versão da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). No novo documento, a homofobia foi retirada da lista de preconceitos que devem ser combatidos na/com a educação.

O fato de que a atual política do governo federal que não reconhece a homofobia como um preconceito a ser combatido nas/com as escolas, o qual produz discriminação, exclusão, evasão e todo tipo de violência, inclusive física, é que faz este trabalho ser necessário, urgente e de fundamental discussão no campo da formação de professoras/es.

Na pesquisa que resulta nesta dissertação, busquei trazer a discussão sobre homofobia para a sala de aula na formação de professora/es, mais especificamente na disciplina *Pesquisa e Prática Pedagógica* - PPP do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no período entre 2016 e 2017. Isso me permitiu observar a partir de problematizações e através da produção de audiovisuais pelas próprias alunas da turma, os conhecimentos tecidos em rede sobre o tema homofobia e intervir na formação de professoras/es, em um processo que se tece em rede de forma não linear e em múltiplos *espaçotempos* de aprendizagens, onde o *aprenderensinar* é praticado, experimentado e sentido.

Vale ressaltar que as múltiplas redes de significações sobre gênero e sexualidade, são tecidas em meio a uma audiovisualização da cultura sem precedentes (KILPP, 2012), seja pelas mídias tradicionais ou redes sociais na internet. Entendemos a audiovisualização da cultura como um conjunto de práticas. Assim,

A ideia de audiovisualidades remete às práticas contemporâneas de assistir, realizar, baixar, armazenar, mixar e/ou compartilhar audiovisuais, criando, com essas operações, memórias, histórias, conhecimentos, sentidos e subjetividades que embaralham regimes de verdades, conformam realidades e que, ao invés de apostar em uma argumentação racional, buscam tocar o sensível, o emocional. As narrativas do presente são tecidas em redes pelas/com as audiovisualidades. (VIEIRA et al., 2016, p. 137)

Alves (2002) nos ajuda a compreender este conjunto de práticas, ou “maneiras de fazer”, entendidas como processos de fabricação de conhecimentos, a partir dos contatos e/ou relações cotidianas que estabelecemos com as tecnologias.

São estes processos quase mudos, quase sem cheiro, quase invisíveis que nos podem indicar as maneiras como são fabricados, no uso, os conhecimentos cotidianos a partir dos produtos oferecidos para consumo: outros conhecimentos, e entre eles os valores que são os conhecimentos que nos impulsionam à ação, e outros tantos objetos, a que vamos chamando tecnologias, que estão em nosso relacionamento com o mundo e as outras pessoas. São nas múltiplas e tão diversas redes de relações entre conhecimentos e objetos, todas criações humanas e, portanto, com a marca do humano, que formamos nossas redes de significados sobre o mundo, nas quais nos tornamos sujeitos. (ALVES, 2002, p. 18)

Meu trabalho se inscreve em uma pesquisa mais ampla: *As audiovisualidades e as redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas na formação de professoras/es – um estudo com vídeos escolares contra homofobia divulgados no YouTube*, coordenada por minha orientadora, que consiste em um mapeamento e posterior curadoria de vídeos contra a homofobia produzidos como trabalhos escolares e postados no YouTube (que constituem, respectivamente, a primeira etapa e a segunda etapa da pesquisa), juntamente com a leitura de textos e os debates realizados em sala de aula, para produzir dúvidas, problematizações e questionamentos nas significações hegemônicas (científicas, midiáticas, familiares, religiosas, etc) e, aproveitando de suas ambivalências, abrir *espaçostempos* para outras práticas e discursos possíveis, dissidentes e insurgentes, experienciados ou performados com a produção de vídeos realizada na terceira e última etapa desta pesquisa, pelas próprias alunas da turma de Pedagogia, com *smartphones* que invadem as escolas e que fazem parte do nosso cotidiano.

A pesquisa foi realizada entre setembro à dezembro de 2016 e de março à junho de 2017 com uma turma da disciplina *Pesquisa e Prática Pedagógica* do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, turno da noite. A turma era formada por 32 estudantes, sendo a maioria absoluta mulheres. As etapas da pesquisa das quais me ocupo – curadoria e produção de vídeos, foram realizadas nos últimos semestres da disciplina (que compreende quatro semestres). Nos dois primeiros que não são abordados aqui, as estudantes assistiam a filmes e a documentários que abordam questões de gênero e sexualidade, leram

textos teóricos de diversos autores sobre esta temática e realizaram diferentes manifestações artísticas com referência ao tema, como jogral, poesia e apresentação musical. A proposta foi criar *espaçostempos* para a tessitura de novas/outras significações sobre gênero e sexualidade para além das hegemônicas.

Ao pensarmos nas tessituras das redes de significações e subjetividades nos/dos/com os cotidianos, em permanente produção e transformação, podemos nos posicionar a partir da perspectiva de Soares, quando postula: "Não somos, não estamos no mundo, mas nos tornamos com o mundo" (2013, p.740). Entendemos que a formação, como processo de invenção de si e de mundo, se tece no entrecruzamento de *saberesfazeres* aprendidos nos diferentes contextos em que se vive, e dentre eles o dos usos das mídias. Hoje, "habitamos uma contemporaneidade que nos convoca, todo tempo, a produzir, usar, interpretar e pensar com narrativas audiovisuais híbridas e transmidiáticas" (SOARES, 2016, p.83).

É na contingência da audiovisualização das culturas, em meio às quais significamos e compartilhamos a contemporaneidade, que proponho o uso do audiovisual como dispositivo de pesquisa-intervenção nos/com os cotidianos das redes educativas dentro/fora das escolas, tendo em vista a busca por uma educação implicada com a criação de estéticas de existência não codificadas, não moduladas pelo biopoder e com a participação de todos na tessitura do presente, o que, a meu ver, constitui uma das formas de emancipação e participação política. (SOARES, 2016, p. 87)

O que pretendemos pensar, ao fim deste processo de pesquisa-formação são as rachaduras produzidas em determinados conhecimentos, e dentre eles valores e preconceitos, que não deixam de ser tipos de conhecimento, que naturalizam o gênero e a sexualidade associando-os aos corpos masculinos e femininos, assim classificados a partir de interpretações das genitálias. Fissuras abertas pelos agenciamentos e articulações dos conhecimentos sobre e contra a homofobia discutidos em sala de aula.

Figura 5 – Em campo, nos corredores e sala de aula, conversando sobre roteiro para a realização dos audiovisuais pelas estudantes do curso de Pedagogia da UERJ.



Conversas, por fim, que atravessaram e modificaram este meu corpo-sujeito-pesquisador-agente-narrador de minha própria história de vida. Enfim, sou apenas mais um praticante, que modifica e é modificado, à medida em que avançamos nesta pesquisa.

1.3 3º Ato – Do silêncio ao berro

Quando surgiu, no final do século XIX, o cinema, audiovisual por excelência, era mudo. Porém, ser “mudo” não significava ser silencioso. Foi um longo processo de pesquisa para que o som fosse incorporado à tecnologia do cinema comercial, mas mesmo “mudo”, nas apresentações públicas, as imagens em movimento eram acompanhadas de comentaristas, pianistas e, nos casos mais luxuosos, de uma orquestra. Levou cerca de 20 anos para o cinema se transformar na “sétima arte” como conhecemos hoje, com suas narrativas, sua estética, sua “linguagem cinematográfica”, sua “linguagem sonora”. Flávia Cesarino Costa (2005) vai investigar o surgimento desta nova tecnologia e busca nos contar os processos que o cinema atravessou, já nas primeiras décadas de seu nascimento, e que ela identificou como: espetáculo, narração e domesticação. De acordo com sua pesquisa, “os primeiros filmes apareceram em 1895. Começaram a ser exibidos em feiras, circos, teatros de ilusionismo, parques de diversões, cafés e em todos os lugares onde houvesse espetáculos de variedades”. (COSTA, 2005, p. 40)

A história do cinema, de seu surgimento em ambientes caóticos, passando por processos de modulação e domesticação até chegar na sala escura como a conhecemos hoje, é fantástica, porém não é o tema deste trabalho. Entretanto, é curioso perceber como esta tecnologia precisou ser “domesticada” (COSTA, 2005), ou docilizada (FOUCAULT, 2018) como os corpos, para atender às necessidades de um mercado, para ser inteligível a um maior número de pessoas, assim adotando práticas de conveniência (CERTEAU, 2013), sendo muitas delas códigos morais para se tornar uma atração rentável.

Neste momento, quero apenas chamar sua atenção para o som no cinema. E em particular os sons incorporados às imagens em movimento, ou seja, ruídos, discursos, gritos, trilha sonora e efeitos sonoros, e nada é mais perturbador do que o silêncio dentro da sala escura de cinema.

Michel Foucault (2014), quando afirma que “o discurso veicula e produz poder”, nos alerta sobre o silêncio e o segredo, e que ambos “dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras” (2014, p. 110). Por isso, acreditamos que a discussão sobre e contra a homofobia

em sala de aula e com o uso do audiovisual, possamos contribuir para a criação de *práticas* educativas que pensem e combatam a discriminação dos considerados desviantes das normas sociais e escolares.

As normas escolares, materiais didáticos, práticas educativas ou o currículo, são *espaçotempos* de construção de identidades, diferenças e preconceitos relacionados ao que é diferente. Guacira Lopes Louro (2014) acrescenta a importância da discussão e de repensar as práticas escolares. Para ela é "indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem" (LOURO, 2014, P. 68).

Entendemos o espaço educacional, mais especificamente a sala de aula, com sua organização espacial (disposição de cadeiras, localização do professor à frente da turma), como um lugar onde um ritual, o de assistir à uma aula, é praticado. Segundo Christof Wulf (2013), "os rituais estão entre as formas mais efetivas de comunicação e interação humana" e "são configurações sociais, nas quais a ação social comum e sua interpretação produzem ordens e hierarquias" (WULF, 2013, p. 89). Portanto, consideramos as repetições, reiteraões e atualizações *dentrofora* das/nas escolas como *espaçotempos* de produção e manutenção de conhecimentos, não somente referentes ao que tange ao gênero e a sexualidade, mas também sobre a homofobia.

Nos rituais cotidianos, "despreocupados e inocentes", seja numa sala da aula ou numa sala de cinema, padrões de comportamento, modos de vida e gestos são encenados. Em sua pesquisa, Wulf (2013) atenta para o fato de que o gênero é aprendido também, de forma mimética através dos gestos, para além do discurso linguístico, de uma enunciação. No caso do cinema, quando pensamos naquele primeiro cinema (COSTA, 2005), do tempo em que ele era ainda "mudo", os gestos eram de fundamental importância para a narrativa, pois não havia uma enunciação, o som da palavra proferida. Assim sendo, uma mulher na tela de cinema quando apoiava a mão sobre a testa, neste gesto, poderia nos dar indício de duas coisas: desespero ou sofrimento. Se ela suspirasse, com certeza sofrimento, provavelmente pela perda de um grande amor. Entretanto, o ato de apoiar a mão sobre a testa, este gesto, não é para todos, como um sorriso. Um homem, para expressar um sofrimento, como a perda de uma grande amor, provavelmente levaria a mão ao peito ou, se estivesse muito desesperado, apoiaria as duas mãos na cabeça. Silenciosamente, modelos de comportamentos são oferecidos para homens e mulheres nas telas de cinema. Seja no palco do teatro, na tela de cinema, no altar da igreja ou na sala de aula, modelos de masculinidade e feminilidade são ofertados para o seu público alvo. Esta encenação, na vida ou na arte, evidencia este processo

de pedagogização dos corpos. Por isso, pensamos com Wulf (2013) a importância dos gestos para uma produção de uma diferença entre o masculino e o feminino que é desejada, almejada e idealizada para corpos, assim classificados, desde antes de seu nascimento, a partir de uma interpretação dos órgãos genitais, de um pênis ou uma vagina.

Diferenças específicas de gênero também são encenadas, repetidas e confirmadas pelos gestos. Portanto, diferenças significativas de gêneros específicos são discerníveis nas brincadeiras de meninos e meninas, nas quais diferentes formas de expressão de comportamento gestual são praticadas como resultado dessa busca por interesses distintos (cooperação e intimidade *versus* competição). Diferenças específicas de gênero também são evidentes no modo como homens e mulheres sentam-se, no espaço que eles ocupam e como eles arrumam suas pernas quando estão sentados. Diferenças semelhantes são discerníveis no modo como as pessoas falam, comem e bebem. Diferenças específicas de classe também são aparentes no uso dos gestos. (WULF, 2013, p.129)

Contudo, Wulf (2013) destaca que os processos miméticos também produzem diferença, pois a mímica não é uma imitação, reprodução fiel do modelo original. Assim sendo, um gesto repetido mimeticamente, pode produzir algo diferente do “modelo original”. Seguindo este pensamento, produzimos a diferença a todo tempo e fica difícil apostar nesta dicotomia entre os seus gêneros e orientação sexual, heterossexual/homossexual, homem/mulher. As redes de significações sobre gênero e sexualidade são múltiplas, com variantes também múltiplas. Por isso acreditamos ser possível tensionar as certezas de um mundo aparentemente heterossexual, certezas de um mundo fabulado, resultando em práticas de gênero e sexualidade cada vez menos normalizadoras ou opressoras/repressoras nos cotidianos das escolas. Daí a importância do audiovisual como um dispositivo nesta pesquisa, não apenas como um disparador de conversas, mas também para a produção de outros conhecimentos possíveis sobre corpos, gênero, sexualidade, modos de vida, educação, ciência e sonhos.

O contexto desta pesquisa se deu em momentos de muitas incertezas políticas, sociais, econômicas, de direitos, de greves e de paralisações. Não é de hoje que, na atual conjuntura política, uma onda fortemente conservadora avança e se articula em diversas instituições da sociedade brasileira, criando assim, uma barreira para programas de governo tais como *Brasil Sem Homofobia* e/ou até mesmo as discussões nas escolas acerca deste tema. Pelas interdições, ao que tudo indica, a discriminação e a marginalização das populações LGBTQI+¹², que aqui estamos chamando apenas de homofobia, de certa forma, vêm sendo

¹² LGBTQI+ significa: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexuais e o que mais vier. Esta foi a última definição que encontrei para o que antes era apenas LGBT. Na busca por incluir todas as sexualidades dissidentes já classificadas pela ciência, os movimentos sociais foram, com o tempo, adicionando letras. Mas o que hoje se apresenta nesta configuração de letras, também já foi LBTTQIA, enfim, não há um consenso e a

impostas para a manutenção de uma heteronormatividade, uma heterossexualidade compulsória, que divide e hierarquiza corpos e comportamentos em duas categorias de pessoas e que opera numa lógica conhecida como binarismo. Borrillo nos dá pistas para enfrentar o preconceito.

Previamente à repressão, a luta contra a homofobia exige, portanto, uma ação pedagógica destinada a modificar a dupla imagem ancestral de uma heterossexualidade vivenciada como natural e de uma homossexualidade apresentada como uma disfunção afetiva e moral. (BORRILLO, 2010, p.106)

É por compartilhar esta aposta que penso que esta pesquisa-formação se insere nas disputas em torno das questões de gênero e sexualidade e no combate à homofobia nas escolas e nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam.

Teatro...
Lo tuyo es puro teatro
Falsedad bien ensayada
Estudiado simulacro
Fue tu mejor actuacion
Destrozar mi corazon
Y hoy que me lloras de veras
Recuerdo tu simulacro
Perdona que no te crea
Me parece que es teatro

La Lupe

2 CIBERCULTURA, VÍDEO E REDES DE SIGNIFICAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE TECIDAS *DENTROFORA* DAS ESCOLAS

Nesse capítulo, busco pensar meus percursos formativos *dentrofora* do Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com e a partir das disciplinas que cursei, da produção de vídeos com meus colegas e de “usos” das informações compartilhadas nas redes sociais digitais que nos pautam, agenciam e provocam aqui, como nas mídias, a fragmentação das abordagens, a equivalência de todos os acontecimentos, a velocidade com que os discursos aparecem e desaparecem, de certa forma apontam para os modos como constituímos *fazeressaberes* nas contingências de uma contemporaneidade marcados pelas lógicas do digital e modos operacionais em rede.

Quando ainda candidato em 2016 o atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella do PRB, evangélico e ex missionário da Igreja Universal do Reino de Deus, assinou um documento intitulado “carta compromisso com o povo carioca”:

Eu, Marcelo Crivella, na qualidade de candidato ao cargo de Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, pelo PRB, nas próximas eleições de 2016, assumo o público compromisso de, se eleito for, respeitar o Magistério da Igreja Católica; defender e promover: o direito pleno à vida, desde a concepção até a morte natural; a família, constituída de acordo com a doutrina da Igreja; a infância e a juventude; o respeito à fé católica e todos os seus símbolos, ritos, manifestações e templos; respeitar todas as crenças e a diversidade religiosa desta cidade na construção do bem comum. Prometo, ainda, combater a ideologia de gênero, de qualquer forma que se manifeste, e seus efeitos nocivos.

Comprometo-me, como homem público e servidor de cada cidadão carioca, fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que não sejam sancionados, aprovados ou executados atos administrativos e leis contrários aos valores acima citados.

Por fim, assumo o compromisso de me empenhar ao máximo para sanção, aprovação e execução de atos administrativos e leis destinados a promover e dar mais garantias aos valores inalienáveis acima mencionados.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2016. (CRIVELLA, 2016)

Em 07 de março de 2017 o vereador David Miranda do PSOL, ativista do movimento LGBT e casado com o jornalista Glenn Greenwald, postou um vídeo¹³ na sua rede social do Facebook com trechos de um discurso realizado na câmara de vereadores da cidade do Rio de Janeiro. Visivelmente emocionado disse:

¹³ Disponível em < <https://www.facebook.com/davidmichael.miranda/videos/1691764064172378/?pnref=story>>. Acesso em 17 de março de 2017.

Vídeo 01 - Discurso de David Miranda na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro¹⁴.



goo.gl/TJYbEn

Hoje eu queria falar com vocês um assunto que é bem particular. Acho que todo mundo aqui conseguiu ver, de alguma forma, o vídeo que está andando na Internet de uma jovem trans, uma travesti, brutalmente espancada até à morte. Até à morte! Isso aconteceu aqui no Brasil. A Dandara hoje está morta por um crime que muitos ainda falam hoje em dia que isso não é um crime de ódio. Imagine uma pessoa ser morta só, simplesmente, por ser o que ela é. A população LGBT sofre, morre, morre todos os dias aqui nesta cidade, no nosso país. A cada 28 horas um LGBT morre por ser um LGBT. Mulheres lésbicas dentro das favelas, dentro das periferias da nossa cidade, do nosso país, sofrem estupro corretivo. O tempo inteiro! Isso está acontecendo na porta de vocês. Aqui, nos outros arredores da cidade. No Ceará. As pessoas trans que todo o tempo carregam nos seus próprios corpos, nos seus corpos, o que elas não podem negar, em momento algum, o que elas são. E que uma sociedade, que é tão hipócrita, tão hipócrita, que é a que mais consome pornô de travestis e de pessoas trans no mundo também é a sociedade que mais mata travesti e transexuais, o Brasil. A gente vive hoje um massacre sobre a população LGBT. Ano passado, um jovem, Diego, foi morto brutalmente, aqui na nossa cidade, numa faculdade, lá no Fundão. Ele foi espancado à pauladas e o corpo foi deixado lá. Não encontraram os culpados até agora. Não encontram! Quando a gente fala da violência contra essa população, vários senhores dentro desta casa acham que queremos privilégios. O que que é o privilégio de ter que sofrer a sua vida inteira? Com piadas, com agressão, ser expulso de casa... Vocês acham que é privilégio ter que passar na rua e ter medo de segurar a mão do seu namorado, sua namorada... Quando você tem que ter a resistência... Quando uma pessoa trans, um homem trans, ou uma mulher trans, que tem que andar todos os dias dentro da cidade, que são cuspidos, que são ameaçados, que levam porrada, que levam facada, que são mortos todos os dias neste país. Ser um LGBT no nosso país e no mundo não é fácil. Tem que resistir, tem que passar todos os dias pensando em qual é a forma que você vai estar ali resistindo. Quando a gente é jovem, a escola é um dos piores lugares que existe. Todos os dias são xingamentos que a gente tem que passar. Todos os dias são ameaças que você volta levando aquilo para dentro de casa. Ser LGBT no nosso país é muito difícil! Os nossos estão morrendo. Seres humanos estão morrendo. Esta casa aqui vai ter que votar os projetos de lei que estão sendo colocados aqui para salvar vidas. Eu estou falando de seres humanos. Eu estou falando de criminalização sobre

¹⁴ Para assistir aos vídeos deste documento, você pode fazer uso do QR Code (sigla do inglês *Quick Response*). É um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera e está localizado ao lado de cada imagem dos respectivos vídeos. Entre na sua loja de aplicativos e baixe gratuitamente um aplicativo leitor/ scanner de QR Code, seja ele Android, Windows Phone ou iPhone. Outra opção, para quem deseja usar o computador pessoal e digitar o endereço eletrônico das páginas de vídeo no navegador, são os links encurtados (*URL Shortening*), localizados logo abaixo dos Códigos QR.

aquilo que está acontecendo aqui no nosso país agora. E os senhores não prestam a atenção. E mais, daqui há 25 horas, um outro morre. Pode ser um filho de vocês, pode ser a filha de vocês, à paulada, dentro da sociedade que mata com violência todos os dias. Eu vou estar com muita paciência, com todos os dados possíveis, para poder demonstrar para esta casa, que é muito conservadora, que a gente precisa falar sobre gênero nas escolas. Porque a gente precisa acabar com esta violência, porque tem uma população que está morrendo. Que está morrendo! À paulada! Por ser só seres humanos. E essa casa aqui é um lugar onde a gente formata leis. As leis que são leis que podem proteger. E essa casa aqui vai ter que escutar e vai ter que votar essas leis. E eu vou estar aqui. E eu vou estar aqui pedindo para que vocês escutem. Escutem aqueles que estão morrendo! Escutem aqueles que estão morrendo! Dandara, presente! Diego, presente! Obrigado. (MIRANDA, 2017)

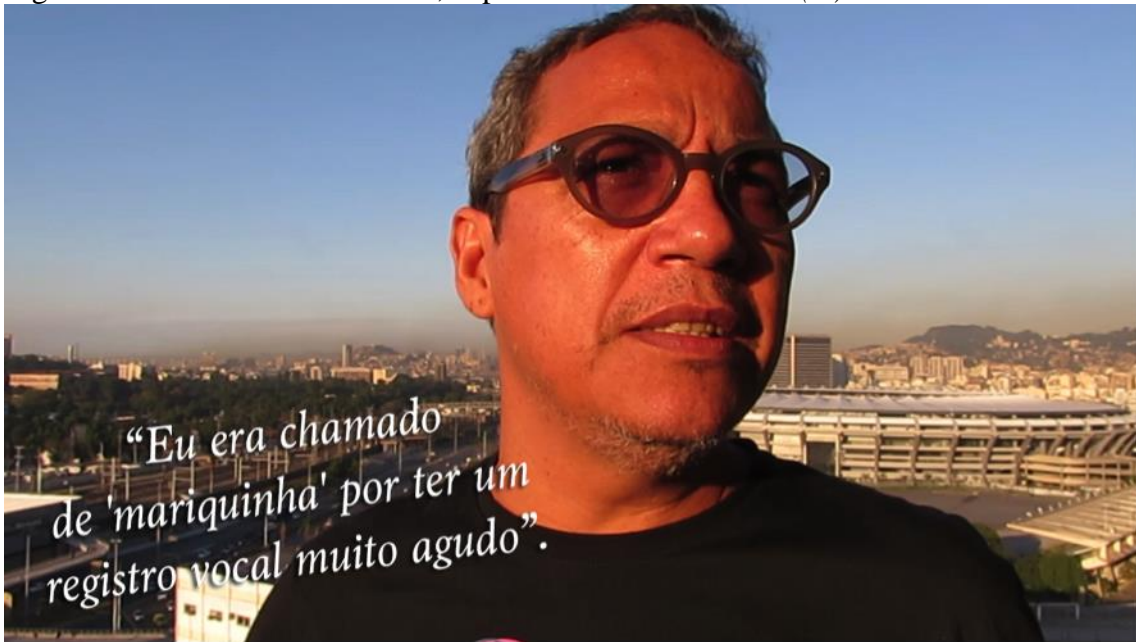
Apresentados estes dois fatos recentes, que têm caráter “histórico político”, ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, gostaria de chamar sua atenção para o uso da palavra “gênero” em ambos os discursos. Enquanto o vereador, David Miranda, afirma que “a gente precisa falar sobre gênero nas escolas”, Crivella, o prefeito, se compromete à “combater a ideologia de gênero, de qualquer forma que se manifeste, e seus efeitos nocivos”. Temos aqui um embate, uma tensão política onde a escola é colocada no cerne desta questão. Por quê? E o que é “ideologia de gênero”? Como ela se manifesta? Quais seriam os seus efeitos nocivos? Afinal, a “ideologia de gênero” existe?

2.1 A ideologia de gênero na escola

Para que serve a escola? Esta questão foi levantada por uma de minhas colegas do mestrado em sala de aula quando debatíamos sobre propostas de trabalho para a conclusão da disciplina obrigatória do programa, *Produção do Conhecimento em Educação*, em 2016, ministrada por Walter Cohan e Siomara Borba. Esta mesma pergunta foi feita para os entrevistados do *(D)Escolar*¹⁵. E foi exatamente esta mesma pergunta que, no documentário, causou uma espécie de suspensão nos depoentes. Foram momentos de reflexão, pausa, suspiros e desconforto. Enquanto alguns arriscavam respostas bem diferentes, outros preferiram não responder, alegando que esta era uma pergunta muito difícil.

¹⁵ *(D)Escolar* foi um documentário realizado por mim e Bruno Rossato para a disciplina Corpo, Gênero e Sexualidade, ministrada por Conceição Soares e Fernando Pocahy. Nele, tensionamos os sentimentos e experiências que transitam em nossas memórias do período escolar, trazendo como eixo central para essa problematização as múltiplas variantes das formas de vida que habitam o mundo. (2015)

Figura 6 – Professor João Barreto, depoente do documentário *(D)Escolar*.



Propositadamente, no documentário, a pergunta aparece após os entrevistados relatarem suas memórias de infância dentro do ambiente escolar. Uma experiência que deixou marcas nos corpos destes depoentes e que traz lembranças, muitas das vezes, nada prazerosas ou romantizadas sobre suas vivências dentro da escola. As questões de gênero e sexualidade nortearam a problematização.

Na obra de Rancière, *O Mestre Ignorante*, o autor nos aponta um processo que ocorre no ambiente escolar, que é o do embrutecimento a partir da hierarquização das inteligências. Surge então a figura do mestre embrutecedor, pois “há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada à outra inteligência”. (2015, p. 31)

O mestre sempre guarda na manga um saber, isto é, uma ignorância do aluno. Entendi isso, diz o aluno satisfeito. – Isso não é o que você pensa, corrige o mestre. Na verdade, há uma dificuldade de que, até aqui, eu o poupei. Ela será explicada quando chegarmos à lição correspondente. – O que quer dizer isso? Pergunta o aluno curioso. – Eu poderia explicar, responde o mestre, mas seria prematuro: você não entenderia. Isso lhe será explicado no ano que vem. Há sempre uma distância a separar o mestre do aluno, que, para ir mais além, sempre ressentirá a necessidade de um outro mestre, de explicações suplementares. (RANCIÈRE, 2015, p. 41)

Assim, estabelece-se uma relação de poder entre mestre e aluno, cujo método de ensino, por meio da incompletude da informação, mantém uma suposta hierarquia das inteligências.

Estamos trabalhando aqui na perspectiva de Foucault, na qual o poder não é propriedade de ninguém, mas se constitui em uma relação, uma disputa. Para Foucault (2016) só podemos exercer o poder mediante uma verdade. Portanto,

[...] é bem possível que as grandes máquinas do poder sejam acompanhadas de produções ideológicas. Houve sem dúvida, por exemplo, uma ideologia da educação, uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar, etc. Mas, na base, no ponto em que terminam as redes de poder, o que se forma, não acho que sejam ideologias. É muito menos e, acho eu, muito mais. São instrumentos efetivos de formação e de acúmulo de saber, são métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de investigação e de pesquisa, são aparelhos de verificação. Isto quer dizer que o poder, quando se exerce em seus mecanismos finos, não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são acompanhamentos ou edifícios ideológicos. (FOUCAULT, 2016, p. 29)

A escola não é uma instituição isolada da sociedade em geral, tampouco é habitada somente por inteligências, mas sim por pessoas, por corpos que são docilizados e disciplinados para atender à uma lógica social de comportamento, produção, reprodução, mercado e consumo. Portanto, para além das inteligências, a figura do mestre embrutecedor remete à outras questões que fazem pensar em outros processos embrutecedores que ocorrem nas escolas, muitas vezes não percebidos pelos mestres pelo seu caráter “natural” e normativo. Seguindo a lógica de Foucault (2014, p. 81), encaramos a escola como um lugar que faz parte de um sistema que coloca em funcionamento “uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes”.

Compreender o poder como um conjunto de relações, conforme Foucault sugeriu repetidas vezes, significa compreender como tais relações são racionalizadas. Significa examinar de que modo formas de racionalidade se inscrevem em práticas e sistemas de práticas, e qual papel desempenham dentro deles. (OKSALA, 2011, p. 105)

Portanto, o mestre embrutecedor de Rancière faz parte de um CISTema¹⁶ que perpetua práticas pedagógicas que, não somente estabelecem uma hierarquia das inteligências, mas também, exercem um poder nos corpos que habitam a escola, para poder exercer uma governamentalidade destes corpos, segregando-os a partir de outros marcadores de exclusão, tais como raça, gênero e sexualidade. Pois,

A governamentalidade designa o desenvolvimento dessa forma de poder complexa e essencialmente moderna que tem por foco a população: ela é exercida através de instituições administrativas, formas de conhecimento, bem como táticas e estratégias explícitas. [...] O Estado tem de cuidar de seres vivos, compreendidos como uma

¹⁶ CISTema é uma apropriação do uso do conceito de cisgeneridade. “O termo ‘cisgênero’ é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero”. (JESUS, 2012). Vergueiro aponta que este é um “conceito central para a proposição teórica e política por descolonizações de corpos e gêneros inconformes: a cisgeneridade. A partir deste conceito, utilizado fundamentalmente para se pensarem formações corporais e identidades de gênero naturalizadas e idealizadas, é que se pretende caracterizar uma normatividade de gênero – a cisonormatividade, ou normatividade cisgênera – que exerce, através de variados dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero que, de diversas formas e em diferentes graus, não estejam em conformidade com seus preceitos normativos”. (SIMAKAWA, 2015, p. 44)

população. Deve se concentrar na vida e na saúde de seu povo, e por isso Foucault chama a política do Estado moderno de *biopolítica*. (OKSALA, 2011, p. 104)

Gadelha vai se apropriar do conceito de biopolítica e governamentalidade de Foucault para analisar a escola e constata:

Na medida em que a escola se viu investida como principal agência de socialização, depois da família, e que, nessa condição, ela passou a influir decisivamente no funcionamento desta última e; na medida em que ela acolheu esses saberes exteriores, tomando o que eles produziram por referência modelar para a organização e racionalização do trabalho pedagógico-formativo (no tempo e no espaço), operando cotidianamente com uma série de ações (adestramento do corpo, vigilância hierárquica, sanção normalizadora, exame, etc.) sobre ações possíveis de um sem número de indivíduos, a escola talvez constitua um dos lugares mais exemplares e um veículo, por excelência, de normalização disciplinar. (GADELHA, 2013, p. 178)

Em sua análise, Gadelha evidencia outro processo embrutecedor intrínseco à escola, o de normalização e classificação dos corpos. Alinhamo-nos ao pensamento de Foucault para chamar a atenção para a norma, ou um sistema de normas que classificam os sujeitos segundo uma lógica binária de representações desse sujeito, e que também estabelece uma relação de hierarquia entre os sujeitos.

Na minha percepção, até onde alcançam minhas leituras e vivências acadêmicas, esta é uma lógica que é anterior à raça, classe social ou nacionalidade. Uma lógica que naturaliza a heterossexualidade, que a define enquanto norma social e que marginaliza as orientações sexuais diferentes da heterossexual: a heteronormatividade.

O discurso da disciplina é alheio ao da lei; é alheio ao da regra como efeito da vontade soberana. Portanto, as disciplinas vão trazer um discurso que será o da regra; não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, isto é, da norma. Elas definirão um código que será aquele, não da lei, mas da normalização, e elas se referirão necessariamente a um horizonte teórico que não será o edifício do direito, mas o campo das ciências humanas. E sua jurisprudência, para essas disciplinas, será a de um saber clínico. (FOUCAULT, 2016, p. 33)

Em entrevista a Jesús Carrillo, Paul Beatriz Preciado faz uma crítica ao feminismo marxista, porque desconfia da pertinência teórica e política da utilização da noção de diferença sexual somente a partir da divisão sexual do trabalho. Assim sendo, Preciado (2010) faz uma observação partindo de sua própria experiência de pessoa trans:

O *locus* da construção da subjetividade política parece ter se deslocado das tradicionais categorias de classe, trabalho e divisão sexual do trabalho a outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça; mas também a nacionalidade, a língua, o estilo ou, inclusive, a imagem. No entanto, me distancio também de algumas das formulações ortodoxas da teoria *queer*¹⁷, porque

¹⁷ A influência do pensamento e ativismo queer contribuiu para o questionamento do binarismo de gênero e da dicotomia homo/hetero, para evidenciar a violência de toda formação identitária [...]. No entanto, sobretudo

não entendo os regimes disciplinares como mecanismos fechados de reprodução social. (PRECIADO, 2010, p. 54)

O gênero e a sexualidade são tão naturalizados que pouco se pensa sobre as práticas que os produzem e normalizam no cotidiano escolar. A heteronormatividade é um “CISistema” que classifica os corpos quanto ao gênero (masculino/feminino) e à sexualidade, pressupondo práticas sexuais heterossexuais como norma. Louro (2013) traduz bem essa ideia quando afirma:

A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. (LOURO, 2013, p. 16)

Adrienne Rich, feminista lésbica, evidencia o padrão heteronormativo quando, dentro do próprio movimento feminista, tensiona questões que perpassam o corpo feminino lésbico, considerando também marcadores raciais, como o corpo negro que, até então, ainda não haviam sido pensadas pelas feministas brancas e heterossexuais. Rich (2010, p. 23) delata que as discussões do movimento feminista, até aquele momento, foram “desenroladas sem referência qualquer à heterossexualidade compulsória como um fenômeno, sem dizer como uma ideologia”. Vale ressaltar ainda que o termo “ideologia” foi aqui associado à heterossexualidade por Rich.

Foucault nos apresenta essa “política do sexo” que também é praticada na escola, mas que não passa pela interdição, mas sim por todo um dispositivo tecnológico que visa a produção de uma “sexualidade” normalizada e legitimada.

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada desse corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (FOUCAULT, 2014, p. 169)

Portanto, dialogando com o Estado, a família e as religiões, a escola é mais um braço, neste “CISistema”, uma força que dá sustentação à produção de uma sexualidade hegemônica e compulsória, ou seja, a heterossexualidade.

Entendemos a heterossexualidade, apenas, como mais uma expressão da sexualidade humana entre outras possíveis. E a heterossexualidade em si não é problema algum, porém, quando estabelecida como norma, como o único modelo possível de existência, é que, de fato,

durante a última década, permitiu a articulação de discursos minoritários, práticas políticas, artísticas e culturais que estavam emergindo nas comunidades feministas, okupas, lésbicas, anticapitalistas, bichas e trans. (SOLÁ apud SIMAKAWA, 2015, p. 39)

ela passa a ser um problema social e traz consigo consequências negativas, seja por processos de exclusão ou violência destinados à determinadas populações tidas como minoritárias, contra todos aqueles que não se adequam ou seguem à norma. Podemos afirmar que a heteronormatividade alimenta um fenômeno social que, apesar de algumas especificidades quanto ao sujeito, chamaremos nesta pesquisa de homofobia. Trata-se de um termo que circula nas escolas e em programas governamentais de forma abrangente, operando de forma a englobar o preconceito contra todos os LGBTs, apesar de desconsiderar as especificidades das discriminações, reivindicações e lutas. Na pesquisa, o termo opera bem, pois nos permite capturar, nos dispositivos de busca, as diferentes apropriações e desdobramentos nos cotidianos escolares do *Programa Brasil sem Homofobia*.

Se usarmos o modelo de embrutecimento de Rancière (2015), ou seja, a hierarquização das inteligências, e transferirmos este modelo para os processos de subjetivação voltados para a produção de uma sexualidade que assim torna-se hegemônica, naturalizada e normatizada, que é a heterossexualidade, temos aqui também um processo de hierarquização das sexualidades. E todos os corpos que não atendam aos padrões de gênero e sexualidade “normalizados”, estarão sujeitos a variados processos de violência, exclusão, desigualdade e desumanização.

A homofobia é comumente entendida como uma agressão, física ou verbal, aos homossexuais. Entretanto, a homofobia é um processo muito mais complexo e se assemelha a aos processos de exclusão social tais como o racismo, antissemitismo, sexismo ou a xenofobia. Assim como os corpos e o próprio sexo, a homofobia é resultado de uma construção social, cultural e histórica. Tais processos, contudo, podem ser problematizados.

As análises de Foucault revelam, por fim, ser possível e necessário problematizar o corpo, ou seja, estranhá-lo, colocá-lo em questão. Suas análises anunciam serem infinitas as histórias sobre os corpos ainda que seja absoluta uma certeza: o corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica. (GOELLNER, 2003, p. 32)

Borrillo (2010, p. 26) nos fala de uma homofobia geral que é “uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino)”. E que a homofobia não pode ser entendida sem levarmos em consideração essa diferença naturalizada entre os dois sexos engendrada na heterossexualidade.

A heterossexualidade aparece, assim, como o padrão para avaliar todas as outras sexualidades. Essa qualidade normativa – e o ideal que ela encarna – é constitutiva de uma forma específica de dominação, chamada *heterossexismo*, que se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa posição superior. Todas as outras formas de sexualidade

são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. (BORRILLO, 2010, p. 31)

Se Rancière (2015) nos aponta um processo de embrutecimento na educação que perpassa pela hierarquização das inteligências, logo, percebemos que existe também um processo de embrutecimento dos modos de viver as potências e os prazeres dos corpos que também atravessa a escola. Em última análise, Rancière chama nossa atenção para a questão do princípio da desigualdade.

Há desigualdade nas *manifestações* da inteligência, segundo a energia mais ou menos grande que a vontade comunica à inteligência para descobrir e combinar relações novas, mas não há hierarquia de *capacidade intelectual*. É a tomada de consciência dessa igualdade de *natureza* que se chama emancipação, e que abre o caminho para toda aventura no país do saber. (RANCIÈRE, 2015, p. 49)

E conforme a teorização de Foucault (2014), que necessariamente perpassa pela história da sexualidade, a produção do sexo da criança está presente.

Na sexualidade da infância elabora-se a ideia de um sexo que está presente (em razão da anatomia) e ausente (do ponto de vista da fisiologia), presente também caso se considere sua atividade e deficiente se nos referirmos à sua finalidade reprodutora; ou, ainda, atual em suas manifestações mas escondido em seus efeitos, que só aparecerão em sua gravidade patológica mais tarde; e no adulto, se o sexo da criança ainda estiver presente, será sob a forma de uma casualidade secreta que tende a anular o sexo do adulto (foi um dos dogmas da medicina dos séculos XVIII e XIX supor que a precocidade sexual provocaria mais tarde a esterilidade, a impotência, a frigidez, a incapacidade de sentir prazer, a anestesia dos sentidos), sexualizando-se a infância, constituiu-se a ideia de um sexo marcado pelo jogo essencial da presença e da ausência, do oculto e do manifesto; a masturbação com os efeitos que lhe atribuem revelaria, de maneira privilegiada, esse jogo da presença e da ausência, do manifesto e do oculto. (FOUCAULT, 2014, p. 166)

E é nesse jogo do oculto e do manifesto, que a normalização dos gêneros e das sexualidades vai sendo culturalmente produzida nas escolas. A heteronormatividade está presente na escola, todavia oculta, por seu caráter invisível enquanto norma e naturalizada enquanto sexualidade hegemônica. Assim, os corpos que habitam a escola vão sendo normalizados, operando dentro de uma lógica que se manifesta em práticas tão corriqueiras, triviais e inquestionáveis, tais como: “menina não senta de perna aberta”, “menino não chora”, “azul para os meninos”, “cor rosa para as meninas”, “carrinhos para meninos”, “bonecas para meninas”; tudo é tão “natural” como também aprendemos que a inteligência do professor é “superior”, pois ele ou ela sabem mais. Se o processo do embrutecimento não é percebido nos processos pedagógicos das escolas, a heteronormatividade também não é.

Quando o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, afirma que irá “combater a ideologia de gênero, de qualquer forma que se manifeste, e seus efeitos nocivos”.

(CRIVELLA, 2016), obviamente que ele não entende “ideologia de gênero” nos termos aqui apresentados e defendidos, na verdade, para mim, ela implica na desocultação desses processos, ou seja, ideologia é a produção e a normalização dos gêneros e das práticas sexuais.

Assim, se é que existe uma “ideologia de gênero”, esta já está implementada nas instituições, no nosso caso específico, na escola. É esta ideologia que cria, exclui e desqualifica o outro quanto ao gênero ou à sexualidade. Um dos efeitos nocivos desta “ideologia de gênero”, desta lógica operacional heteronormativa, sexista e racial, é a homofobia, e, que se manifesta nas mais diferentes formas de violência, assim hierarquizando corpos e sujeitos, e excluindo os desviantes da norma, todos aqueles que divergem da norma quanto ao gênero ou à sexualidade. Porém, a carta-compromisso de Crivella nos aponta um combate aos estudos de gênero e sexualidade que, na verdade, denunciam a norma e seus efeitos nocivos. Há no discurso do Crivella uma inversão de sentido quando sugere que a “ideologia de gênero” é um mecanismo para disseminar a homossexualidade e as identidades de gênero consideradas inadequadas, ameaçando às famílias. Por isso o apelo do vereador, David Miranda, na Câmara de Vereadores, afirmando “que a gente precisa falar sobre gênero nas escolas”. Nela se faz presente a lógica operatória da ideologia de gênero.

Vídeo 02 - *(D)Escolar*.¹⁸



goo.gl/SJDLJr

Concordamos com Rancière (2015, p. 57) quando aponta a emancipação do aluno como uma possível fuga dos processos de embrutecimento dos corpos e das inteligências. E

¹⁸ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=PJ4YQYeON7c>> Acesso em 25 de junho de 2018.

que “para emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio”. O personagem principal que dá título à sua obra, o mestre ignorante, nos aponta uma saída:

É assim que o mestre ignorante pode instruir tanto aquele que sabe quanto o ignorante: verificando se ele está pesquisando continuamente. Quem busca sempre encontra. Não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que é *preciso encontrar*. Mas encontra alguma coisa nova, a relacionar à *coisa* que já conhece. O essencial é essa contínua vigilância, essa atenção que jamais se relaxa sem que venha a se instalar a desrazão – em que excelem tanto aquele que sabe quanto o ignorante. O mestre é aquele que mantém o que busca em seu caminho, onde está sozinho a procurar e o faz incessantemente. (RANCIÈRE, 2015, p. 56)

Pois, sigo meu caminho à procura de uma saída, afinal, nem todos os corpos são capturados pelas lógicas operatórias da ideologia de gênero. Há dissidências. Portanto, existe aí uma fissura, uma rachadura neste “CIStema” imposto a todos os corpos.

A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é entre abstrato a nos governar e nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos, tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica. (GOELLNER, 2003, p. 39)

Para Foucault (2014, P. 171), “contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres”. É preciso então emancipar corpos e mentes, através do prazer da vontade de aprender e questionar. Para que haja o combate à homofobia e aos diversos tipos de exclusão e violência que estão intrinsecamente ligados a ela, é indispensável abordar o tema, problematizar o que já está naturalizado e desconstruir os discursos e as práticas cotidianas que produzem o outro como diferente, que idealizam a heterossexualidade como forma exclusiva e única de aceitação a relacionamentos, afeto, prazer e desejo, tendo-a assim como o padrão de normalidade. Nesse contexto, o audiovisual como dispositivo de pesquisa-intervenção na formação de professoras/es, opera na desestabilização de certezas e na criação de outras redes de *saberesfazeres* possíveis.

A partir do que foi discutido, considero importante destacar que os usos dos audiovisuais nas práticas educativas e nas pesquisas em educação, incluindo a produção de vídeos por alunos professores e/ou pesquisadores: excedem a aprendizagem das técnicas, das linguagens, dos temas transversais e dos conteúdos disciplinares abordados; redefinem a perspectiva de representação realista dos acontecimentos pesquisados que operaria como “prova de verdade”; problematizam a possibilidade de “dar voz” a sujeitos acabados constituídos a priori, ao enfatizar a invenção de si e de mundo engendrados nos processos de relação e criação; põem em xeque a perspectiva de um caráter meramente instrumental do audiovisual; e, por fim, indicam as tramas entre saber, poder e subjetivação tecidas no trabalho do dispositivo (FOUCAULT, 1986). (SOARES, 2016, p.100)

E para o vereador, David Miranda, que deixou o púlpito da Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro, debaixo de lágrimas, após proferir o seu discurso, uma mensagem veio das ruas, do carnaval carioca, síntese de nosso povo, nossa nação, onde percorrem os saberes cotidianos e populares: “Segura esse babado! Aqui tem sapa, gay, viado, mandando esse recado: Ele beija ele. Ela beija ela. Beijinho no ombro, não tem choro e nem Crivella”¹⁹. Aqui na UERJ, a gente vai falar de gênero e também de sexualidade na formação de professores. Ah, vai! Porque “a gente é gente, vai à luta e muda a cena. Toda forma de amor vale a pena”.

Vídeo 03 - Vídeo com o samba enredo²⁰ do bloco *Comuna Que Pariu*.



2.2 Homofobia e o aumento da onda conservadora no Brasil

É preciso voltar no tempo para entender melhor os motivos que levaram à invenção do termo “ideologia de gênero”, presente na carta do prefeito Marcelo Crivella, e que levaram ao discurso dramático do vereador David Miranda.

2.2.1 Programa Brasil sem Homofobia

Em 2004, o governo federal, através da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), no âmbito do Programa Direitos Humanos, Direitos de Todos, lança o *Brasil Sem*

¹⁹ As Bi, as Gay, as Trans e as Sapatão tão junta no Comuna pra fazer Revolução! Compositor@s: Andréa Motta, Belle Lopes, Bil-Rait “Bucheça”, Manu da Cuíca, Nina Rosa, Tiago Sales e Victor Neves.

“Esse enredo vem para fechar um ciclo de temas sociais que abordamos. Primeiro foi o direito das mulheres. No ano passado falamos sobre o racismo. Agora estamos denunciando a homofobia”, diz o maestro do bloco, Bil-Rait Buchecha. Segundo Buchecha, um dos compositores da letra do samba do Comuna que Pariu, o tema é fundamental na atual conjuntura política de avanço do conservadorismo. (BRASIL DE FATO, 2017)

²⁰ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ijB2aofSrh8> > Acesso em 25 de julho de 2018.

Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Tinha como objetivo “promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais²¹”. No documento, o então Secretário Especial de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, afirmava que:

Um dos objetivos centrais deste programa é a educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos. Buscamos a atitude positiva de sermos firmes e sinceros e não aceitarmos nenhum ato de discriminação e adotarmos um “não à violência” como bandeira de luta²².

O programa foi dividido em 11 eixos²³, que se desdobravam em 53 ações²⁴, voltadas para:

- a) apoio a projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania homossexual e/ou no combate à homofobia;
- b) capacitação de profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos;
- c) disseminação de informações sobre direitos, de promoção da autoestima homossexual; e
- d) incentivo à denúncia de violações dos direitos humanos do segmento GLBT (CONSELHO, 2004, p. 11)

Neste sentido, o programa possuía como princípios:

- A inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais, nas políticas públicas e estratégias do Governo Federal, a serem implantadas (parcial ou integralmente) por seus diferentes Ministérios e Secretarias.
- A produção de conhecimento para subsidiar a elaboração, implantação e avaliação das políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual, garantindo que o Governo Brasileiro inclua o recorte de orientação sexual e o segmento GLTB em pesquisas nacionais a serem realizadas por instâncias governamentais da administração pública direta e indireta.
- A reafirmação de que a defesa, a garantia e a promoção dos direitos humanos incluem o combate a todas as formas de discriminação e de violência e que, portanto, o combate à homofobia e a promoção dos direitos humanos de homossexuais é um compromisso do Estado e de toda a sociedade brasileira (CONSELHO, 2004, p. 11-12)

²¹ CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual, 2004, p. 11

²² Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>, p. 7. Acesso em 07 de março de 2017.

²³ São compostos por ações direcionadas a: I - Articulação da Política de Promoção dos Direitos de Homossexuais; II - Legislação e Justiça; III - Cooperação Internacional; IV - Direito à Segurança; V - Direito à Educação; VI - Direito à Saúde; VII - Direito ao Trabalho; VIII - Direito à Cultura; IX - Política para Juventude; X - Política para Mulheres; XI - Política Contra o Racismo e Homofobia.

²⁴ Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>, p. 19-26. Acesso em 07 de março de 2017.

2.2.2 Projeto Escola sem Homofobia: estigmatizado como “kit gay”

O plano de ações do Programa Brasil sem Homofobia, tem as seguintes diretrizes em seu componente *V – Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e à não discriminação por orientação sexual*:

Elaborar diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na implementação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e à não-discriminação por orientação sexual; Fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade; Formar equipes multidisciplinares para avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia; Estimular a produção de materiais educativos (filmes, vídeos e publicações) sobre orientação sexual e superação da homofobia; Apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores; Divulgar as informações científicas sobre sexualidade humana; Estimular a pesquisa e a difusão de conhecimentos que contribuam para o combate à violência e à discriminação de GLTB; Criar o Subcomitê sobre Educação em Direitos Humanos no Ministério da Educação, com a participação do movimento de homossexuais, para acompanhar e avaliar as diretrizes traçadas²⁵.

Assim, restou claro o entendimento do governo brasileiro em relação à atuação da escola como um dos principais agentes responsáveis pela produção, reprodução e naturalização da homofobia, não somente referente aos conteúdos disciplinares, mas também às interações cotidianas que podem ser observadas em seu interior e que são extensivas, também, ao ambiente domiciliar.

No que se refere ao ambiente escolar, não se pode deixar de registrar alguns dados de recente pesquisa feita pela UNESCO⁷, envolvendo estudantes brasileiros do ensino fundamental, seus pais e professores, e revelando que os professores não apenas tendem a se silenciar frente à homofobia, mas, muitas vezes, colaboram ativamente na reprodução de tal violência²⁶.

Isto porque, a homofobia repete a mesma lógica operatória de outras formas de violência e diferenciação tais como o racismo, xenofobismo e o sexismo. Todavia, uma fundamental diferença pode ser observada: enquanto uma vítima de racismo é amparada e confortada por seus familiares, a vítima de homofobia, com raríssimas exceções, não encontra em seu próprio lar o apoio e compreensão necessários para o seu conforto. Compreende-se, portanto, o papel fundamental que uma instituição verdadeiramente cidadã possui em desnaturalizar a homofobia para além de seus muros.

Nesse contexto, parte do programa seria direcionado à formação de educadores, a fim de que fossem tratadas as questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. Nascia, assim, o

²⁵ Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>, p. 22. Acesso em 10 de março de 2017.

²⁶ Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>, p.18. Acesso em 10 de março de 2017.

Projeto Escola Sem Homofobia, criado pela Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (SECAD) e elaborado por entidades de defesa dos direitos humanos e de entidades representativas das lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) – Comissão de Direitos Humanos da Minoria (CDHM), juntamente com parte da Comissão de Educação do MEC, tendo como objetivos:

Contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro. Essa contribuição se traduz em subsídios para a incorporação e a institucionalização de programas de enfrentamento à homofobia na escola, os quais pretendemos que façam parte dos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino do Brasil²⁷.

Logo, sua principal finalidade é “contribuir para o reconhecimento da diversidade de valores morais, sociais e culturais presentes na sociedade brasileira, heterogênea e comprometida com os direitos humanos e a formação de uma cidadania que inclua de fato os direitos das pessoas LGBT”²⁸.

Então, por meio de um convênio firmado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi elaborado o material composto por um caderno, uma série de 06 (seis) boletins (*Boleshs*), 01 (um) cartaz, cartas de apresentação para o/a gestor(a) e para o/a educador(a) e 03 (três) audiovisuais²⁹ com seus respectivos guias, que tratavam o despertar da eroticidade na juventude, período da infância e adolescência, e sua vertente “homoerótica”, que seria distribuído às escolas pública de todo o país, destinado a alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e aos alunos do Ensino Médio, pessoas com idades similares às demonstradas no vídeo.

Os vídeos presentes no kit, com composições simples, mostram o cotidiano de descobertas e afirmação de identidades.

²⁷ Disponível em <<http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>, p. 09. Acesso em 10 de março de 2017.

²⁸ Disponível em <<http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>, p. 09. Acesso em 10 de março de 2017.

²⁹ DVD Boneca na Mochila (Versão em LIBRAS), DVD Medo de quê? e Audiovisual Torpedo, que reúne três histórias que acontecem no ambiente escolar: Torpedo, Encontrando Bianca e Probabilidade.

Vídeo-04 - Boneca na Mochila.



goo.gl/JGe5Yo

O DVD *Boneca na Mochila*³⁰ é uma ficção que promove a reflexão crítica sobre as expectativas dos gêneros binários, sendo mostrado ao longo do audiovisual, momentos que revelam a preocupação com a "anormalidade" de quem sai do padrão pré-estabelecido, neste caso, o de que o menino não deveria brincar de boneca.

Durante o caminho, casualmente, o rádio do táxi está sintonizando um programa sobre homossexualidade que, além de noticiar o fato que se passa na escola onde estuda o menino em questão, promove um debate com especialistas em educação e em psicologia, a respeito do assunto.

Já o DVD *Medo de quê?*³¹, é um desenho animado que promove a reflexão quanto a heteronormatividade e a influência da sociedade em relação a vivência e os desejos de cada pessoa.

Vídeo-05 - Medo de quê?



goo.gl/jJUAa1

³⁰Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xGRTa7BPWy4&t=8s>> Acesso em 25 de março de 2017.

³¹Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cIoeUqBxhi0>> Acesso em 25 de março de 2017.

Marcelo, o personagem principal, é um garoto que como tantos outros tem sonhos, desejos e planos. Seus pais, seu amigo João e a comunidade onde vive mostram expectativas em relação a ele que não são diferentes das que a sociedade tem a respeito dos meninos. Porém nem sempre os desejos de Marcelo correspondem ao que as pessoas esperam dele. Mas quais são mesmo os desejos de Marcelo? Essa questão gera medo, tanto em Marcelo quanto nas pessoas que o cercam.

Medo de quê? Em geral, as pessoas têm medo daquilo que não conhecem bem. Assim, muitas vezes alimentam preconceitos que se manifestam nas mais variadas formas de discriminação. A homofobia é uma delas.

Vídeo-06 - Torpedo.



goo.gl/swjHcB

O Audiovisual Torpedo reúne três histórias que acontecem no ambiente escolar, sendo o primeiro deles *Torpedo*³².

O curta é uma animação com fotos, representando questões sobre lesbianidade por meio da história do início de namoro entre duas garotas que estudam na mesma escola, que, após algumas especulações, decidem se encontrar no pátio na hora do intervalo. Lá, assertivamente, assumem sua relação afetiva num abraço carinhoso assistido por todos.

³² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9q9nZUFB4ow>>. Acesso em 25 de março de 2017.

Vídeo-07 - Encontrando Bianca.



goo.gl/leKz kf

O segundo é o *Encontrando Bianca*³³, uma narrativa ficcional em primeira pessoa, no aspecto de uma confissão íntima e pessoal, como quem escreve um diário. Revelando a descoberta de identidade da personagem principal e seus dilemas de convivência dentro do ambiente escolar.

Sempre narrado em tempo presente, acompanhamos a trajetória de Bianca e os dilemas de sua convivência dentro do ambiente escolar: sua tendência a se aproximar e se identificar com o universo das meninas e as primeiras vezes em que, em sua casa, se vestiu de mulher; a primeira vez em que foi para a escola com as unhas pintadas, cada vez assumindo mais, no ambiente escolar, sua identidade de travesti; a dificuldade de ser chamada pelo nome (Bianca) com o qual se identifica; os problemas por não conseguir utilizar, sem constrangimentos, tanto o banheiro feminino quanto o masculino; as ameaças e agressões de um lado e os poucos apoios de outro.

O terceiro, *Probabilidade*³⁴, de forma leve, o narrador da história - e personagem principal -, passa a refletir sobre sua possível bissexualidade.

³³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4Eb9UCT1138>>. Acesso em 25 de março de 2017.

³⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FveoO6ZYRnQ>> Acesso em 25 de março de 2017.

Vídeo-08 - Probabilidade.



goo.gl/DFeK10

Leonardo namora Carla e fica triste quando sua família muda de cidade. Na nova escola, Leonardo é bem recebido por Mateus, que se torna um grande amigo. Mas ele só compreende por que a galera fazia comentários homofóbicos a respeito dele e de Mateus quando este lhe diz ser gay. Um dia, Mateus convida Leonardo para a festa de despedida de um primo, Rafael, que também está de mudança.

Durante a festa, Leonardo conversa com Rafael e, depois da despedida, fica refletindo sobre a atração sexual que sentiu pelo novo amigo que partia. Inicialmente sentiu-se confuso, porque também se sentia atraído por mulheres, mas ficou aliviado quando começou a aceitar sua bissexualidade.

2.2.3 Rejeição ao Kit Escola Sem Homofobia por um governo que não faz “propaganda de opções sexuais”³⁵

Em 2011, quando o Kit Escola Sem Homofobia estava pronto para ser impresso, uma polêmica impediu a sua circulação. Setores conservadores da sociedade e da política iniciaram uma campanha contra o projeto. Nas acusações feitas, o "kit gay" - como acabou pejorativamente sendo conhecido, graças aos reacionários do Congresso Nacional - era responsável por estimular o “homossexualismo e a promiscuidade”³⁶, de acordo com o discurso do deputado Jair Bolsonaro³⁷ (PP/RJ).

³⁵ Expressão utilizada pela Ex-Presidente Dilma Rousseff, a fim de justificar a não aprovação do Kit Escola sem Homofobia, no ano de 2011.

³⁶ Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/02/bolsonaro-critica-kit-gay-e-diz-querer-mudar-alguma-coisa-na-camara.html>>. Acesso em 22 de março de 2017.

³⁷ Não gostamos desse nome, é óbvio, mas fazemos questão de enfatiza-lo, pois só assim percebemos a distorção propositadamente produzida, pois o *Kit de Combate à Homofobia nas Escolas* não era um material que

Em meio a um período conturbado politicamente, as bancadas religiosas do Congresso Nacional não mediram esforços para impedir a aprovação do kit anti-homofobia. Para isto, ameaçaram colaborar na convocação do então Ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, para depor sobre sua meteórica evolução patrimonial. O governo, assim, cedeu à pressão, e repentinamente, suspendeu o projeto, na vertente escolar, que inclusive já havia sido aprovado pela Unesco.

Isto ocorreu, porque o kit anti-homofobia teve o seu propósito, cabe salientar, estritamente pedagógico completamente distorcido, ao passo que o referido kit não faz propaganda alguma de orientações sexuais.

Outro argumento raso envolvendo a distribuição do kit, diz respeito à faixa etária dos alunos que o receberia. Afirmaram que a faixa etária indicada não teria discernimento para diferenciar as informações passadas através dos vídeos da sua própria realidade e, então, estariam propensas a serem influenciadas pelas informações. Entretanto, sabendo que a sexualidade não é uma opção consciente, este argumento mostra-se inválido, como podemos observar neste trecho retirado do conteúdo da cartilha do programa Brasil Sem Homofobia:

Orientação sexual é a atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe *num continuum* que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade.³⁸

Por quase quatro anos, R\$ 1,9 milhão de reais investido no projeto pareceu perdido. Foi então que a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), envolvida na elaboração do material, sem esperanças de que o projeto fosse oficialmente retomado, decidiu divulgar, em 2015, o caderno com instruções aos professores, que desejarem atravessar o obscurantismo e propor uma educação justa, igualitária e inclusiva.

2.2.4 Os apagamentos na BNCC

Uma nova versão da Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, foi entregue ao CNE (Conselho Nacional de Educação) pelo MEC (Ministério da Educação), em 06 de abril de

pretendia “fabricar gays”, conforme o argumento de seus opositores, mas sim um material para discutir o assunto com mais clareza e combater o preconceito.

³⁸ Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>, p. 29. Acesso em 10 de março de 2017.

2017. No novo documento, fragmentos que defendiam o respeito à diversidade tiveram os termos “identidade de gênero” e “orientação sexual” devidamente apagados. Um evidente desprezo do atual governo pelos estudos sociais, de gênero e sexualidade e, também, da psicologia que, em 1974, “suprimiu a homossexualidade da lista de doenças mentais –decisão confirmada, mais tarde, pela Organização Mundial da Saúde”. (BORRILLO, 2010, p.72)

A palavra homofobia também foi apagada da BNCC. Em outras palavras, a homofobia também deixa de ser um preconceito a ser combatido *dentrofora* das escolas. Outra evidente demonstração de uma homofobia institucional (BORRILLO, 2010), uma homofobia de estado, que não reconhece o problema da homofobia enquanto fenômeno social e uma questão que carece de atenção para a redução da violência e evasão escolar, problemas relacionados ao tema em questão.

O conceito de biopolítica de Foucault (2016) nos ajuda a compreender os apagamentos, censuras e interdições pelas quais a população LGBT vem atravessando nos últimos anos. A tecnologia do biopoder, não mais se exerce poder sobre o indivíduo, um corpo, mas sim sobre um novo corpo, que é múltiplo, “com inúmeras cabeças” (FOUCAULT, 2016, p. 206), uma população. Em suas análises sobre o poder de um soberano e o poder de um estado-nação, existe, neste processo de transição, uma inversão. E conclui que “a soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer” (FOUCAULT, 2016, p. 207). Nesta perspectiva, podemos afirmar que por omissão, pela negação de um problema social, o Estado Brasileiro, ao não debater e ao não combater o tema homofobia nas/com as escolas, do ponto de vista institucional, está condenando uma parcela expressiva da população à toda sorte de violências e, nos casos mais graves, à morte. Estão nos deixando morrer!

*Eu grito por liberdade, você deixa a porta se fechar
Eu quero saber a verdade, e você se preocupa em não se machucar
Eu corro todos os riscos, você diz que não tem mais vontade
Eu me ofereço inteiro, e você se satisfaz com metade*

*É a meta de uma seta no alvo
Mas o alvo, na certa não te espera*

*Então me diz qual é a graça
De já saber o fim da estrada
Quando se parte rumo ao nada?*

Paulinho Moska

3 CENÁRIOS DA PESQUISA

Foi eu passar no mestrado, em 2016, e o país mergulhou numa onda de incertezas políticas, sociais e econômicas, assim como a UERJ, com salários e bolsas atrasadas, greves, paralisações e o restaurante universitário fechado. Neste período, vi uma presidenta legitimamente eleita sofrer um processo inconstitucional de impeachment. E também vi neste processo, todo sexismo, todo discurso machista, toda misoginia. Ideologias e questões que, para além destas, nos atravessam. Borrillo (2010) nos ajuda a entender algumas práticas que são agenciadas por discursos políticos e que se traduzem em uma série de ações/discriminações. Estes são alguns exemplos:

A ideologia que preconiza a superioridade da raça branca é designada sob o termo “racismo”; a que promove a superioridade de um gênero em relação ao outro se chama “sexismo”. O antissemitismo designa a opinião que justifica a inferiorização dos judeus, enquanto a xenofobia refere-se à antipatia diante dos estrangeiros. Portanto, em função do sexo, da cor da pele, da filiação religiosa ou da origem étnica é que se instaura, tradicionalmente, um dispositivo intelectual e político de descriminalização. (BORRILLO, 2010, p. 23)

Estas ideologias atuam sobre os corpos e se sobrepõem umas às outras, deixando marcas nestes corpos. Para entendermos o conjunto de marcadores que um corpo pode carregar, ou seja, à esta sobreposição de discursos sobre um corpo, é necessário trazer à luz o conceito de interseccionalidade. A ideia que propus no capítulo anterior de uma “ideologia de gênero” já instaurada nas escolas, parte do princípio da intersecção entre heteronormatividade, sexismo e racismo. Em outras palavras, a “ideologia de gênero” é branca, heterossexual e masculina, apesar do termo soar feminino. Talvez, e até por isso, por soar algo feminino, a “ideologia de gênero” seja tão odiada pelos setores conservadores de nossa sociedade. Mas, são estes mesmos setores que querem nos impor esta ideologia *dentrofora* nas/com as escolas.

Apesar de ver algumas luzes se apagando, encarei o palco e segui performando com meu corpo-pesquisador e minhas marcas, entre luzes e sombras, os caminhos que as pesquisas nos/dos/com os cotidianos me permitiam percorrer. E, logo de cara, com minhas redes, pois fui formado na Comunicação, percebi o quanto as pesquisas nos/dos/com os cotidianos se aproximavam do documentário. Vale ressaltar que o documentário, assim como a ficção, e que também são objetos desta pesquisa, é um gênero audiovisual clássico que surgiu no cinema, mas que sempre teve suas fronteiras borradas desde seu nascimento, assim como, também, pretendemos borrar as fronteiras entre os gêneros e as sexualidades ao longo desta pesquisa. O documentário nasce híbrido, conforme o conceito de Bhabha (2011), pois resulta de negociações, produções, performances, interpretações. Segundo Costa:

Um dos mitos que a nova historiografia do cinema tem ajudado a derrubar é a de que os filmes de Lumière e Méliès, estão nos patamares de origem de duas tendências

opostas do cinema: o documentário e a ficção. Para esta visão, os filmes de Mèliés, realizados em estúdios, tratando de assuntos geralmente fantásticos e utilizando a estilização de cenários, representariam a vertente ficcionalizante do cinema. Os filmes de Lumière, ao contrário, por serem feitos em locações externas e autênticas, teriam lançado as bases do que se chama de realismo documentário. É certo de que, desde o início, havia uma diferenciação explícita entre filmes encenados (não necessariamente de ficção) e filmes documentários (que naqueles anos se chamavam de “atualidades”). (COSTA, 2005, p. 192)

As ideias de pureza e de origem vêm sendo desconstruídas na historiografia do cinema, assim como tentamos fazer na perspectiva deste trabalho. Em sua pesquisa, Costa (2005) traz dados de predileção do público. No ano de 1903, os produtores se viram forçados pelos exibidores a produzir mais ficção. Em fevereiro do mesmo ano, em Chicago, as “atualidades” representavam 70% da programação, mas em novembro do mesmo ano, elas eram apenas 10%. Trago estes dados, pois para a produção de vídeos com estudantes nesta pesquisa, a turma foi dividida em dois grupos: um para a ficção e outro para o documentário. E, mais tarde, discutiremos os processos e as redes de significações e conhecimentos tecidos na produção dos vídeos pelas alunas da PPP do curso de Pedagogia da UERJ. Ainda precisamos entender como eram produzidas as “atualidades”.

Entretanto, as atualidades muitas vezes incluíam encenações dos fatos que elas pretendiam retratar. Tratava-se, neste caso, das “atualidades reconstituídas”. As atualidades reconstituídas eram uma mistura bastante particular de elementos ficcionais e documentários que existiu até cerca de 1907. Nelas se misturavam filmagens de situações autênticas com reconstituições de situações em estúdios, locações naturais ou nos próprios locais dos acontecimentos, incluindo encenações, trucagens e maquetes parecidas com as utilizadas nas ficções. Sua aparição suscita algumas questões importantes, uma vez que o que se chamava de “atualidades” não corresponde exatamente ao que se designa hoje como “documentário”. (COSTA, 2005, p. 194)

Em tempos de uma audiovisualização da cultura sem precedentes, potencializada pelo digital em rede, essas fronteiras de gênero audiovisual são facilmente rompidas e assimiladas por nós. É interessante perceber este movimento de caos-organização-desconstrução na produção audiovisual. O mesmo ocorreu/ocorre em outras áreas de saberes-poderes-fazer humano quando pegamos a pintura, por exemplo, dos egípcios aos dias atuais, de uma falta de perspectiva egípcia, à busca pela perfeição no renascimento, depois a desconstrução com movimentos como o cubismo, o modernismo, até chegarmos à abstração total, onde enxergamos apenas cores nas telas, enfim, movimentos que ampliam nossa percepção da vida e das coisas. Embriagado deste pensamento, retorno às pesquisas nos/dos/com os cotidianos, buscando alargar meu corpo, minhas ideias, meus sentidos.

E, se algumas luzes se apagam, outras se acendem.

Fui buscar inspiração e encontrei a seguinte frase: “É preciso fazer, para saber” (ALVES, 2015, p. 134). E me dei conta de que já estava fazendo, pois antes mesmo de passar

na prova de mestrado, eu já vinha participando do que viria a ser meu grupo de pesquisa, o CUNADI, e já estava frequentando algumas disciplinas. Na primeira delas, *Questões de Gênero e Sexualidade nas Pesquisas em Educação*, ministrada por Soares e Pocahy, realizei o documentário *(D)Escolar*, juntamente com meu parceiro de grupo e de sala de aula, Bruno Rossato. Neste primeiro curta, mais tarde selecionado para o Curta Cinema 2015, tive as primeiras impressões das articulações entre gênero, sexualidade e educação, tanto a partir dos depoimentos quanto das discussões que tive com Rossato no momento da montagem.

Sem me dar conta, eu já estava mergulhando, não somente na pós graduação em Educação na UERJ, mas também nas práticas da pesquisa que eu iria realizar. Retomando a prática do fazer audiovisual, eu estava me preparando para os desafios da pesquisa que eu ia encontrar no futuro. Seguindo os passos de Alves (2015) e seu *sentimento do mundo*, tive que “incluir o combate permanente a todo pensamento estruturado anteriormente nos outros”. E nisso, a teoria me desafiava a todo tempo. Não somente pelas questões de gênero e sexualidade que se apresentavam, mas também, pelo deslocamento que eu precisava fazer do sujeito da Comunicação para um sujeito da Educação. Já neste momento, eu estava realizando um combate “dentro de mim mesma, com meus valores, meus preconceitos e minha preguiça” (ALVES, 2015, p. 139).

3.1 (D)escolar

A proposta do título do curta, *(D)Escolar*, era passar a ideia de descolar do corpo o gênero e sexualidade, desnaturalizar. Esta foi a primeira e a mais difícil tarefa: desnaturalizar-me. Os dispositivos de produção do gênero e da sexualidade colocam em funcionamento “uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes” (FOULCAULT, 2014) e, a todo tempo, essa rede se atualiza, reitera e nos informa sobre os padrões de comportamento esperados, desejados, idealizados, seja quanto ao gênero ou à sexualidade. É difícil, porém necessário, tal deslocamento.

Figura 7 – Depoentes do curta *(D)Escolar*.



Na mesma época da realização de *(D)Escolar*³⁹, participei das gravações do videocabine *Gênero, Sexualidade e Educação*⁴⁰, do grupo de pesquisa, que ocorreram, por dois dias, durante o REDES – VIII Seminário Internacional - *As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação*, em 2015 na UERJ. Neste trabalho, mais aprofundado nas questões de gênero e sexualidade, uma das entrevistadas, Kiki Givigi, me chamou a atenção. Foi montada uma cabine e nela havia uma mesa com vários objetos, entre eles, dildos, maquiagens, revistas, óculos, livros, plumas, perucas, enfim, uma infinidade de coisas. Sentada, de frente para esta mesa, e olhando para todos aqueles objetos, Givigi relatou: “Eu acho que é a percepção de que a sexualidade é tecnologia. O que as pessoas fazem com isso? [e segura um dildo em forma de pênis] Isso tudo constitui o corpo das pessoas. Preciado diz, né, isso é extensão do seu corpo. Essas tecnologias vão possuindo o mundo cada vez mais. E as posições... As formas... As pedagogias são todas tecnologias da sexualidade. E essas [referindo-se ao que estava sobre a mesa] são mais outras. Esses artefatos todos são incluídos no sistema gênero-sexualidade. E que se articulam. Podem se articular tanto ordenadamente quanto estranhamente. E alguém pode usar isso aqui [e segura uma cartola em miniatura] pra enfiar no pau, quem tem pau. Não gosto muito, mas quem tem pode usar. E, sei lá, as coisas podem ter tantas... Tantas formas de significar outras coisas, né? Quando você moraliza esses objetos, na verdade é uma tentativa de moralizar todas as outras tecnologias da sexualidade. É que essas são visivelmente produzidas. Mas a diferenciação sexual também é produzida e é naturalizada. E essas coisas não são naturalizadas. Não foram ainda naturalizadas. E é importante que elas não sejam pra que elas mostrem a artificialidade dessa nossa construção, dessa montagem. Eu me monto todo dia pra produzir a mulher que eu sou. O tipo de feminino que eu quero ser. [ela começa a usar a maquiagem que estava sobre a mesa] Pra ser como meu desejo quer ser. E esse exame eu faço me constituindo no meu corpo, vão atravessando o meu corpo, vão me fazendo. Assim como qualquer outra coisa vai me fazendo. Tudo o que é reiterado, repetido, né? E às vezes a gente se enverga sobre isso e produz guerrilhas, né? Guerrilhas tecnológicas que podem produzir outras dissidências, outras formas de se comportar ou de viver sexualidades”.

As ideias de Preciado (2014), contempladas no discurso de Givigi (2018), ainda chamam nossa atenção para o paradoxal dispositivo da produção do prazer nos corpos.

O “prazer sexual feminino” é o resultado do trabalho de dois dispositivos opostos que operam de forma paralela desde fins do século XVIII até meados do século XX:

³⁹ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=PJ4YQYeON7c>> Acesso em 25 de junho de 2018.

⁴⁰ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Et5N9RWB9Ro>> Acesso em 25 de junho de 2018.

por um lado, as técnicas relacionadas com a repressão da masturbação, por outro, as técnicas da cura da histeria. Vou me limitar, aqui, a delinear esquematicamente uma possível genealogia da produção do orgasmo feminino, sabendo que seria possível conduzir uma análise similar sobre a ereção e a ejaculação masculinas como resultado do encontro paradoxal entre as técnicas de repressão da masturbação e os tratamentos destinados à cura da impotência, da debilidade sexual e da homossexualidade. (PRECIADO, 2014, p. 99)

Convidei Foucault (2014) para o debate, pois ele nos dá dicas para contra-atacar os dispositivos de sexualidade, nessa minha tentativa de, minimamente, borrar as fronteiras entre os gêneros-sexos-sexualidades culturalmente produzidas.

Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que devemos liberar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres. (FOUCAULT, 2014, p. 171)

E minhas práticas, neste caso, do audiovisual, antes mesmo até de fazer parte oficialmente do programa, me inseriram nas pesquisas com o cotidiano. Eu já estava mergulhando no “*espaçotempo* de saber e criação” da UERJ que Alves (2015) reafirma, ao falar dos cotidianos escolares, “como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e, sobretudo, como de grande diversidade”. (ALVES, 2015, p. 136)

Em 2015, na disciplina *Questões de Gênero, Sexualidade nas Pesquisas em Educação* em que (D)Escolar foi realizado, eu era apenas um imigrante, um forasteiro, um corpo estranho sem registro oficial, um penetra, um bastardo. Meu corpo presente às aulas ministradas por Conceição Soares e Fernando Pocahy estava apenas vivenciando novas experiências, novos saberes-poderes. Eu brincava, naquele palco, com meus outros companheiros de cena. Eu boiava tranquilamente naquele mar de teorias refrescantes quando Soares, minha futura orientadora oficial me puxou pelo pé, me fazendo mergulhar novamente: você vai se inscrever na disciplina obrigatória da linha de pesquisa como aluno isolado! Obedeci.

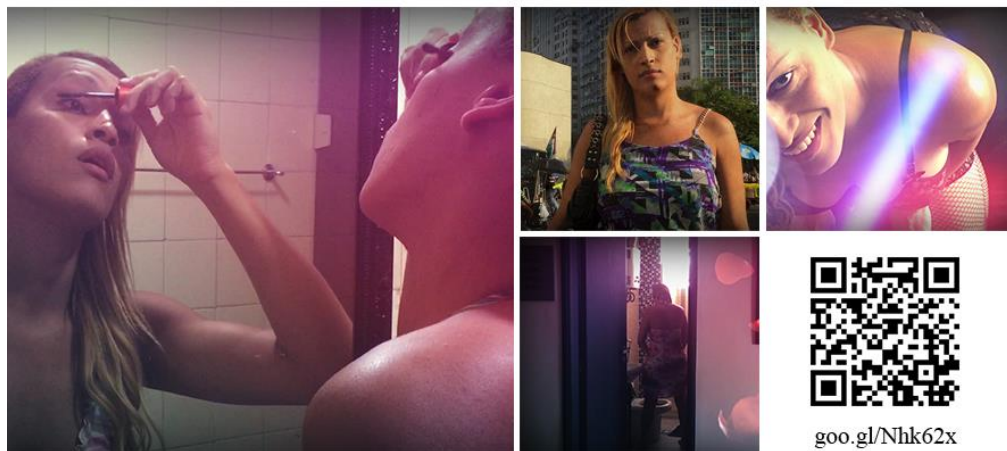
3.2 Inconveniente

Fui devidamente matriculado como aluno isolado na disciplina *Redes educativas e culturais, cotidianos e currículos* que foi ministrada por Conceição Soares, Nilda Alves e Carlos Eduardo Ferrão. De aluno isolado eu só tinha o título. Como o trabalho final da disciplina era outro audiovisual, a parceria com Bruno Rossato de (D)Escolar se repetiu, mas

agregamos Ana Letícia Vieira, que no curta anterior havia participado apenas como depoente. Desse *ménage à trois* nasceu *Inconveniente*, um curta de sete minutos que conta a história de um corpo trans que transita pelos *espaçostempos* da cidade fazendo uso, principalmente, do conceito de conveniência de Certeau (2013), nossa *estrela-guia*⁴¹ da disciplina.

Para pensar *Inconveniente*, nós três, chegamos a um consenso e nos impomos um desafio: fazer um “vídeo científico”⁴². Um audiovisual que dispensasse o texto escrito, ou explicações para além do que nele estivesse contido. Que fosse independente. Eu, na época, me sentia inconformado com a hierarquia entre o texto acadêmico e o audiovisual que era considerado um apêndice, simplesmente chamado de vídeo. As pontuações para a seleção de bolsas não me deixam mentir. As publicações textuais valiam mais na hora da pontuação. Nós, *os três patetas*⁴³, queríamos que a ciência praticada nos/dos/com os cotidianos do ProPEd chegasse a outros públicos, para além das universidades. Em certo grau, não é que a loucura deu certo?

Figura 8 – Imagens extraídas do curta *Inconveniente*. Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.



Pensar *Inconveniente* foi, pra mim, abrir mão de meu corpo. Era preciso pensar um outro corpo com experiências que não me atravessavam diretamente. A entrega de Ana Letícia Vieira a este trabalho foi de fundamental importância e, sem contar, sua generosa paciência em compartilhar, comigo e Bruno, suas vivências. Sem ela, não haveria

⁴¹ Referência à telenovela *Estrela-Guia* (2001), das 18 horas, escrita por Ana Maria Moretzsohn.

⁴² O termo “vídeo científico” não existe. O correto seria dizer vídeo-pesquisa, gênero, até então, desconhecido por mim e meus colegas. E o mais próximo de um “vídeo científico” que eu imaginava eram os programas de TV que eu assistia em casa da National Geographic Channel ou do Discovery Channel, muitos deles com a narração de Morgan Freeman. Entretanto, vou manter o termo “vídeo científico” pois, além de ser o pensamento daquele momento, também dá sentido à minha narrativa e ao percurso percorrido. Reconhecer meus limites neste processo de autoformação é imprescindível.

⁴³ Série norte-americana de TV exibida no Brasil.

inconveniência alguma. Mas como fazer um vídeo científico que trabalhasse as teorias de Certeau (2013, 2014) e as questões de gênero e sexualidade passando pela transsexualidade? Para realizar tal tarefa, era preciso *virar de ponta-cabeça e beber em todas as fontes*.

O segundo movimento a ser feito é compreender que o conjunto de teorias, categorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade e que continuam sendo um recurso indispensável, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também, e cada vez mais, *limite* ao que precisa ser tecido. Para nomear esse processo de compreensão de que é limite aquilo que nos habituamos ver como apoio, parafraseando o historiador Hill (1987), que estuda momentos anteriores de grandes mudanças, estou usando a ideia de *virar de ponta cabeça*. (ALVES, 2015, p. 135)

Deslocamos os movimentos de Alves (2015) nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos e jogamos para dentro do curta, para a prática do fazer audiovisual. Nossas fontes precisavam ser variadas e multirreferenciais. Precisávamos criar algo entre o documentário e ficção, um híbrido, com suas fronteiras de gênero audiovisual borradas. Vídeo científico? Nas mostras e festivais de cinema, quando um filme não se encaixa em nenhuma categoria, recebem o carimbo de videoarte, ou filme de arte. Pois bem, nos inspiramos no fazer artístico e misturamos, poesia, imagens, música, teoria, sons e palavras para tecer uma ideia e produzir sensações.

Para ampliar os movimentos necessários, creio que o terceiro deles, incorporando a noção de complexidade (MORIN, 1977, 1980, 1986, 1991, 1996), vai exigir a ampliação do que é entendido como fonte e a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade, o diferente, o heterogêneo. Creio poder chamar este movimento *beber em todas as fontes*. Para melhor compreendê-lo será discutida a questão da necessidade de incorporação de fontes variadas, vistas anteriormente como dispensáveis e mesmo suspeitas. (ALVES, 2015, p. 135)

Nos apropriamos desses movimentos de Alves (2015), indevidamente talvez, para criar nosso “vídeo científico”. Vídeo, não! Filme! Um filme que misturava tudo, do popular ao erudito, onde o funk se misturava ao som de violinos, ruídos do trem em movimento na estação de metrô se opunha a um completo silêncio, imagens se sobrepunham, enfim, uma complexa polifonia de imagens e sons. Neste filme, o som era a cereja do bolo. E, mais uma vez, nos apropriamos de outro conceito de Nilda Alves, o de *personagens conceitos*.

Os *personagens conceitos* são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram com o *outro* – aquele com quem se dialoga e que permanece presente muito tempo para se acumular ideias. Aí tem que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se criem conhecimentos. (ALVES, 2015, p. 216)

Se um som podia ser um personagem conceito para desenvolver um pensamento, então, abusamos na criação e nos usos que fizemos dele dentro do filme.

Naquele palco de experimentações onde me lancei, mesmo como aluno isolado, pois esta ainda era minha condição, era necessário performar alguma inteligência. De isolado, como já disse, era apenas o título. Eu não estava isolado e encontrei em Bruno e Ana Letícia a parceria ideal para compor aquela cena. Se a dama do teatro brasileiro é Fernanda Montenegro, ali no ProPEd, nossa diva é Nilda Alves. E, ao fim de tanta loucura, pelo turbilhão de ideias, conceitos e sons que nos atravessaram, ao fim de tudo, a dama do ProPEd seria uma das avaliadoras do nosso trabalho final.

Inspirados por Maria Bethânia, minha diva da música, e sua interpretação de um texto de Fauzi Arap que antecede a canção *Um jeito estúpido de ser*, Ana Letícia estabeleceu uma conversa com o *outro*. As conversas são fundamentais nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos. E, para ser um pesquisador dos cotidianos escolares, “é necessário *ouvir* o que os *praticantespensantes* têm a dizer sobre tantas e tão diferentes histórias vividas nas *artes de fazer* os processos pedagógicos diários” (GARCIA, OLIVEIRA, 2015, p.33). No caso deste audiovisual, especificamente, encharcados das teorias de Nilda Alves, estabelecer uma conversa com o espectador era necessário.

Devo ressaltar ainda uma questão técnica, uma ideia, que mais tarde seria aproveitada em campo, na formação de professoras/es. Por conter cenas externas gravadas no centro da cidade do Rio de Janeiro, 95% das gravações foram realizadas com meu iPhone 6, dispensando outros equipamentos considerados mais apropriados, ou tradicionais, como uma câmera fotográfica, para a realização de filmes. Esta opção, inicialmente, se deu por uma questão de segurança, pois estávamos sozinhos, eu e Ana Letícia, no centro da cidade, gravando as cenas. O objetivo era chamar a menor atenção possível. E, por isso, também, conseguimos realizar gravações dentro da estação Cinelândia de metrô sem sermos incomodados pelos seguranças. A tática (CERTEAU, 2014) funcionou.

O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. (CERTEAU, 2014, p. 46)

Nosso “vídeo científico” nunca foi aprovado em nenhum festival oficial de cinema. Desconheço esta categoria nos festivais e mostras que eu frequentei. Mesmo disfarçado de vídeoarte, não emplacou. E acredito ser por conta de sua natureza híbrida, borrada, inclassificável para os padrões das mostras e festivais oficiais.

Entretanto, no universo acadêmico, *Inconveniente* causou, incomodou e emocionou muitas pessoas, promovendo debates calorosos e emocionados. Em Vitória, na UFES, durante

o 4º Seminário de Educação e Sexualidades e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero, em 2016, foi exibido para uma plateia de pessoas trans, em sua maioria, homens trans, cujos corpos vibravam, entre palmas e gritos. Eu senti aquela vibração. No Rio, na UERJ, também em 2016, *Inconveniente* incomodou algumas pessoas do VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação. No filme, a genitália não foi exposta e uma participante do grupo de discussão ficou inconformada. Ela queria ver o que tinha entre as pernas da personagem de Ana Letícia. Em São João del Rei, no mesmo ano, participamos da MUDA, 1ª Mostra Universitária de Audiovisual, e levamos o prêmio da noite. O auditório estava lotado. E nesta pequena mostra da circulação do filme, muitos foram os pedidos para que cópias fossem enviadas para possíveis exibições em salas de aula. *Inconveniente* ganhou independência e passou a circular em outros *espaçostempos* escolares, em outras redes, e vaga por aí. Eu só não sabia que *Inconveniente*, em suas andanças, estava tão próximo a mim, causando, modificando, abalando e me preparando uma grande e feliz surpresa. *Inconveniente* que ele só! *Inconveniente*, como deveria ser.

Agora, chamo ao palco, Leonardo Nolasco-Silva. Este personagem, que não é conceito, companheiro do meu grupo de pesquisa, o CUNADI – *Grupo de Pesquisa Currículos, Narrativas audiovisuais e Diferença*, defendeu sua tese de doutorado, *Os Olhos Tristes da Fita Rodando no Gravador: as Tecnologias Educacionais como Artesanias ‘Docentesdiscentes’*, em 27 de fevereiro de 2018. O Leo, pois assim o chamamos, sempre foi muito brincalhão e, de certa maneira, distante, muito “na dele”.

Volto a lembrar que, na época da realização de *Inconveniente*, eu era um aluno isolado, Bruno um mestrando e Ana Letícia uma doutoranda. Nolasco-Silva, agora devidamente citado, estava cursando seu segundo doutorado. Quem era eu na fila do pão? Hierarquicamente, dentro do grupo, acima do Leo, só mesmo Conceição Soares, nossa líder suprema. Então, na presença do Leo, sempre mantive uma postura de respeito e certo recato. Jamais proferi qualquer bobagem ou piada perto dele. Os momentos de descontração eram reservados apenas aos outros membros do grupo, em especial Bruno Rossato e Ana Letícia Vieira. O Leo, o Nolasco-Silva das citações, ficava lá no canto dele, desenvolvendo sua pesquisa e costurando suas *prácticasteorias*.

Diante daquela turma, e dos motivos que fizeram muitas pessoas elegerem a disciplina, senti que devíamos apostar nos vídeos que abordavam questões de gênero e sexualidade. E assim fizemos: uma semana era eu quem levava o vídeo; na outra semana eram eles. Combinamos, pelo pouco tempo de aula, dar preferência a vídeos curtos, deixando uma parte da aula para as conversas sobre o filme. No caso de filmes longos, assistiríamos em casa e, na aula, o proponente faria uma edição de até dez minutos para disparar a conversa. Minha primeira sugestão foi *Inconveniente*,

curta produzido por Vinícius Reis, Ana Letícia Vieira e Bruno Rossato, pesquisadores do CUNADI.

- Eu não queria falar na frente da turma porque tu sabe, né? Viado é foda, já ia me chamar de homofóbico, essas paradas aí. Eu gostei do curta, sacou? Mas me incomodou um pouco essa parada da mina ficar nua, não precisava, tá ligado? Isso, pra mim, causa mais repulsa do que acolhimento, tá ligado? É pra chocar? A história da mina tava indo bem, ela contando as paradas do nome social, do corpo que é olhado quando passa, das confusões que esse corpo causa, entende? Eu cheguei a ficar tocado pelo lance, mas daí me aparece a mina mijando de pé, cara? Depois as tetas e tals?

Continuemos, pois, a leitura desta citação inconveniente da tese de Nolasco-Silva.

Givigi (2017, p. 9) acredita que “Uma das maiores forças do projeto conservador é a assepsia política”. Os sujeitos que militam por uma causa inconveniente, que borram as certezas ao produzirem escapes para as normas, que bagunçam as organizações, rabiscando as transparências, precisam – de acordo com os discursos que se pretendem acolhedores – seguir um roteiro que seja brisa e não ventania. O curta-metragem protagonizado por Ana Letícia Vieira, doutoranda e mulher trans, não é conivente com as limitações do espectador, ao contrário, estimula pensar a partir do desconforto, das ignorâncias, das incompreensões.

Imiscuindo teoria acadêmica, funk carioca, imagens urbanas, estética de conto de fadas e outras tantas referências que desarrumam entendimentos, o filme apresenta a transgeneridade como linha de fuga para as heteronormas. Não levanta bandeiras, hasteia existências.

- Eu tô muito emocionada, sério. Nunca imaginei me ver representada numa sala de aula. Eu tô saindo da UERJ cheia de histórias de violências, de perseguições, de preconceitos, de tentativas de suicídio. É a primeira vez que uma aula fala comigo, só comigo, com mais ninguém. Eu sou essa menina inconveniente, eu sou essa menina que injeta hormônio no corpo, eu sou essa pessoa apontada na rua, no metrô. Eu existo. E eu tô aqui, eu serei filósofa, eu darei aulas de Filosofia numa escola pública e essa gente que virou a cara pra mim vai ter que me engolir.

O relato de Dandara, mulher trans e negra, chegou para mim através de um bilhete. Junto com o bilhete tinha um bombom Alô, Doçura! Achei simbólico. (NOLASCO-SILVA, 2018, p. 151)

O salto no tempo foi grande, mas necessário. Na tarde da sua defesa, performada com maestria, foi difícil segurar a emoção que insistiam em transbordar dos meus olhos. Givigi, presente na banca, presente nesta cena, contemplada em citação no texto de Nolasco-Silva para pensar *Inconveniente*, proferiu as seguintes palavras (registradas em vídeo): “Veja que máquina de guerra é *Inconveniente* (Leo, 152)! Pense quanta coisa dali transborda para exercícios de saber-poder na sala de aula! Como os corpos se tornam matéria? Como a professora-que gora-gruda padece para nascer outra? Está lá em *Inconveniente* que desnuda o prostético, o aparato sexo colonial, a edipianização e seu investimento no social, a queerização do corpo, o corpotecnicacontrassexual, o não inteligível como descaramento da assepsia, e a existência do disruptivo para denuncia da ontologia e epistemologia. Quanta coisa! Quando entrei aquele QRCode adentro foi desfeita a reverberação mortífera da praga

NÃO GOSTOU? SE JOGA DO 12! que até então não havia deixado de me adoecer. Escrevi tudo isso um pouco doente de mundo. Mas, Ana Leticia e Vinicius, Leo, Simone, e todos nós que estávamos ali nos juntamos. E quando *Inconveniente* bateu em minha caixa de criação – e desarranjou meu ressentimento - eu tive vontade de correr e enfeitar o 12 de flores, cheiros, fazer café, fazer lá uma festa em comemoração à vida. Tive um desejo profundo de mostrar a força ancestral que me move cantando o canto roubado pela colonização e acionado pelo meu próprio corpo deitado nu na esteira”.

Entoando seu canto ancestral, que ecoou naquela sala sob um silêncio quase absoluto, Givigi concluiu a sua cena. Sentada ao meu lado estava Ana Letícia Vieira petrificada. Discretamente eu enxugava as lágrimas. O filme *Inconveniente* já não era meu, nem de Ana Letícia Vieira, nem do Nolasco-Silva, nem do nosso grupo de pesquisa. Não pertencia a ninguém e era de todos nós. *Inconveniente* estava cumprindo o seu papel e caminhava independente, mas em muito boa companhia. Nunca poderia imaginar que sentiria, na academia, emoção maior que a de passar na prova de seleção do mestrado.

3.3 Debaixo desse angu tem caroço

Entreí no mestrado, finalmente e oficialmente, em 2016. Neste ano, como já mencionado no início deste capítulo, em agosto, mais precisamente, Dilma Rouseff foi destituída do cargo de Presidente da República por um processo de Impeachment. O Golpe de 2016, como ficou conhecido e reconhecido por boa parte da sociedade brasileira, foi misógeno e sexista. Não vou me ater aqui a dados históricos tão amplamente registrados e analisados em livros e outras pesquisas científicas, quero apenas registrar o que percebi ao longo destes dois anos, desde que ingressei no mestrado. Devo ressaltar que, após o Impeachment de Dilma Rouseff, a situação do país piorou muito e foi instaurado um cenário de muitas incertezas. Incertezas políticas, de direitos conquistados, na educação e, principalmente, na política pública no que tange ao combate à homofobia nas/das/com as escolas. Entretanto, entre textos feministas, movimentos conservadores e discursos sexistas, vi muita coisa. Eu vi mulheres oferecendo rosas vermelhas para Dilma Rouseff quando esta deixou o Palácio do Planalto. Eu vi mulheres americanas denunciando o assédio na indústria mais poderosa do cinema e da televisão, Hollywood. Também vi professoras que, com quatro meses de salários atrasados, não deixavam de dar aulas, nem se deixavam abater pelo projeto obscuro de uma destruição da educação pública, mais especificamente no caso da UERJ. Ensinaamentos de um “sexo

frágil que não foge à luta”⁴⁴. Descobri a virilidade feminina e fiquei encantado com a “força estranha”⁴⁵ que delas emanavam.

Enquanto isso, na minha rede social do Facebook, pipocavam inúmeros casos de homofobia. Foram muitos os casos, do mais leve ao mais extremo. Muitos destes casos levaram a óbito muitas vítimas, do suicídio ao assassinato. Mas também vi, uma mulher, autora de telenovelas, levar uma personagem trans para o horário nobre da televisão brasileira. Digamos que, numa escala de violência, as pessoas trans são sempre as mais odiadas. E a personagem trans, a história de Ivan, foi abordado com maestria por Glória Perez e conquistou o público. Nem vou aqui analisar o corpo da personagem e seus marcadores ou fazer uma crítica, pois o tema, por si só, já seria um estudo de caso à parte e não sendo o objetivo deste trabalho. Reconheço a importância do trabalho de Glória Perez e reverencio sua coragem em trazer a discussão para dentro das telenovelas⁴⁶, nosso audiovisual por excelência.

E em tempos de audiovisualidades, também vi muitas mulheres negras orgulhosas de seus cabelos, muitos homens gays orgulhosos de suas feminilidades, muita nudez de corpos que transitavam entre gêneros. Vi Matheusa⁴⁷ “corpo estranho”, vi gente quebrando padrões de beleza e juventude, eu vi muitos desejos. Foi muita luta, resistência e, principalmente, desejos. Desejos de mudança, trans-formação. Ninguém segura “a força do querer”⁴⁸ e, “apesar de você, amanhã há de ser outro dia”⁴⁹.

Vale destacar a militância de dois artistas brasileiros que, em seus videoclipes, levantaram a questão da homofobia. O primeiro deles é *Flutua* de Johnny Hooker com participação de Liniker. No videoclipe, o ator Jesuíta Barbosa interpreta um gay surdo cujo namorado sofre um ataque homofóbico na rua. O segundo videoclipe é o da *DragQueen* Pablo

⁴⁴ Referência à música *Cor de Rosa-Choque* de Rita Lee.

⁴⁵ Referência à música *Força Estranha* de Roberto Carlos e Erasmo Carlos.

⁴⁶ Há anos o Brasil exporta telenovelas para o mercado internacional. O Emmy é o maior e mais prestigioso prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão. *Caminho das Índias*, de Glória Peres e *Lado a Lado*, de João Ximenes Braga, são telenovelas brasileiras que já foram contempladas como “a melhor novela do ano” na cerimônia de premiação. O Emmy é considerado o Oscar da televisão mundial.

⁴⁷ Matheus Passareli, estudante de Artes da UERJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, foi assassinada em uma favela da zona norte do Rio aos 21 anos. Matheusa, como era conhecida, assumia uma identidade de gênero não binária, ou seja, não se considerava homem, nem mulher. Seu corpo negro questionava gênero, classe e raça. Desafiava a heterocisnormatividade. “*Corpo Estranho* é um processo de performance que eu tenho desenvolvido e começou a acontecer em 2015, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro. Percebi que meu corpo não era deste espaço e que as pessoas notavam isso: a minha ‘bichice’, a forma que eu me porto. Comecei a me descobrir, enquanto pessoa negra e bicha preta. A minha produção de arte é um registro da minha existência e sobrevivência na cidade do Rio de Janeiro, da minha sobrevivência a olhares, ao mercado, a ser uma pessoa que usufrui dos bens públicos. A minha pesquisa em arte tem uma potência política”.

Disponível em < <http://www.rioetc.com.br/pelas-ruas/corpo-estranho>> Acesso em 20 de julho de 2018.

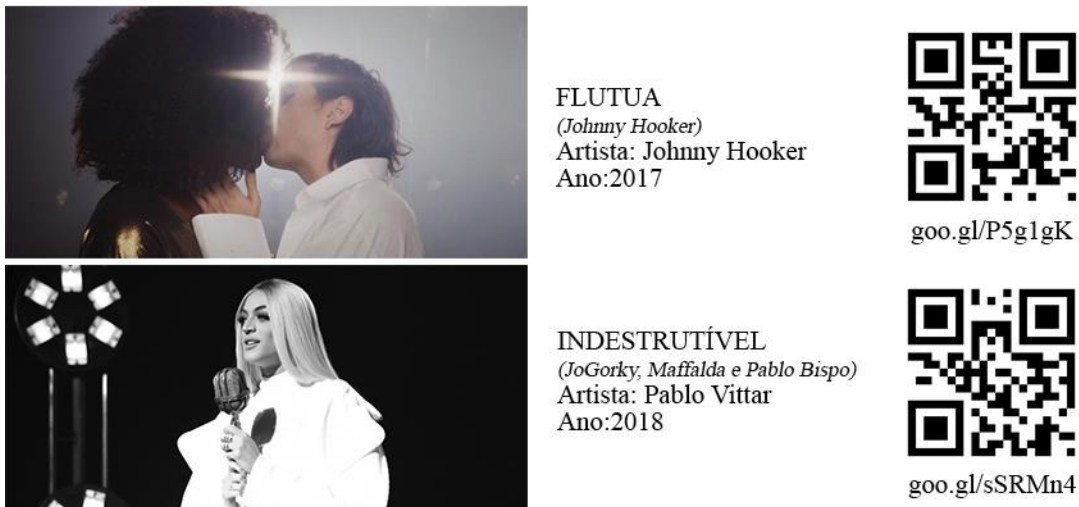
⁴⁸ Referência ao título da telenovela *A Força do Querer* de Glória Perez.

⁴⁹ Referência à música *Apesar de Você* de Chico Buarque.

Vittar, *Indestrutível*. Neste videoclipe, Vittar trabalha a homofobia na escola, geralmente disfarçada de *bullying*.

Achei relevante trazer para este trabalho alguns exemplos do que eu vi, especialmente estes videoclipes, pois estes audiovisuais circulam pela internet, fogem do cerco da grande mídia e chegaram até mim através das minhas redes pessoais de relações e, na maioria dos casos, mediados pelo digital (redes sociais e aplicativos de *smartphones*).

Figura 9 – Imagens extraídas dos videoclipes *Flutua*⁵⁰ e *Indestrutível*⁵¹. Link e QR Code na imagem para acesso aos vídeos.



Ainda em 2016, devidamente matriculado e fazendo parte do programa, participei da disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade: Problematizações em Educação e(m) Saúde* ministrada por Fernando Pocahy. Devo salientar que quando fiz *(D)Escolar* em 2015 com Bruno Rossato, eu ainda não fazia parte do programa de pós-graduação. Portanto, naquele tempo e naquela disciplina, eu me sentia como “um fósforo queimado atirado ao chão”⁵² no ProPEd. Todavia, nesta segunda e oficial empreitada, convidei Ana Leticia Vieira para me acompanhar. A presença dela era um incentivo a mais para eu estar às oito da manhã na UERJ e, assim, combater minha preguiça (ALVES, 2015).

Depois da experiência com *Inconveniente*, meu corpo, já deslocado por pensar um outro corpo, já não era meu. E eu mergulhava, ainda mais fundo, nas teorias feministas da disciplina. Meu corpo-pesquisador já não me pertencia. Eu estava totalmente à disposição da ciência. Por isso, em *Debaixo Desse Angu Tem Carçoço*, último curta produzido neste processo do mestrado, minha entrega foi total.

⁵⁰ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>> Acesso em 25 de junho de 2018.

⁵¹ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>> Acesso em 25 de junho de 2018.

⁵² Referência à música *Fósforo Queimado* interpretada por Ângela Maria.

Como trabalho final da disciplina, Pochay havia solicitado um texto, um artigo. Eu e Ana Letícia Vieira, os inconvenientes, queríamos fazer um audiovisual. Lembro-me bem que, na época, cheguei a perguntar a Pochay se poderíamos fazer um vídeo em vez de um texto. Silêncio... Diz o ditado popular que “quem cala, consente”. Então, eu e ela, seguimos com nosso objetivo, pois tínhamos em mente o mesmo projeto de fazer ciência em vídeo e, assim, experimentar outras formas de fazer ciência que é, neste caso específico, fazendo uso do audiovisual. Pra quê?!!!

De todas as produções audiovisuais que realizei no mestrado, esta foi a que deu mais trabalho. *Angu*, pois vou me referir a este curta somente por esta palavra, não é longo somente no título, longa e exaustiva foi sua produção e foi a terceira ideia posta em prática. Depois, era necessário conseguir os corpos e vozes que comporiam a cena idealizada e, pra isso, dependíamos da boa vontade e do tempo das pessoas. Realizar um curta sem financiamento não é tarefa fácil, ainda mais nas condições que a ideia exigia e nós precisávamos para sua execução. E precisávamos de muitos corpos, os mais diferentes, faltou gente. Foram muitos os convites e muitas desistências. Com as vozes não foi diferente. Tem voz do Rio, voz de Vitória (o Whatsaap foi fundamental neste processo) e ainda faltavam vozes. Pedi ajuda a Nolasco-Silva que me socorreu no último instante com suas bolsistas. Enfim, para cumprir os prazos e ao final deste longo processo, meu corpo doía, a cabeça latejava e eu precisava dormir. Nada muito diferente do que sinto agora, relatando este processo com dor nas costas e organizando meus pensamentos. Tecer conhecimento em audiovisual dá tanto ou mais trabalho que produzir um artigo. O esforço e o desgaste são os mesmos.

E como tática e/ou experimentação, desta vez, após várias citações transformadas em depoimentos pelas vozes no curta, adicionamos uma bibliografia ao fim do vídeo. No curta, cada voz representa uma das autoras citadas e é uma transposição do texto escrito, de artigos, para uma versão oral, interpretada. Assim como dialogamos com os autores nos textos acadêmicos, as autoras, no curta, conversavam entre si, numa sinfonia de vozes e de ideias que se integram às imagens para produzir sensações e conhecimentos. Apostamos na ideia de que, ao colocar a bibliografia no fim do curta, seria uma possibilidade de marcar aquele audiovisual como ciência, mesmo que não pareça, ou que passe apenas como entretenimento (se é que isso é possível).

E *transpensando* com Ana Letícia Vieira, criamos o *Angu*. *Transpensar* foi uma ideia que surgiu no texto da dissertação de Ana Letícia Vieira e que foi praticado nestes nossos processos de criação dos curtas *Inconveniente* e *Debaixo Desse Angu Tem Caroço*. Segundo nossas conversas por Whatsapp, Vieira (2018) relatou:

Transpensar seria isso. Uma atitude de deslocamento, de sair do conforto e usar o corpo para problematizar as lógicas normalizantes. O que fizemos nos dois vídeos. Quando eu escrevi na minha dissertação, ainda não estava com este pensamento. Formulei isso depois, com os vídeos. O manifesto do Angu, acho que ajuda porque de alguma forma já estávamos falando como eu entendo o *transpensar* hoje. Essa coisa da suspeita, do estranhamento que mostra como tem caroço debaixo desse angu, isso é como penso o *transpensar* hoje. (conversa em 22/06/2018)

O manifesto, ao qual se refere Vieira, foi um documento entregue a Pocahy antes da exibição do curta. Nele, estão contidas nossas apontamentos teóricos, justificativas e o roteiro de citações. Estávamos inseguros, afinal, Pocahy aceitaria o audiovisual como trabalho final? Se não, pelo menos, alguma coisa ele tinha para ler. Devo ressaltar que, até aquele momento, não conhecíamos a pesquisa de doutorado de Pocahy, pois só tive acesso ao livro impresso meses depois, e não sabíamos da importância que seu corpo teve no desenvolvimento da pesquisa. Que ironia!

Trechos do *Manifesto* foram inseridos aqui para que, de alguma forma, apesar de nossas inseguranças, você possa captar um pouco do sentimento compartilhado por mim e Ana Letícia Vieira naquele momento. Publicá-lo neste documento é uma maneira de registrar o meu vivido e experimentado nas *prácticasteorias* que os *espaçotempos* da UERJ me permitiram desfrutar.

Figura 10 – Páginas do Manifesto.

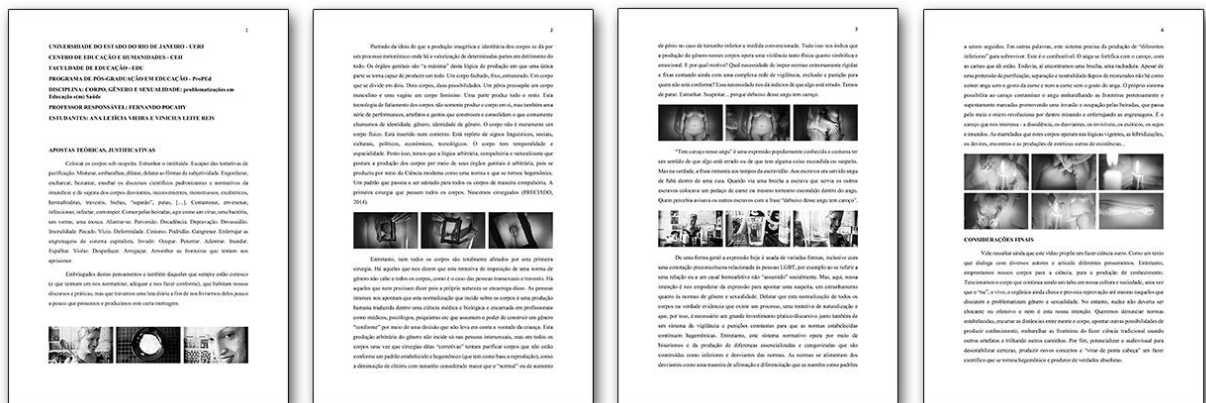


Figura 11 – Trecho extraído do Manifesto: parte 01.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - EDU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - ProPEd

DISCIPLINA: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: problematizações em Educação e(m) Saúde

PROFESSOR RESPONSÁVEL: FERNANDO POCAHY

ESTUDANTES: ANA LETÍCIA VIEIRA E VINICIUS LEITE REIS

APOSTAS TEÓRICAS, JUSTIFICATIVAS

Colocar os corpos sob suspeita. Estranhar o instituído. Escapar das tentativas de purificação. Misturar, embaralhar, dilatar, delatar as fôrmas de subjetividade. Engordurar, encharcar, bezuntar, ensebar os discursos científicos padronizantes e normativos da imundície e da sujeira dos corpos desviantes, inconvenientes, monstruosos, excêntricos, hermafroditas, travestis, bichas, “sapatão”, putas, [...]. Contaminar, envenenar, infeccionar, infectar, corromper. Comer pelas beiradas, agir como um vírus, uma bactéria, um verme, uma mosca. Alastrar-se. Perversão. Decadência. Depravação. Devassidão. Imoralidade. Pecado. Vício. Deformidade. Cinismo. Podridão. Gangrenar. Enferrujar as engrenagens do sistema capitalista. Invadir. Ocupar. Penetrar. Adentrar. Inundar. Espalhar. Violar. Despedaçar. Arregaçar. Arrombar as fronteiras que tentam nos aprisionar.

Embriagados destes pensamentos e também daqueles que sempre estão conosco (e que teimam em nos normatizar, adequar e nos fazer conforme), que habitam nossos discursos e práticas, mas que travamos uma luta diária a fim de nos livrarmos deles pouco a pouco que pensamos e produzimos este curta metragem.



Figura 12 – Trecho extraído do Manifesto: parte 02.

Partindo da ideia de que a produção imagética e identitária dos corpos se dá por um processo metonímico onde há a valorização de determinadas partes em detrimento do todo. Os órgãos genitais são “a máxima” desta lógica de produção em que uma única parte se torna capaz de produzir um todo. Um corpo fechado, fixo, estruturado. Um corpo que se divide em dois. Dois corpos, duas possibilidades. Um pênis pressupõe um corpo masculino e uma vagina um corpo feminino. Uma parte produz todo o resto. Esta tecnologia de fatiamento dos corpos não somente produz o corpo em si, mas também uma série de performances, artefatos e gestos que constroem e consolidam o que comumente chamamos de identidade, gênero, identidade de gênero. O corpo não é meramente um corpo físico. Está inserido num contexto. Está repleto de signos linguísticos, sociais, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos. O corpo tem temporalidade e espacialidade. Posto isso, temos que a lógica arbitrária, compulsória e naturalizante que postura a produção dos corpos por meio de seus órgãos genitais é arbitrária, pois se produziu por meio da Ciência moderna como uma norma e que se tornou hegemônica. Um padrão que passou a ser adotado para todos os corpos de maneira compulsória. A primeira cirurgia que passam todos os corpos. Nascemos cirurgiados (PRECIADO 2014).

Entretanto, nem todos os corpos são totalmente afetados por esta primeira cirurgia. Há aqueles que nos dizem que esta tentativa de imposição de uma norma de gênero não cabe a todos os corpos, como é o caso das pessoas transexuais e travestis. Há aqueles que nem precisam dizer pois a própria natureza se encarrega disso. As pessoas intersex nos apontam que esta normalização que incide sobre os corpos é uma produção humana traduzida dentro uma ciência médica e biológica e encarnada em profissionais como médicos, psicólogos, psiquiatras etc que assumem o poder de construir um gênero “conforme” por meio de uma decisão que não leva em conta a vontade da criança. Esta produção arbitrária do gênero não incide só nas pessoas intersexuais, mas em todos os corpos uma vez que cirurgias ditas “corretivas” tentam purificar corpos que não estão conforme um padrão estabelecido e hegemônico (que tem como base a reprodução), como a diminuição de clitóris com tamanho considerado maior que o “normal” ou de aumento

Figura 13 – Trecho extraído do Manifesto: parte 03.

de pênis no caso de tamanho inferior a medida convencional. Tudo isso nos indica que a produção do gênero nesses corpos opera uma violência tanto física quanto simbólica e emocional. E por qual motivo? Qual necessidade de impor normas extremamente rígidas e fixas contando ainda com uma complexa rede de vigilância, exclusão e punição para quem não está conforme? Essa necessidade nos dá indícios de que algo está errado. Temos de parar. Estranhar. Suspeitar... porque debaixo desse angu tem caroço.



“Tem caroço nesse angu” é uma expressão popularmente conhecida e costuma ter um sentido de que algo está errado ou de que tem alguma coisa escondida ou suspeita. Mas na verdade, a frase remonta aos tempos da escravidão. Aos escravos era servido angu de fubá dentro de uma cuia. Quando via uma brecha a escrava que servia os outros escravos colocava um pedaço de carne ou mesmo torresmo escondido dentro do angu. Quem percebia avisava os outros escravos com a frase “debaixo desse angu tem caroço”.

De uma forma geral a expressão hoje é usada de variadas formas, inclusive com uma conotação preconceituosa relacionada às pessoas LGBT, por exemplo ao se referir a uma relação ou a um casal homoafetivo não “assumido” socialmente. Mas, aqui, nossa intenção é nos empoderar da expressão para apontar uma suspeita, um estranhamento quanto às normas de gênero e sexualidade. Delatar que esta normalização de todos os corpos na verdade evidencia que existe um processo, uma tentativa de naturalização e que, por isso, é necessário um grande investimento prático/discursivo junto também de um sistema de vigilância e punições constantes para que as normas estabelecidas continuem hegemônicas. Entretanto, este sistema normativo opera por meio de binarismos e da produção de diferenças essencializadas e categorizadas que são construídas como inferiores e desviantes das normas. As normas se alimentam dos desviantes como uma maneira de afirmação e diferenciação que as mantêm como padrões

Figura 14 – Trecho extraído do Manifesto: parte 04.

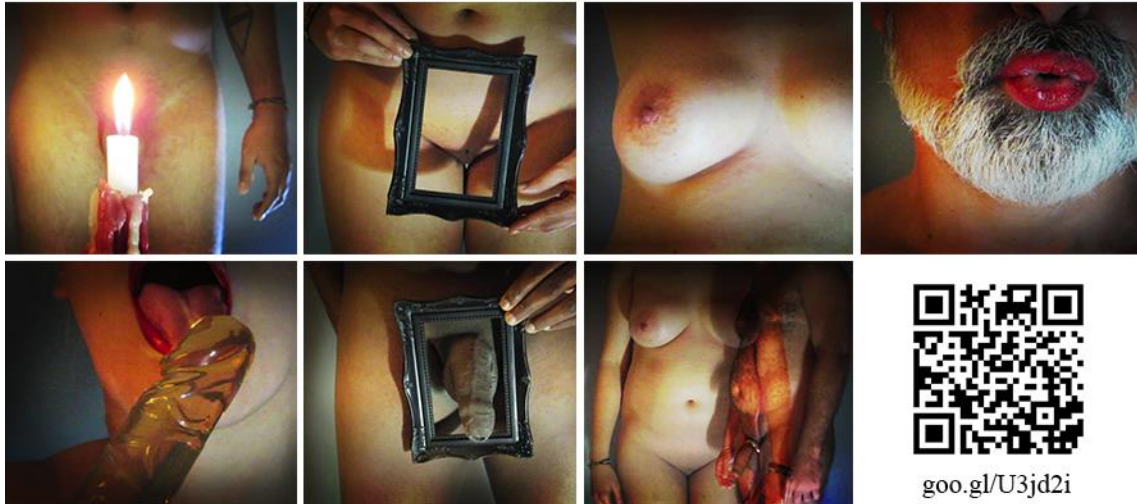
a serem seguidos. Em outras palavras, este sistema precisa da produção de “diferentes inferiores” para sobreviver. Este é o combustível. O angu se fortifica com o caroço, com as carnes que ali estão. Todavia, aí encontramos uma brecha, uma rachadura. Apesar de uma pretensão de purificação, separação e neutralidade depois de misturados não há como comer angu sem o gosto da carne e nem a carne sem o gosto do angu. O próprio sistema possibilita ao caroço contaminar o angu embaralhando as fronteiras pretensamente e supostamente marcadas promovendo uma invasão e ocupação pelas beiradas, que passa pelo meio e micro revoluciona por dentro minando e enferrujando as engrenagens. É o caroço que nos interessa - a dissidência, os desviantes, os invisíveis, os exóticos, os sujos e imundos. As marteladas que estes corpos operam nas lógicas vigentes, as hibridizações, os devires, encontros e as produções de estéticas outras de existências...



Vale ressaltar ainda que este vídeo propõe um fazer ciência outro. Como um texto que dialoga com diversos autores e articula diferentes pensamentos. Entretanto, emprestamos nossos corpos para a ciência, para a produção de conhecimento. Tencionamos o corpo que continua sendo um tabu em nossa cultura e sociedade, uma vez que o “nu”, o vivo, o orgânico ainda choca e provoca reprovação até mesmo naqueles que discutem e problematizam gênero e sexualidade. No entanto, nudez não deveria ser chocante ou ofensivo e nem é esta nossa intenção. Queremos denunciar normas estabelecidas, encurtar as distâncias entre mente e corpo, apontar outras possibilidades de produzir conhecimento, embaralhar as fronteiras do fazer ciência tradicional usando outros artefatos e trilhando outros caminhos. Por fim, potencializar o audiovisual para desestabilizar certezas, produzir novos conceitos e “virar de ponta cabeça” um fazer científico que se tornou hegemônico e produtor de verdades absolutas.

Seguindo os passos da apresentação para Pocahy, convido você a assistir ao curta *Debaixo Desse Angu Tem Caroço*.

Figura 15 – Imagens extraídas do curta *Debaixo desse angu tem caroço*. Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.



Após a apresentação do curta para a turma, eu estava muito tenso. Nossos corpos, meu e de Vieira, ali, expostos na tela, causou-me certo constrangimento e, também, certo prazer. Acho que sou um pouco exibicionista. Devo registrar também que, não apenas eu e Vieira, mas tantos outros corpos, especialmente o de Simone Costa, companheira de jornada no CUNADI, doaram-se a este projeto. Doamo-nos à ciência. Meu corpo já não era meu, como já disse anteriormente.

Depois da apresentação, eu e Vieira nos entreolhamos, afinal, ainda pairava uma pergunta no ar. Pocahy havia ou não liberado a realização de um vídeo? Até que enfim veio a resposta de Pocahy: “Eu pedi como trabalho final um artigo e vocês me entregaram um vídeo. Achei subversivo”. Que importância tem a nota?

A importância, neste caso, foram as práticas e os conhecimentos tecidos nas redes que movimentamos durante a produção do audiovisual. *Transpensar* os modos de fazer, executar, trabalhar as teorias, misturar sons e imagens. *Práticasteoriaspráticas* que, neste processo, nos ajudaram a formular ideias, a suspeitar dos corpos, a dar um golpe no instituído, a nos modificar. Processo que nos afetou e que, com ele, afetamos outras pessoas. Um processo de contínua trans-formação.

Preciso, novamente, citar Nolasco-Silva (2018) que, em sua pesquisa, o fazer audiovisual se transforma em *artesanias fílmicas*.

Ainda no campo das artesanias fílmicas, preciso destacar um segundo vídeo que levei para essa turma, mais uma vez produzido por Vinícius Reis e Ana Letícia Vieira, de 2017, cujo título é *Debaixo desse angu tem carço*. Os autores, mestrando e doutoranda, respectivamente, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, praticam as audiovisualidades como desdobramentos da textualidade acadêmica, reverberando teorias em meio a imagens e sons produzidos, captados, encenados, bricolados, testando possibilidades artístico-científicas de militância e pesquisa. Neste trabalho eles intercalam trechos de artigos acadêmicos, que discutem gênero e sexualidade, com imagens de corpos nus, de práticas sexuais, simulações libidinosas que contornam definições e conceitos, apresentando ao espectador uma possibilidade de compreensão com imagens que falam mais do que mil palavras.

- Professor, pode me mandar o link do filme que vimos hoje? Eu adorei, de verdade, principalmente pela representatividade daqueles corpos imperfeitos, gordos e cheios de tesão. Eu não sabia que era possível realizar um trabalho assim na universidade. Isso aguçou minha criatividade, tô cheia de ideias pro meu TCC.

- Se a gente deixar o falso moralismo de lado é isso aí que é o corpo da gente: uma coisa esculpida pela sociedade e colocada numa moldura. O difícil é sair do enquadramento e testar outras poses.

- Outros closes, né? O negócio é muito close! (NOLASCO-SILVA, 2018, p. 153)

Os depoimentos coletados por Nolasco-Silva na pesquisa faz-nos pensar na potência do audiovisual enquanto um outro meio possível de fazer ciência e, quiçá, torná-la ainda mais palatável para públicos não especializados da sociedade, promovendo uma maior difusão dos conhecimentos tecidos nas universidades para além dos *espaçostempos* acadêmicos.

E para encerrar esta narrativa, devo salientar a iniciativa da professora Edméa Santos que, na revista REDOC – *Revista Docência e Cibercultura*⁵³, encontrou um meio de transformar vídeos em publicações. Um artigo científico possui título, resumo e um corpo do texto com um determinado número de páginas. A tática (CERTEAU, 2014) da revista é, enquanto publicação acadêmica, colocar o título, um resumo e, em vez do corpo do texto, um link para a visualização do vídeo, ocultando o número de páginas.

O vídeo agora é artigo. A iniciativa é um incentivo para novas produções, novas *artesanias fílmicas* que poderão ser tecidas por outros praticantes.

Inconveniente já foi publicado.

Valeu a aposta! Venceu a ousadia.

3.4 *Praticandopensando metodologia*

Escolhi, ou melhor dizendo, percebi que a metodologia deste trabalho se deu na prática (CERTEAU, 2014). Praticando, fiz acontecer em mim, os processos de tessitura de

⁵³ Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/index> > Acesso em 26 de junho de 2018.

conhecimento que eu teria que “ver”, mais tarde, na análise dos dados produzidos nesta pesquisa. Deslocados, ou não, os movimentos de Alves (2015) foram vividos e *narrar a vida e literaturizar a ciência* foi o que mais se destacou neste trabalho. Fabular meu corpo e as experiências atravessadas por ele neste meu processo de formação, onde a “realidade” se mescla com a “ficção”, como nas antigas “atualidades” do início do cinema, foi a forma que encontrei para delatar violências sofridas pela população LGBTI+ (a sigla só aumenta), sejam jovens, crianças ou adultos, e não transformar este trabalho em estatísticas de violência. Pois, no decorrer deste trabalho, eu vi muitas mortes e violência física nas redes sociais e em sites de notícias. Entre assassinatos e suicídios, casos extremos e frequentes, à agressões físicas, busquei focar-me no objetivo desta pesquisa que é combater a homofobia. Escolhi não fazer deste trabalho um “muro de lamentações”, mas sim, em alguma possibilidade de transformação. O *transpensar* de Vieira (2018), relatado nesta pesquisa, e o *virar de ponta cabeça* de Alves (2015) foram encarnados neste processo, me deram apoio e sustentação. Espero ter poupado muitas lágrimas. As minhas foram muitas.

Nessa caminhada, o meu processo formativo foi entrelaçado aos processos formativos de outras pessoas, tanto de meus colegas do ProPEd como os das estudantes da Faculdade de Educação da UERJ. A partir de agora tratarei da pesquisa realizada com as estudantes de Pedagogia no contexto da disciplina *Pesquisa e Prática Pedagógica* ministrada pela minha orientadora, Conceição Soares, e vinculada à sua pesquisa *As audiovisuais e as redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas na formação de professoras/es – um estudo com vídeos escolares contra homofobia divulgados no YouTube*. O meu trabalho se inscreve no contexto dessa pesquisa e se focou na curadoria produzida pelas estudantes com alguns desses vídeos selecionados por elas e na produção de vídeos, um documentário e uma ficção, realizada pelas mesmas estudantes.

Assim como num documentário, escolhas foram feitas e conversas foram editadas. Todo audiovisual é, ao fim de tudo, processos de escolhas e edição de conteúdo. Nem tudo cabe, algumas coisas precisam ficar de fora.

Trouxe, para esta longa conversa, Foucault, Certeau, Preciado, Wuff, Bhabha, Borrillo entre outros, pois entender as disputas em torno das questões de gênero e orientação sexual foi fundamental para minha compreensão da homofobia como um processo de diferenciação, exclusão e hierarquização de corpos e modos de vida, uma operação de poder. Tarefa difícil *aprenderensinar* que o sexo, assim como o gênero, são produzidos artificialmente e que os prazeres do corpo vão muito além das práticas sexuais, aliás, o dispositivo de contra-ataque destes processos de produção de corpos, gênero e sexualidade é justamente o próprio corpo e

seus prazeres, disse Foucault (2014). E segui, neste processo, alargando meu corpo, dilatando e delatando experiências e práticas, para borrar ainda mais minhas fronteiras.

Esta pesquisa com os cotidianos da formação docente tinha como objetivo atuar/intervir, por meio do uso do audiovisual, no campo da formação de professoras/es do curso de Pedagogia da UERJ. Entretanto, não acredito ser mais possível dissociar as *prácticasteorias* que a constituiu de todo um processo em que foi constituído, no coletivo, este corpo-pesquisador que se enuncia. O *Ecce Femina*, quinto e último movimento de Alves (2015), nesta pesquisa aconteceu de forma ampliada, para além do exercício da pesquisa em campo, mas, também, nas relações e experimentações que foram *praticadaspensadas* nos *espaçostempos* de autoformação, com professores, estudantes da formação de professoras/es, com o CUNADI, com o GENI⁵⁴, nas conversas pelos corredores, nas cantinas, nos seminários e palestras. Segundo a autora, “o que de fato interessa nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo” (ALVES, 2015, p. 158).

O corpo-pesquisador que eu acreditava ter, já não era mais meu. Assumi uma identidade múltipla, um EU de muitos EUs, carregando consigo uma legião de autores, multiplicidade de ideias, um aglomerado de pessoas e experiências, tão fundamentais, neste singular processo de autoformação.

Soares (2010) me ajuda a dar forma a este corpo híbrido (BHABHA, 2011), constituído nos cotidianos do ProPEd, através de suas impressões das pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* no cenário brasileiro.

As pesquisas no/do/com os cotidianos que temos desenvolvido no campo da Educação no Brasil não constituem, contudo, um bloco homogêneo, muito pelo contrário, abarcam diversas possibilidades de combinações, apropriações, traduções e negociações com/entre diversos autores, atores, representações sociais, conceitos e práticas. Em seu conjunto, elas vêm constituindo um movimento antidisciplinador dos *saberesfazeres*, contra a hierarquização dos *fazeressaberes* e em oposição à marginalização/exclusão que uma hierarquização promove; um movimento dinâmico, aberto, cambiante e em constante ação-reflexão-ação, que assume os riscos, as incertezas e os acasos no seu tatear, em conexão com a vida, no *tempoespaço* em que ela pulsa e se transforma. (SOARES, 2010, p. 67)

Nesta pesquisa, a tecnologia do vídeo foi usada, não somente para a produção audiovisual, mas também serviu de documento, de registro de um vivido, de memória, de diário de campo. As conversas, tanto da curadoria realizada pelas estudantes da turma em que realizamos a pesquisa, quanto da posterior produção de vídeo pelas mesmas estudantes, última etapa desta pesquisa, foram devidamente registradas em vídeo.

⁵⁴ GENI - *Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidades, e Interseccionalidades* do professor Fernando Pocahy.

Devo ressaltar que o campo da produção de vídeos se deu num curto período de tempo. Após um longo período de greve, voltamos às aulas na graduação. Foi um período atípico, que ocorreu de março à junho de 2017, mas correspondia ao período 2016.2 no calendário oficial. Na qualificação, em virtude das incertezas, nem sabíamos se conseguiríamos realizar esta última parte da pesquisa. Mas ela foi concluída com determinação.

Outro fator que merece destaque na produção dos vídeos, documentário e ficção, foi o uso dos celulares *smartphones*. A experiência de *Inconveniente* nos apontou este caminho e abolimos o uso de câmeras “profissionais” que tínhamos à disposição no nosso grupo de pesquisa para as alunas em formação. O tempo era curto e o manuseio destes equipamentos demandaria conhecimentos específicos. Saliento que os equipamentos “profissionais” não deixaram de ser oferecidos às estudantes, porém o uso dos *smartphones* não somente foram aceitos, mas também tornou a prática do audiovisual, principalmente no documentário, mais viável. Tanto na ficção quanto no documentário, imagens foram captadas fora da universidade. A mobilidade e discrição do aparelho permitiu que as alunas circulassem nestes outros *espaçostempos* sem interdições ou contratempos. O não uso dos “equipamentos profissionais” também eliminou a burocracia e o tempo gato com a retirada e posterior entrega destes equipamentos.

As “câmeras profissionais” ou filmadoras eram uma questão para Filé (2002) que, naquele tempo, problematizava o audiovisual nas escolas.

Muito se tem falado em mídia, imagem, novas tecnologias. Também muito se discute sobre as escolas e a necessidade de que essas novas tecnologias façam parte das práticas pedagógicas. Nesse viés, temos assistido a inúmeras tentativas que, por exemplo, colocam TVs e vídeos nas escolas, mas não as filmadoras, deixando claro que, nesse senso comum instituído pelo poder oficial, as escolas podem reproduzir, mas não devem criar. (FILÉ, 2002, p. 129)

Hoje habitamos um outro cenário. As câmeras de vídeo, embutidas nos *smartphones*, invadem as escolas. E os usos que são dados ao equipamento são os mais variados, desde a produção de *selfies*, uma produção de si, a vídeos que denunciam práticas de abuso e violência no ambiente escolar, passando também por outros mais constrangedores, que a escola tenta ocultar, como as práticas sexuais que são registradas nas salas de aula e nos banheiros das escolas. Não vou entrar no mérito destas questões, nas vantagens e desvantagens deste novo cenário que se apresenta. A experiência do mestrado me fez pensar também, não somente no como utilizamos as novas tecnologias, mas no quanto nos apropriamos delas, hoje, para a tessitura de conhecimentos. Neste caso, refiro-me apenas à

tecnologia do vídeo, às *artesanias fílmicas* (NOLASCO-SILVA, 2018), do quanto o audiovisual pode contribuir para tecer outras realidades, outros mundos possíveis, outros enquadramentos epistemológicos (BUTLER, 2018), uma outra sociedade nas/das/com as escolas.

*De que serve ter o mapa
Se o fim está traçado?
De que serve a terra à vista
Se o barco está parado?
De que serve ter a chave
Se a porta está aberta?
De que servem as palavras
Se a casa está deserta?*

*Aquele era o tempo
Em que as sombras se abriam
Em que homens negavam
O que outros erguiam
E eu bebia da vida em goles pequenos
Tropeçava no riso, abraçava de menos
De costas voltadas não se vê o futuro
Nem o rumo da bala
Nem a falha no muro
E alguém me gritava
Com voz de profeta
Que o caminho se faz
Entre o alvo e a seta*

*Quem leva os meus fantasmas?
Quem me salva desta espada
E me diz onde é a estrada?*

Maria Bethânia

4 VÍDEOS CONTRA A HOMOFOBIA COMPARTILHADOS NO YOUTUBE COMO TRABALHOS ESCOLARES

Lançado em 2005, o site de compartilhamentos de vídeos YouTube é uma plataforma onde os usuários podem assistir e compartilhar os mais variados tipos de vídeos. Na época, devido às dificuldades existentes para se compartilhar vídeos na internet, os fundadores Chad Hurley e Steve Chen criaram algo próximo à televisão, porém, neste ambiente, cada usuário seria responsável pela criação do seu próprio canal.

A ideia bilionária⁵⁵ vem sendo empregada também como meio de estudos, seja pelas postagens de professores, que compartilham conteúdos no seu próprio canal e isso permite que cada usuário pode assistir quantas vezes quiser e de onde estiver, bem como por meio das mais variadas formas de avaliação realizadas pelos professores.

Em conformidade com o projeto de pesquisa da orientadora, *Audiovisualidades e redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas na formação de professoras/es: um estudo com vídeos escolares contra homofobia compartilhados no YouTube*, buscamos afirmar que a discussão sobre as questões de gênero e de sexualidade está, de alguma forma, acontecendo nos cotidianos das escolas de educação básica em todo o país, independentemente das políticas de Estado, das diretrizes curriculares, dos planos municipais e estaduais de educação, dos projetos pedagógicos e dos currículos prescritos ou declarados nas unidades de ensino.

Nesta pesquisa, detectamos que a vasta gama de produção de vídeos escolares contra a homofobia existente no YouTube ocorre, justamente, entre os anos 2011 e 2012, provavelmente por conta da discussão e conseqüente cancelamento do *Projeto Escola Sem Homofobia* devido ao “escândalo” criado em torno do *Kit de Combate à Homofobia nas Escolas*. Na filtragem, optamos por selecionar os discursos visuais e sonoros que “sobem” ao YouTube com legendas do tipo “trabalho de...” acrescidas da palavra “homofobia”.

Vale ressaltar que, em sua maioria, os vídeos produzidos não dispõem de quaisquer informações, ou quando as possuem, são de modo escasso.

Dos vídeos que dispunham de informações, registra-se a diversidade dos níveis de ensino, que compreendiam do Ensino Fundamental II às Universidades e seus variados cursos (Direito, Psicologia, Comunicação Social, Serviço Social e Pedagogia), de várias regiões do país. Dentre as cidades foram identificados trabalhos produzidos em São Caetano do Sul (SP),

⁵⁵ O site foi comprado pela empresa Google, em 2006, por US\$ 1,6 bilhão.

Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Linhares (ES), Groaíras (CE), Cajuru (SP), São José (SC), Bauru (SP), Caieiras (SP), Vitória (ES), Nova Odessa (SP), Pinhais (PR), Santa Cruz das Palmeiras (SP), Rio Branco (AC), Londrina (PR), João Pessoa (PB), Recife (PE), Guaíba (RS), Fortaleza (CE) e Sorocaba (SP), entre outras.

Em relação às disciplinas, havia as matérias de Sociologia, Filosofia, Redação, História, Arte, Português, Inglês, Espanhol e Biologia, sendo as cinco primeiras matérias responsáveis pela maior concentração de material produzido.

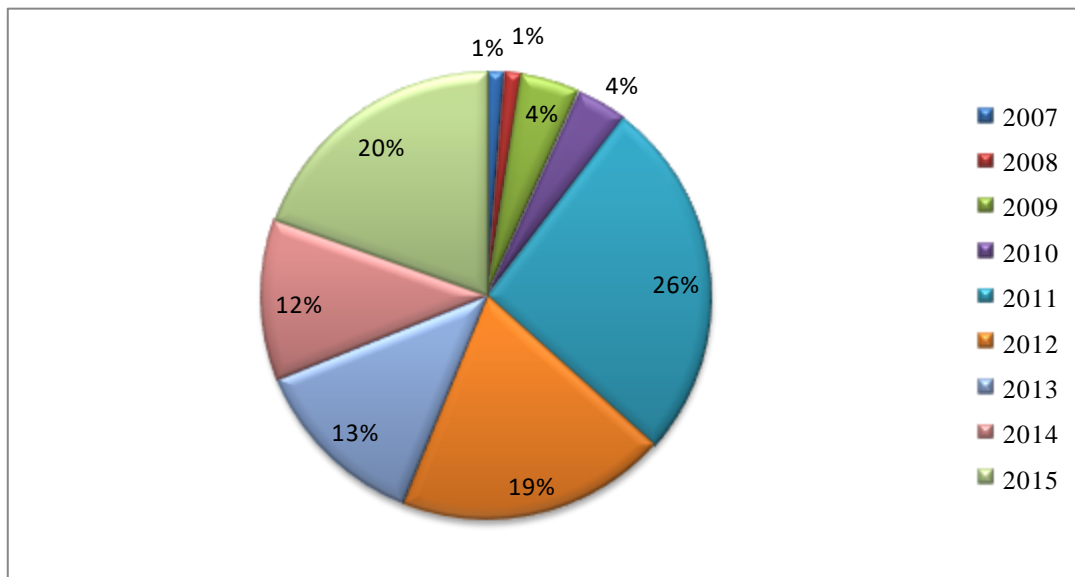
No que diz respeito à data de compartilhamento do material, os anos das postagens variavam entre 2007 e 2015 (quando realizamos esta pesquisa), sendo observada a maior concentração nos anos de 2011 e 2012, como já anunciado anteriormente.

De um total de aproximadamente de 11.000 vídeos encontrados, foram analisados cerca de 160 vídeos.

Seguem abaixo alguns dos dados recolhidos:

- Ano de publicação:

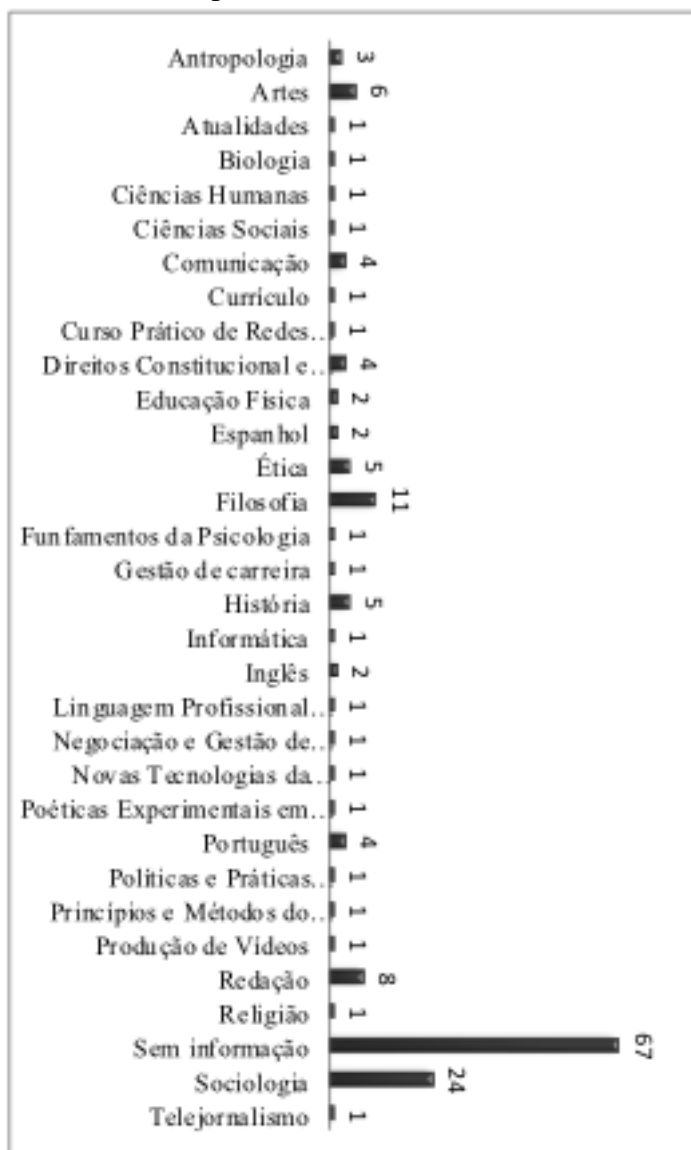
Gráfico 1 – Ano de publicação



- Disciplinas:

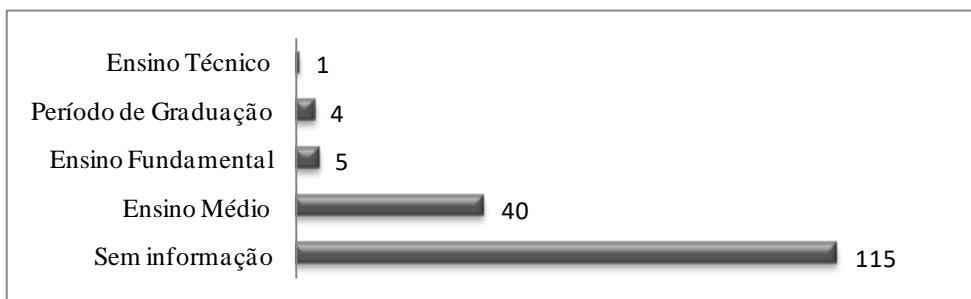
Das mais variadas matérias, como Educação Física, Artes e Inglês. As mais comuns foram Filosofia, Sociologia, História e Redação. A matéria mais surpreendente e incomum foi Religião, sendo encontrado apenas um trabalho.

Gráfico 2 - Disciplinas



- Níveis de ensino:

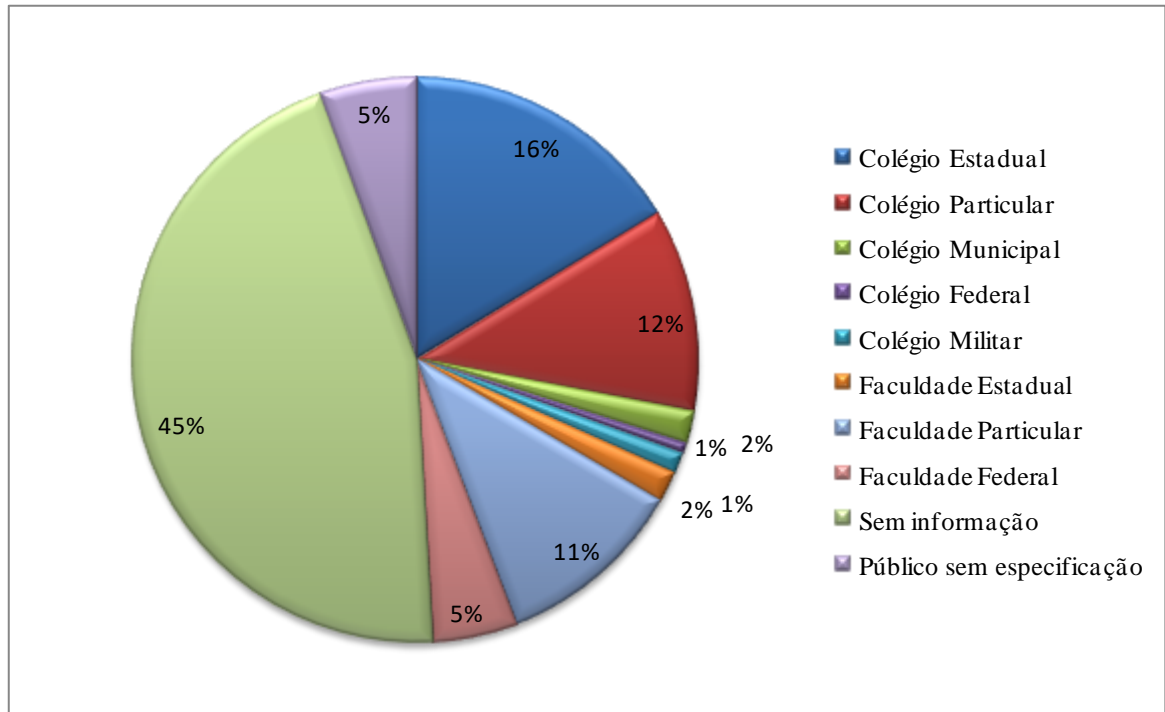
Gráfico 3 - Níveis de ensino:



Observa-se que os vídeos foram produzidos por variados níveis de ensino.

- Instituições de ensino:

Gráfico 4 - • Instituições de ensino



Considerando apenas os dados existentes, as escolas estaduais destacam-se na produção do material, seguido por colégios particulares.

Vale destacar ainda que grande parte dos vídeos visualizados foi produzida a partir de uma composição entre textos, fotografias disponíveis na internet e uma música de fundo. Muitas frases clichês se repetem em diferentes trabalhos: “Homofobia mata!”, “Homofobia é crime!” e “Homossexualismo (Homossexualidade nos vídeos mais recentes) não é doença”. Muitas imagens e textos são usados em diferentes vídeos para produzir novas composições. As fotografias de arquivos da internet mais usadas nesses vídeos remetem às paradas gays, bandeiras do arco-íris em diferentes formatos, imagens de vítimas de violência homofóbica e imagens de casais homossexuais em cenas de afeto. As músicas mais utilizadas são de artistas pops contemporâneos, tais como Adele, Cold Play, Lady Gaga e Katy Parry, mas também músicas que se tornaram, de certa forma, hinos LGBT, tais como “It's Raining Men” e “Y.M.C.A”.

Entretanto, para além da bricolagem produzida na grande maioria dos trabalhos, ou seja, vídeos com imagens retiradas da internet, outras linguagens e/ou gêneros audiovisuais foram identificados nesta produção dos/das estudantes. São eles: ficção, depoimentos, entrevistas e documentário. Seguem alguns exemplos:

Vídeo 09 - Trabalho sobre homofobia – IESC⁵⁶ (vídeo com imagens retiradas da internet).

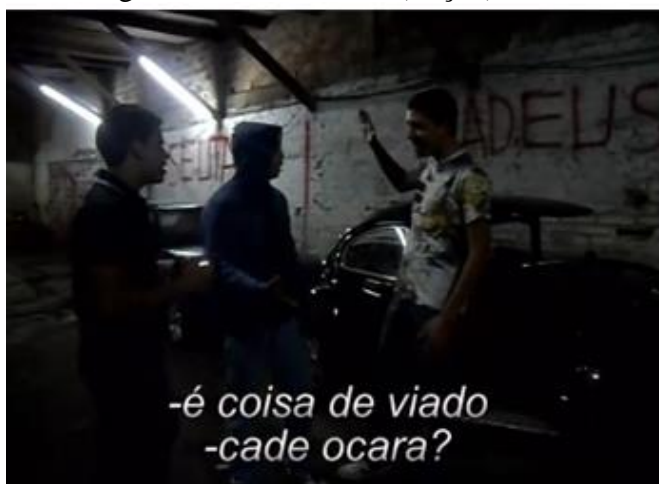


goo.gl/qQotSG

Como no exemplo acima, muitos vídeos trazem imagens em movimento, textos, recortes de jornal, reportagens de programas jornalísticos, fotografias etc., para compor os audiovisuais.

Já na ficção, uma característica marcante é o forte uso de estereótipos afeminados. É preciso avaliar e refletir se ele agrega um valor positivo ou negativo acerca do tema. Em geral, recriam casos de bullying e agressões físicas a jovens homossexuais.

Vídeo 10 - Diga não à homofobia⁵⁷ (ficção).

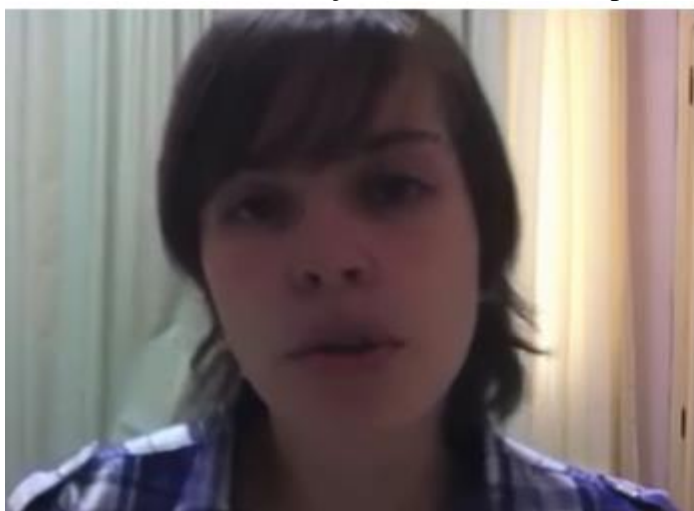


goo.gl/CeHYQI

⁵⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6hnc1jto1pk>>. Acesso em 27 de março de 2017.

⁵⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bmTLlfVjB2I>>. Acesso em 27 de março de 2017.

Vídeo 11 - Trabalho de redação – homofobia⁵⁸ (depoimentos).



goo.gl/8GIsgi

Nos vídeos com depoimentos, o protagonismo das juventudes chama nossa atenção, porque se apresentam como homossexuais, falando do preconceito nas escolas e nas famílias, mas também de modos de enfrentamento e afirmação.

Vídeo 12 - Entrevista a Sharlene Blue⁵⁹ (entrevista).



goo.gl/jIr7zP

Nas entrevistas, há vídeos em que se fala abertamente sobre a sexualidade e a identidade de gênero do entrevistado, outros trazem mensagens de especialistas e também há aqueles que trazem apenas opiniões.

⁵⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=H1hCdAfOsoY>>. Acesso em 28 de março de 2017.

⁵⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0TYsSlMTXZY>>. Acesso em 28 de março de 2017.

Vídeo 13 - Pelo direito de viver⁶⁰ (documentário).



goo.gl/mPa8qU

O documentário acima traz diversas entrevistas com professores, sociólogos, psicólogos e estudantes. É perceptível uma qualidade na captação de imagens e edição superior à maioria dos trabalhos apresentados anteriormente.

Na contemporaneidade, as facilidades de produção, reprodução e compartilhamento, vem favorecendo o aumento da cultura audiovisual. Esse aumento se deve, essencialmente, a dois fatores: a internet - e as mídias que ela traz - e aos dispositivos contemporâneos que produzem sons e imagens de qualidade (*smartphones*) que ainda possibilitam o compartilhamento e recebimento dos audiovisuais. As mudanças causadas por esses artefatos, trazem novas formas de ver, compartilhar e interpretar o mundo, surgindo, assim, uma nova percepção das representações, reconhecimentos e engendramentos, nas formas de pensar, imaginar e experimentar o mundo e as redes de conhecimento.

Entretanto, em nossas pesquisas, não ignoramos que, ao lado das maravilhas do digital em rede, “reside a percepção de que este é um movimento localizado e desigual, coexistindo na sociedade brasileira os incluídos digitais, os parcialmente incluídos e os que não possuem acesso algum a esses bens tecnológicos” (VIEIRA et al., 2016, p. 138). E pensamos com Bhabha (2011) quando ele faz uma crítica aos “demasiadamente empolgados” com o digital em rede num mundo globalizado, ao que ele chama de cosmopolitismo global.

Há um tipo de cosmopolitismo global, muito influente no momento, que configura o planeta como um mundo concêntrico de sociedades nacionais se estendendo até vilarejos globais. É um cosmopolitismo de relativa prosperidade e privilégio fundamentado em ideias de progresso que são cúmplices de formas neoliberais de governança e de forças de concorrência de livre mercado. Tal conceito de “desenvolvimento” global tem fé nos poderes praticamente sem fronteiras da inovação tecnológica e das comunicações globais. [...] Os cosmopolitas globais

⁶⁰ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=p5nBcF-FxIU> >. Acesso em 28 de março 2017.

dessa espécie com frequência habitam “comunidades imaginadas” que consistem de vales de silício e *campi* de *software*, apesar de, cada vez mais, terem que enfrentar o mundo confinado dos *call-centers* e as condições subumanas da terceirização. (BHABHA, 2011, p. 177)

Embora estejamos, nesta pesquisa, fazendo usos de aparatos tecnológicos conectados ao digital em rede, reconhecemos que isso só foi possível por estarmos imersos num ambiente que possibilitou tal realização.

5 A CURADORIA

Nesta etapa da pesquisa, que aconteceu entre setembro à dezembro de 2016, realizamos uma atividade com a turma de Pedagogia da UERJ na disciplina *Pesquisa e Prática Pedagógica* – PPP, e que foi nomeada Curadoria por Soares. Embora seja uma atividade muito comum em muitas áreas, devo ressaltar que esta prática é inerente às mostras e festivais de cinema. De todos os filmes enviados para as mostras e festivais, uma equipe de curadores (depende do tamanho do evento) seleciona, dentre os audiovisuais enviados, quais deles serão escolhidos para participar do festival ou mostra e em qual categoria, dependendo dos direcionamentos que aquela edição pretende exibir para seu público. As mostras, geralmente menores em quantidades de filmes, costumam ser mais específicas quanto ao tema que, muitas vezes, exige que o conteúdo a ser exibido esteja de acordo com o próprio nome do evento. Então, o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, por exemplo, e que já se encontra na sua 25^a edição, irá selecionar para sua grade de sessões, filmes relacionados ao tema gênero e sexualidade, pois este é o foco do evento.

Faço esta observação para ressaltar que a curadoria é, também, um prática audiovisual. E trago para este trabalho a experiência de uma vivência em mostras e festivais de cinema através de uma atividade que exerço há mais de uma década, a da *legendagem eletrônica*, que consiste em levar para estes eventos a “legenda do filme” quando esta, por uma questão orçamentária ou de tempo, não vem anexada à imagem do filme. O processo de “queima” da legenda na imagem do filme é caro e demorado. Exige o envolvimento de vários profissionais tais como o tradutor do filme, o marcador de legendas, ou seja, aquele que marca o tempo de entrada e saída da legenda no filme, além dos recursos técnicos, máquinas e softwares, para a “queima” nos mais variados suportes, seja em película, de natureza física, ou digital. Então, a *legendagem eletrônica* é um apoio para o público, na sessão pública, onde o filme não esteja com a legenda “queimada”, ou seja, embutida dentro do filme. Nestes casos, quando a legenda não está acoplada ao filme, instalamos uma tela, menor e comprida, abaixo da tela da sala de cinema e ali projetamos somente a legenda, manualmente, fazendo a legenda entrar ou sair, de forma artesanal, onde este controle fica nos dedos do operador, o “lançador de legendas”, que as opera de acordo com o que é ouvido (no caso de um diálogo em língua estrangeira) ou do que aparece nas tela do cinema (placas de indicação de lugar, cartas escritas, manchetes de jornais, cartelas com textos escritos, etc).

Praticamos a curadoria em sala de aula da seguinte maneira: a turma foi dividida em seis grupos. Cada grupo, de aproximadamente cinco estudantes, faria uma pesquisa no site

YouTube, da mesma forma como fizemos na primeira etapa desta pesquisa, cruzando as seguintes palavras no sistema de busca do site: trabalho; homofobia; escola. Sabíamos de antemão, por nossas práticas de pesquisa, que apesar das variantes que o sistema de busca apresenta para cada usuário de acordo com suas preferências, os mesmos primeiros cem vídeos da etapa anterior, apareceriam na lista de oferta do sistema de busca para as estudantes, mesmo que em outra ordem de apresentação. Portanto, cada grupo estaria, de certa maneira, visualizando e trazendo para a sala de aula, os mesmos vídeos que encontramos na primeira parte da pesquisa.

Dos filmes apresentados no sistema de busca do YouTube, cada grupo deveria escolher de três a quatro filmes e trazer para a sala de aula, justificando suas escolhas, ou seja, o porquê da seleção daquele audiovisual. Abaixo, traçamos um quadro dos filmes escolhidos.

GRUPO 01	GRUPO 02	GRUPO 03	GRUPO 04	GRUPO 05	GRUPO 06
Homofobia mata	Trabalho prof. Ricardão - homofobia	Homofobia no ensino médio Matheus e Pedro UFSC	Por outros olhos - Homofobia na Escola	Paródia contra a homofobia	Homofobia (trabalho)
Por mais corações sem homofobia	Trabalho de história - homofobia	Homofobia da teatro da 3001	Trabalho escolar - vídeo apresentação	SOBRE A HOMOFOBIA - Trabalho de Atualidades	Trabalho de Sociologia Homofobia 2°C
Peça sobre preconceito de gênero	Vídeo Escolar: Trabalho de História dos alunos do 3ºB	Jeannette Mannarino - Peça Contra Homofobia feita pela Turma 3020 em 2011	Homofobia - Ensino Médio	Homofobia. Trabalho de Sociologia	Paródia contra homofobia
Teatro escolar-homofobia				Homofobia (trabalho)	

A tabela acima nos mostra que foram selecionados, pelas estudantes, um total de 17 vídeos. As apresentações se dividiram em 3 aulas com 2 grupos para cada aula. Suspeitamos que a repetição de filmes por grupo poderia acontecer em qualquer uma das aulas, pois cada grupo não saberia de antemão as escolhas do outro grupo no dia das apresentações. Porém, na

última aula, do total de filmes apresentados, dois se repetiram. Tal repetição corrobora nossa certeza de que o cardápio de ofertas de vídeos no sistema de busca do YouTube seria muito similar ao que nos foi ofertado em nossas buscas no início desta pesquisa. Portanto, fazendo um paralelo com as mostras e festivais de cinema, o processo de seleção de filmes, ou seja, a curadoria, foi feita entre os 100 primeiros filmes “enviados” pelo sistema.

Como parte deste processo da curadoria, seria necessário apresentar o audiovisual em sala, justificar a seleção, abrir a discussão com a turma e, ao final, apresentar um trabalho escrito com as informações do vídeo escolhido: título, descrição, ficha técnica, justificativa e análise.

Todas as apresentações foram gravadas em vídeo para posterior análise. Devo salientar que questões de produção audiovisual atravessaram nossas conversas, mas que funcionaram mais como dicas e possíveis soluções estéticas para a realização dos trabalhos. Entendemos audiovisualidades como práticas, portanto, o fazer audiovisual é apenas mais uma destas práticas. Entretanto, algumas dicas nos faziam pensar para além de questões formais ou técnicas.

Figura 16 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 01.



Gabrielle Clara: O quão documentário é esse documentário?

Conceição Soares: E essa escolha de formadores de opinião, o que vocês acham? O quão formador de opinião é um guarda civil?

Vinicius: Eu acho que era uma questão de idade. Pessoas mais velhas, profissionais.

Conceição Soares: A professora provavelmente pediu um formador de opinião.

Vinicius: Ou até que um profissional de qualquer área, é um formador de opinião.

Conceição Soares: Agora vou à pergunta que me interessa: esse formato, essa lógica, vocês acham que ela segue alguma lógica escolar, ou midiática?

Assim como encarnamos o gênero e a sexualidade mimeticamente (WULF, 2013), através dos gestos, por tentativas de imitação, com o audiovisual não é diferente. Existe um conhecimento que é anterior aos sujeitos, portanto, os modelos de “como fazer” uma matéria jornalística, uma ficção ou um documentário, já foram exibidos à exaustão. As linguagens televisivas e cinematográficas já foram, de certa forma, assimiladas pelo público. Os modelos estão aí para serem imitados.

Figura 17 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 02.



Vinicius: E, só uma observação. A questão do estereótipo, viu. Porque o Robertão não só virou um homem gay, como virou um homem gay afeminado.

TODOS: É...

Conceição Soares: É, mas aí qualquer representação seria estereotipada. Porque se fosse um sarado também seria um estereótipo. Não tem como uma representação midiática não ser estereotipada, porque não existe um tipo gay, então, qualquer um escolhido iria simbolizar, simplificar uma complexidade, não tem como, acontece que tem preconceito dentro da comunidade gay. E a comunidade não gosta de se ver num gay afeminado. Isso é uma outra coisa que a gente tem que pensar, entendeu? É como também o menino, quando ele disse: eu sou um menino normal, ele falou bem claramente: eu já me vesti de trans, mas eu não sou. Que é outro preconceito também dentro da comunidade. É outra situação que... eu queria ver outra coisa para ajudar vocês a falar. É... Vocês acham que a ficção, todos os estereótipos... quando começou, eu também me incomodei com os estereótipos, mas depois eu achei que eles atrelaram ao bom humor e a música e foi bem legal porque eles conseguiram trazer isso pra... é o que a “Gabi” falou, as forças, a religião, o estado, a família... essas instituições né, aonde essa discussão gira em torno do preconceito. Eu achei isso bacana. E o que eu queria perguntar é assim, vocês acham que se a gente sentir, se tocar em relação a homofobia, até entender... pensar sobre isso na sociedade. O que funcionou melhor? O documentário ou a ficção?

TODOS: Ah, a ficção.

Entendemos o preconceito não como ignorância, um desconhecimento sobre o outro, mas sim, um conhecimento produzido sobre o outro. Em suas análises sobre a cultura, das relações entre colonizador e colonizado, do nativo indiano e dos ingleses, Bhabha (2011) nos aponta que esta relação binária de forças entre saberes, de um sobre o outro, do eu para o outro, que esta relação colonial é uma relação histórica. O poder se dá em relação (FOUCAULT, 2014) e nos divide em sujeitos antagônicos (BHABHA, 2011). Porém, “assumir responsabilidade pelo traço do passado nos confronta com o estabelecimento de uma relação ética, cujas formas de significação são elípticas, supressoras, desajustadas” (BHABHA, 2011, p. 170). E que a ética, neste caso, é uma “tomada de posição”.

É o destino de nossas vidas não poder escolher, na maioria das vezes, esses grandes aparatos de mediação que estruturam nosso mundo simbólico. Eles, de alguma forma, precedem a nossa presença e persistem depois do seu desaparecimento. O que podemos e devemos fazer é travar nossas guerras de “reconhecimento” sabendo que existe, em meio ao antagonismo, a proximidade da liberdade histórica e da sobrevivência cultural. Dominem o silêncio do torturador e respondam ao grito do corpo! (BHABHA, 2011, p. 171)

Não há consenso! O estereótipo do gay afeminado sempre me incomodou no campo das representações. Eu mesmo já cometi este erro no meu primeiro curta. Aristóbulo, o único personagem “visivelmente gay” era afeminado, fofoqueiro, interesseiro, ambicioso e narcisista. Ou seja, o estereótipo da “bicha má”. Reuni, neste vilão coadjuvante várias características ruins e, entre elas, a feminilidade como sendo mais uma. A grande vilã era uma mulher histérica, ciumenta e assassina. No fim, a histérica mata a bicha. E ambos os personagens arrancavam risos da plateia. O riso fácil vinha de uma repetição dos modelos de homossexualidade e de um feminino recorrentes na minha infância, das telenovelas e, principalmente, dos programas de humor da televisão brasileira dos anos 70 e 80. Devo ressaltar ainda que a homossexualidade só era representada na TV brasileira em determinados horários. Era proibido em outros. Havia censura e penalidades. Em outras palavras, os modelos que eu via de homossexualidade na TV era pouco e tudo era sempre muito ruim, motivo de escárnio e sempre marginal, fora do contexto social dos personagens “normais”.

O cinema norte americano também contribuiu para uma imagem negativa da população LGBTQI+. Durante o processo de domesticação, a moralização veio junto no pacote. Foi proibido a abordagem do tema homossexualidade (sexualidade dissidente) e, para piorar, quando representada nas telas, a homossexualidade estava presente nos vilões e vilãs de toda espécie, de vampiras lésbicas à travestis assassinas. Durante décadas foi assim. O filme documentário *The Celluloid Closet: O outro lado de Hollywood*⁶¹ (1995) conta esta história e é baseado no livro homônimo de Vito Russo. Este filme me ajudou a entender os processos que me levaram a criar os personagens do meu primeiro curta e, também, perceber como tive falta de outros modelos de homossexualidade que não fossem ridicularizados, inferiorizados, discriminados, pelo menos, no que tange às audiovisualidades. Por isso, uma representação que se aproxime da vida, de pessoas com defeitos e qualidades, ou até mais positiva, que busque empoderamento, seja de uma pessoa afeminada/masculinizada ou não, acaba sendo uma representação que me é cara, preciosa e fundamental.

A ficção, eleita pelas estudantes como gênero preferencial para contar uma história, para fazer sentir, pensar e trazer a discussão contra a homofobia para a sociedade, agora tinha a responsabilidade de fugir dos estereótipos. E me surpreendi com o resultado, mais tarde.

⁶¹ O filme dirigido por Jeffrey Friedman e Rob Epstein foi realizado em 1995, ano em que o cinema norte americano completou 100 anos.

Figura 18 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 03.



Gabrielle Clara: É.. nisso da paródia perto da seriedade, eu acho que nem sempre vai ajudar, eu Acho que.. quando... eu lembro assim, os adolescentes, meus amigos adolescentes, às vezes o riso até distraia, tipo tem essa questão... de você entrar na onda pra fazer rir, pra rir junto e não pensava muito. [...] Eu acho que se a gente deixar na brincadeira não faz as pessoas refletirem.

Gisele Brito: Concordo. É que nem esse outro vídeo que... eu acho que é o próximo. Que ele parece que é um pouco sério, mas todos os alunos estão rindo. Estão achando graça. O vídeo não era... eu não entendi como se fosse igual esse primeiro que é mais... [Conceição Soares: EU ACHO] aí esse outro me incomodou. Tipo a gente está falando de uma coisa séria e todo mundo hahahahahahaha.... querido, não tem graça é uma coisa séria que acontece.

Iasmim Silva: Mas se você perceber o início dessa peça... o discurso da professora quando vai apresentar a primeira peça... gente não é para rir. Eu sei que é engraçado, mas não é para rir. Esse discurso encaixa exatamente nesse vídeo que incomoda.

Gisele Brito: É... é bem isso o que a Gabi falou. Eu acho que é legal ter essa peça porque sempre puxa a atenção de homem por ser jovem com jovem mas eu acho que tem que ter alguém mostrando dados mostrando que isso acontece que não é só uma brincadeira, que acontece mesmo no dia a dia... o que eu senti mais incomodada foi no outro vídeo porque parecia ser sério... eles estavam tentando fazer alguma coisa séria mas na verdade estava todo mundo ali sentado e achando graça. Tipo, ah tá, estão batendo ali no menino e tá ótimo.

Thayane Santos: Gente, mas olha só é complicado, porque são... tá bom não são crianças... são adolescentes...

Gisele Brito: A questão aqui incomoda. Eu acho que me incomoda; ver que são adolescentes... do segundo vídeo... o primeiro não achei nada demais, achei que estavam é... numa peça teatral, deu para entender, deu para ver, mas no segundo por mais que fosse uma representação incomoda, eu acho que me incomodaria mesmo se eu estivesse no Ensino Médio.

Conceição Soares: Mas olha só, falaram algumas coisas aqui que eu achei importante. Só para trazer... primeiro que são vídeos feitos por adolescentes para adolescentes, isso é importante. Pensando sobre isso, a maioria desses trabalhos não passam pelo filtro do professor. Os adolescentes fazem, apresentam na escola, sobem no Youtube. [ALUNA NÃO IDENTIFICADA: Sobem - em tom de riso] A gente não sabe se as pessoas deram direitos de imagem, tem as complicações éticas, e que é uma coisa que a gente não está entrando no mérito. Quando um professor fizer o vídeo ele tem que tomar esses cuidados. [...] O mundo é doido.

Gisele Brito: As imagens violentas incomodam, mas o que mais incomoda, o que mais foi incômodo, foi aquele vídeo das risadas, eu entendo que são adolescentes, mas gente era uma cena de violência, mesmo se não fosse pra representar uma violência contra um gay ou uma lésbica, pode ser uma violência qualquer, é uma violência a pessoa tem que se sensibilizar de que aquilo não é legal.

A primeira parte desta pesquisa nos revelou que grande foi a variedade de disciplinas que discutiram o tema homofobia em sala de aula, assim como foi grande a variedade nos níveis de ensino. Nas produções audiovisuais não foi diferente. Alguns audiovisuais, intitutados como trabalho em vídeo, não passavam de registro de peças teatrais, registro de

estudantes tocando violão e cantando, depoimentos. Os gêneros audiovisuais se misturavam, borrando fronteiras entre o documentário, a ficção e a matéria jornalística da TV, entre a informação obtida nos meios oficiais de informação e frases prontas acopladas à imagens de internet, às vezes, tudo isso se misturava num único vídeo, enfim, foram múltiplas as composições e, muitas delas, contraditórias.

Felipe Ferraz: Nós escolhemos três vídeos, um diferente do outro. O primeiro utilizou mais imagens, utilizou uma música de Adele⁶² e de outra banda (Coldplay⁶³).

Alguma integrante: Só pra falar, que a letra da música não tem nada a ver com o vídeo.

Felipe Ferraz: É, eu até vi a tradução da letra da música da Adele, e é uma música que fala muito de amor, de sofrimento. Até queria falar um pouco sobre isso porque nos outros vídeos, acho que o segundo vídeo, fala muito de amor, mas gay não quer só amor. As pessoas pegam e padronizam tudo como casal. E não quero só respeito como casal, é respeito além disso, porque senão você pega e pensa “vamos ter respeito só pelo casal que ama e tal”, mas tem gay que é promíscuo e quer ser promíscuo. Como tem hetero que quer ser promíscuo e é promíscuo, pronto e acabou.

O discurso de Felipe nos chama a atenção para a questão das identidades e como estas se articulam com as normas. Em sua pesquisa, Pocahy trabalhou a ideia de que “não podemos pensar as identidades sexuais ou identidades de gênero fora de uma norma, uma vez que elas são em si mesmas a marca indelével de um dispositivo” (POCAHY, 2017). Práticas sexuais, comportamentos e objetos são moralizados para que haja conformidade às normas, mesmo que estas sejam normas outras, dentro das sexualidades dissidentes. A conveniência (CERTEAU, 2013) é uma tática de sobrevivência. A conveniência é uma encenação, e dela fazemos uso quando e onde necessário.

Embora eu não tenha encontrado potencialidades contundentes na desestabilização do gênero, mesmo diante das desobedientes formas de experimentação da sexualidade que tive a oportunidade de acompanhar durante o período de 2008 a 2010, envolvido em trabalho de campo, as imagens das ‘fechações’ de terreno (as performances dos sujeitos. A “perform/ação’ de um discurso) me ofereceram possibilidades de abrir a reflexão sobre o teatro da heterossexualidade compulsória e os *pocket shows* cotidianos das hetero e homonormas (o que considero aqui como performatividades, ou seja, as normas hetero e homo se constituem como enunciados performativos – recitações estilizadas que, de tão repetidas, produzem significados e sentidos de ‘realidade’). (POCAHY, 2017, p. 20)

⁶² Adele é uma cantora, compositora e multi-instrumentista britânica.

⁶³ Coldplay é uma banda britânica.

Figura 19 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 04.



Felipe Ferraz: O segundo vídeo que a gente viu que a professora até falou “ não esse vídeo não é de escola não”, foi pego uma parte de um canal no youtube, “Põe Na Roda” não sei se já ouviram falar, e também acabou utilizando imagens, talvez do Google, igual no primeiro vídeo, e usou também imagens de personalidades, até de pessoas que sofreram violência .

Jessyca Nazário: As imagens ali a gente nem tem certeza se foram imagens feitas de pessoas que sofreram homofobia. A última imagem pra mim é coisa relacionada à cigarro, pra mim não tinha nada a ver com agressão.

Felipe Ferraz: No primeiro vídeo você vê que as falas são querendo humanizar o gay, “são pessoas também, são seres humanos, também amam, também são seres humanos” pra frisar pra pessoa entender que é um humano.

Isabelle Luongo: A impressão que dá é que eles precisam existir provando que eles estão ali, “Olha eu to aqui, eu sou gente. Ei, eu tô aqui.” Parece que eles tem que viver mostrando isso o tempo todo pra sociedade.

Felipe Ferraz: É engraçado que tem que ter o aval de um grupo pra falar que gays, trans, são humanos, sabe?! Algo que é tão óbvio.

Iana: As pessoas não percebem isso por si só né?!

Jéssyca Nazario: E você vê que tem um vídeo que ela fala das leis, na verdade a menina que tá falando, é uma parte muito baixa do vídeo, pelo que eu entendi ela diz que ela não pode nem confiar nas leis do país defendendo os homossexuais.

Franciny: Na verdade ela diz ali que não adianta, as leis não vão funcionar.

Felipe Ferraz: Exatamente. Punir não adianta, tem que dar uma discussão.

Franciny: Mas ela fala no sentido de que, não adianta ter lei, não adianta a punição, o que adianta mesmo é a educação.

Jessyca Nazário: Mas é a questão do respeito mesmo, tem gente que fala “ah eu respeito, mas não quero que se beijem na minha frente”, tem gente que fala isso. “Qual a necessidade que tem de se agarrarem?” Eu me agarro, você se agarra, todo mundo se agarra. “Ah pra que ir ao shopping de mãos dadas?”

Daiane Brito: É aquilo mesmo, ‘Eu não sou preconceituoso, mas não precisa disso’.

Gisele Brito: É eu tenho uma tia que ela fala assim mesmo. Eu tenho na minha casa meu irmão que é gay e uma prima que é lésbica. E aí minha tia fica “Não, eu não tenho nada contra o Gabriel não, mas...”, Aí minha mãe fala “Mas você não tem que ter nada contra, porque você não tem nada a ver com isso”, porque minha mãe já é mais grossa assim mesmo. “Não tem que ‘aceitar’, não cabe a você aceitar ou não”.

Figura 20 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 05.



Felipe Ferraz: Igual lá em casa, falam “ah eu te aceito como você é”. Gente, não pedi ninguém em relacionamento.

Jessyca Nazario: ...o vídeo que a Gabi postou e me veio na cabeça que as histórias que eu escuto é que “minha família ‘aceitou’, mas começa a ter outros problemas, se irritar pelo simples fato de não arrumar a cama. Na verdade a mãe não aceitou completamente. A mãe diz assim “eu te aceito do jeito que você é”, mas na verdade não tá aceitando nada, não está desconstruindo nada. Porque assim, ninguém nasce sabendo. A gente veio na vida pra isso, pra aprender. Só que as pessoas fingem que desconstruíram aí vem com o ‘mas’...

Franciny Ribeiro: Esses dias falei pra mim da Ana Carolina, da namorada dela. Foi aniversário da Ana Carolina e a esposa dela fez um negócio lá no Facebook dizendo que a ama e tal, aí a pessoa falou pra mim “Mas que desperdício”. E eu falei “Mas pra Ana Carolina não é desperdício nenhum, ela tá adorando”.

Felipe Ferraz: Desperdício como se ele fosse pegar ela.

Franciny Ribeiro: Desperdício por quê? Ela não tá achando desperdício. Elas se amam, elas estão juntas. Desperdício pra quem?

Gabrielle Clara: Tipo o que ela tava falando ali, sempre que tem um casal homossexual tem uma suposição de que um ali tem que ter um papel, seja um masculino e um feminino, e isso tem que aparecer no modo como se comporta, como se veste e na relação, tipo, quem tem o poder ali, o ativo e o passivo.

Franciny Ribeiro: Tem até alguns memes no Facebook que eu já vi que dizem “Duas mulheres saem. Transam a primeira vez. Quem vai ligar no dia seguinte?” Tipo assim, “Quem vai fazer o papel do homem de ligar no dia seguinte e quem vai ficar esperando a ligação?”

Alguma aluna: É, porque tem que ter isso né?

Franciny Ribeiro: É, tem que ter isso. Em um casal heterossexual se diz que a mulher não pode tomar a atitude ligar e o homem tem que ligar ou não no dia seguinte. E aí tem a questão de que se duas mulheres saírem, quem vai ligar no dia seguinte?

Felipe Ferraz: Tem sempre esse papel do homem e da mulher da relação.

Figura 21 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 06.



Conceição Soares: Mas porque hein gente? Por que vocês acham?

Franciny Ribeiro: Porque tem que se encaixar. Não porque assim, tem umas “caixinhas”, tem que se encaixar nas caixinhas. A questão da homofobia, você é um homem e gosta de outro homem, só que as pessoas pra te aceitarem, pelo menos pra tentarem “desconstruir”, elas precisam encaixar você em um padrão que já está desconstruído. Um homem, se você quer ser gay, que pelo menos você faça o papel da mulher. Ou você vai ser o quê? Então tem essa necessidade de se encaixar.

Gisele Brito: Tem que relacionar isso também ao amor. Porque você só pode ser gay se você amar a outra pessoa.

Felipe Ferraz: É, porque eu sou gay e eu o amo, entendeu? Eu amo e quero ficar com alguém (trecho inaudível).

Conceição Soares: Vocês estão me dizendo que sendo um casal homossexual, se reproduzir a questão de gênero, seria mais aceitável, é isso que estão me dizendo?

Alguma aluna: Pra sociedade.

Conceição Soares: Pra sociedade, é isso? Se alguém performar o masculino e o feminino, não importa se for duas mulheres ou dois homens, isso é mais aceitável, é isso?

Franciny Ribeiro: Mais aceito.

Felipe Ferraz: É mais compreensível. A pessoa pensa “olha, tem o homem e tem a mulher.” (trecho não compreendido).

Conceição Soares: Vocês estão entendendo que o que vocês estão dizendo é uma coisa muito séria? Que a homofobia não pode ser nunca pensada fora da questão de gênero?

Jessyca Nazário: Sim, a gente tem até um vídeo pra mostrar.

Conceição Soares: A questão de gênero vem primeiro. É isso que eu queria que vocês percebessem.

Gisele Brito: É que nem o Felipe falou, parece que pra provar que você é “pessoa” como eles dizem, você tem que amar, porque aí amando você é pessoa (trecho incompreendido).

Jessyca Nazario: Eu entendi essa coisa, porque existe também o preconceito do seguinte, porque eu escutei e escuto isso de pessoas muito antigas que falam “Só tinha AIDS quem era homossexual. Transavam sem amor. Transavam com qualquer um”.

Trago então Beauvais para nos ajudar a pensar a abordagem da AIDS nas mídias

Quando a aids apareceu, no começo da década de 1980, cineastas demoraram um pouco para responder a um evento que rapidamente se tornou uma crise, não apenas de saúde, mas, igualmente política e social. [...] Quando Ruby Rich criou o termo New Queer Cinema, no começo da década de 1990, a aids já havia modificado profundamente o modo de cineastas abordarem a representação da sexualidade, da identidade e do gênero. [...] Na mídia, a aids não era visível. Uma das primeiras coisas a fazer, portanto, era exibir a doença em telas, tornando-a aparente, fazendo com que não fosse mais um fantasma. Era preciso mostrar que não apenas se morre de aids, mas também se vive com aids. Para fazer isto, era necessário assumir certas ações. Não se podia deixar mais de perceber, ver ou de sentir que a representação da aids nos meios de comunicação, na imprensa, na televisão, era muito parcial, para não dizer sectária. [...] A questão da representação da aids se tornou um terreno essencial a se disputar e ocupar, para combater o que fazia a cobertura da mídia. Era preciso tornar a doença e pessoas com HIV e aids visíveis, disponibilizar informações sobre saúde, direitos, prevenção, sexualidade e pornografia. Era essencial desconstruir a produção de discursos através de palavras e imagens. Esta empreitada muitas vezes aconteceu no cinema ou no vídeo experimental, ou então em filmes que viriam a ser rotulados como parte do New Queer Cinema, entre os quais *The ADS Epidemic* (1987) e *Paciência Zero* (Zero Patience, 1993), ambos de John Greyson, são marcos fundamentais. (BEAUVAIS, 2015, p. 68)

A citação acima foi uma tática desesperada para dar conta de algo vivido, sentido e experimentado nestes anos em que passei envolvido nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*. E, buscando ser fiel à narrativa que adotei desde o início desta dissertação, preciso relatar que, das experiências que tive, a *Mostra New Queer Cinema* foi uma delas, onde participei da mostra como “lançador de legendas”. Os cotidianos das mostras e festivais de cinema, lugares que frequento mais como profissional do que como expectador, sempre foram *espaçostempos* de aprendizagem e formação. Pela função que exerço, sou “obrigado” a mergulhar nos filmes, prestar a atenção no que é dito e a todos os sons e músicas que compõem a obra audiovisual. Os temas sempre foram variados e uns me agradavam, outros não, mas independente de minhas vontades, eu precisava imergir para realizar um bom trabalho e evitar os gritos de

“cadê a legenda?” caso eu me distraísse. E isso já aconteceu algumas vezes. Entretanto, nesta mostra, em especial, experimentei deslocamentos estéticos e cognitivos como em nenhuma outra. E devo deixar aqui registrado sua influência na minha posterior realização de curtas no mestrado. Assistir a filmes é praticar audiovisualidades. Como diria meu professor João Barreto, que despertou em mim o interesse pelo cinema, “para entender cinema é preciso ver cinema”. Ele estava certíssimo! Para pensar audiovisual é preciso praticar.

A epidemia da AIDS sempre foi associada aos homossexuais e chegou a ser conhecida como o “câncer gay”. Entre lésbicas, a transmissão do vírus HIV é mais difícil. Em São Francisco, no auge da epidemia, quando os coquetéis (medicinais) ainda não haviam sido descobertos e os homens gays morriam em grande número, as lésbicas se reuniram para um movimento com o seguinte slogan: “vamos doar sangue para nossos meninos”. Era um período difícil e de total abandono das autoridades norte americanas. Naquele momento, mulheres lésbicas protagonizaram uma ação de resposta em socorro às vítimas preferenciais, os homens gays. Trago este conhecimento tecido nas redes de significação de tantas outras mostras das quais participei. Este, especificamente, foi num dos Festivais Mix Brasil. Não sei precisar o ano e nem o nome do filme. Foram tantos os filmes que me atravessaram. Só queria deixar aqui registrado mais este fragmento de memória.

Figura 22 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 07.



Daiane Brito: ...a discussão sobre o livro [do Borrillo], né... já começou a acontecer, sobre essa questão da gente não... não naturalizar uma coisa tão enraizada.. é... que em pequenas atitudes acaba acontecendo, e a gente acaba não... fica ali naquele meio termo do que não é.. do que é, né. Tem... tem o exemplo do livro que... que eu lembrei dessa questão da escola é... se um pai ou responsável descobre que um filho é homofóbico não é a mesma reação que ele vai ter se o filho é homossexual. Há uma tensão, uma preocupação maior se ele é homossexual do que quando ele é homofóbico. Então, essa análise de todas essas apresentações, dá pra ir... dá pra ir casando com algumas ideias do livro né. Praticamente todas.

Figura 23 – Imagens extraídas dos registros em vídeo da Curadoria - 08.



Gisele Brito: Então, então é isso né, a gente vai fazendo os vídeos tentando passar uma mensagem legal, mas... que a heteronormatividade tá tão incluso na nossa sociedade que nos mínimos detalhes eles acabam fazendo alguma coisa que...

Alguma aluna: é.. ela sempre aparece.

Gisele Brito: Sempre aparece a heteronormatividade, por mais que... eles pensarem que... está tão enraizado já vem desde pequeno mesmo, que fica difícil se desapegar umas ideias... que acontecem. Isso acontece com a gente quando vem pra cá.

Conceição Soares: Acontece com todo mundo.

Gisele Brito: É, a gente tá aqui é... é como a gente sempre fala, a gente está em processo de desconstrução sempre, a gente está sempre desconstruindo. Aqui, esse processo de desconstrução é tipo contínuo a gente está indo um dia de cada vez, a gente fala, ah não, igual você falou do homossexualismo, a gente vai aprendendo ah, não sei como falar ainda... ah, fala gay só... e a gente vai falando assim, a gente aprendendo é.. do jeito... aos poucos, desconstruindo o que já vem desde... desde muito tempo... desde que tinha esse mundo.

Conceição Soares: Quero ver um dia que alguém vai fazer uma festa de quadrilha na escola deixar os casais... fazerem de outro jeito, não. Só aquilo... eu brigo com as festas de quadrilha até morrer, porque tem que formar os casais heteros, se não tiver tem que representar, eu tô dizendo assim nessas pequenas coisas, sabe?

Gisele Brito: Mas assim, é importante falar disso porque nunca... eu já estudei onde tinha mais menina do que menino, mas quando tinha mais menino, nunca que botavam menino com menino, tipo chamavam uma menina de outra turma para ela dançar lá, porque... agora, a menina pode... pode dançar com menina, a menina pode se vestir... a menina pode dançar com outra menina, ela pode se vestir pra dançar com outra menina, ela pode se vestir de homem e dançar com outra menina, agora o menino nunca pode dançar com outro menino, ele não pode se vestir de mulher e ele também não pode dançar mesmo caracterizado como homem, caracterizado como dizem, como homem, ele não pode dançar com outro menino. Tem que tá lá entendeu?

Os gestos e os rituais, para além dos discursos verbais, também produzem aprendizagens das normas de gênero.

[...] as primeiras teorias sexológicas justificaram a subordinação das mulheres aos afirmar seu caráter biologicamente determinado; e, paralelamente, em razão de seu destino anatômico, os homossexuais acabaram sendo situados em uma posição marginal no âmago da “hierarquia sanitária” dos sexos e das sexualidades. A crença nas relações estreitas que se estabelecem entre o físico e o moral incentiva a forjar uma imagem feminina da nova espécie: o apreço por joias, o balanço dos quadris, a maquiagem e os perfumes equiparam o “pederasta” à mulher. Aliás, com esta, ele compartilha os defeitos: tagarelagem, indiscrição, vaidade, inconstância e duplicidade. Ao pretender desmascarar a personagem, a medicina legal esboça, a seu respeito, um retrato extravagante, colando-lhe todas as marcas de infâmia do século XIX. (BORRILLO, 2010, p. 65)

Gisele Brito: Na minha escola aconteceu isso, quando as crianças dançaram elas deixaram as crianças soltas, a gente não montou par, em nenhuma das turmas, do 1º ao 5º ano ninguém dançou junto, todo mundo dançou separado, eles não tinham par,

eles se movimentavam sozinhos, no máximo era uma roda, aí caía não importava quem desse a mão, eu com os meus alunos não botei, ano passado nem esse ano.

Entre um audiovisual e outro que iam sendo apresentados pelas estudantes, as questões de gênero e orientação sexual foram aparecendo nas conversas. Gisele, que tem um irmão gay, era a estudante mais participativa.

Gisele Brito: Para os meninos são os santos que vão pra guerra, tem alguns santos que não, esses santos que vão pra guerra e matam... são Jorge mata o dragão... são heróis... agora as mulheres são... aquele sofrimento... e tá sempre difícil.

Franciny Ribeiro: A gente vê como eles acham que também é uma forma de se defender, claro, a gente se defende de várias formas. Mas é o que eles pensam sobre como que um casal que sofre preconceito vai lidar com isso. E como estão no oitavo ano, a professora deve ter uma conversa sobre isso com eles. Porque tem ali também um pensamento deles de como isso funciona, a homofobia é um dos casos que é o bullying, que é geralmente o que a gente sofre na escola, porque na escola também tem a agressão, mas o que mais acontece no ambiente escolar é o bullying, que é o que é naturalizado “ah é brincadeira, então pode. Não tem problema”. Então como é naturalizado pra eles, é uma forma forte de homofobia.

Daiane Brito: ...Tá sendo ruim falar isso, mas eu tenho que botar pra fora. [Daiane estava visivelmente emocionada] Porque assim, é ruim pensar que a gente está vendo isso aqui, assim, é bom por um lado porque a gente tá vendo, mas lá fora as pessoas não tem essa noção, talvez um vídeo desse que está acessível e tal, não chega pra outras pessoas, e as pessoas não tem essa noção de que tem que afirmar sempre que é um ser humano, que você não tem o direito de agredir e de violentar dessa forma de até mesmo tirar a vida. E por mais que a gente tenha muita luta, que a gente tenha muita coisa avançando por um outro lado a gente vê pessoas naturalizando isso e achando normal, e falando “ah também né? Olha como ele se vestia”. No fundo ainda tem gente que acha justificativa entendeu?”

Conceição Soares: Acontece com a violência contra as mulheres. [referindo-se ao estupro, muito comum e socialmente consentido por determinados segmentos da sociedade e certos políticos – a cultura do estupro]

Daiane Brito: E as pessoas que representam a gente né? Políticos que querem representar afirmando isso, e tipo endossando isso. Então assim, me deixa angustiada porque eu tenho parente, amigos que são gays e enfim, a gente fica com o coração um pouco na mão, porque é ruim de pensar. As meninas falaram “a gente não sabe se é verdade”. [referindo-se às imagens de violência física contra homossexuais] Provavelmente grande parte ali é verdade, o vídeo é bem chocante, então é muito ruim de você pensar que existem pessoas ainda no mundo que tem coragem de agredir dessa forma o outro, entendeu? Isso me deixa muito angustiada.

Gisele Brito: E assim, o que a Daiane falou é a sensação que eu tenho. Porque eu tenho um irmão que é gay e assim, o cuidado que minha mãe tem de tipo “Olha, tenta evitar. A gente não quer que isso aconteça com você”. E tipo, a preocupação que ela tem em pensar como ele tá, como que vai ser. O medo da minha mãe é a preocupação mesmo de que aconteça alguma coisa com ele, porque ela vê que acontece sempre, não é uma coisa que acontece uma vez na vida e outra na morte, não, não é. É a preocupação dela, com o filho dela. Quando meu irmão contou houve uma aceitação, porque foi algo natural, na minha casa sempre foi tratado como algo natural. Igual quando fala do vídeo “ah não, porque adolescente...” e eu virei pra você e falei assim “Eu nunca pensei assim”. De achar graça do sofrimento do outro. Porque lá em casa não teve essa de “vamos pensar o que vamos fazer agora porque o Gabriel tem uma orientação sexual”. Não sei se é orientação sexual que se fala, ainda tô aprendendo. Não teve isso.”

Simone: Porque o Gabriel é gay. Pronto.

Conceição Soares: Você falou uma palavra que é compatível, e os movimentos mudam, e os teóricos mudam.

Gisele Brito: Então, nunca teve isso de “Porque o Gabriel é gay” e aí, é essa a preocupação que eu vejo na preocupação dela, na angústia dela, a angústia da minha

família de pensar assim “ah, no Museu do amanhã?” Então, vai ‘assim’, vai ‘assado’. A gente que é da família vive isso cotidianamente, sempre com medo de que aconteça, se está chegando muito tarde, quatro horas da manhã minha mãe acorda e diz pra ligarem pra ele.

Conceição Soares: Outro filho pode chegar às sete, mas se for ele a mãe fica preocupada. Mas isso não é preconceito não, eu acho que não é. É uma pressão social que a mãe sofre. Igual assim, o parente da pessoa que sofre com alguma pressão social seja ela o que for, que corre algum risco social, que você acha que corre por qualquer motivo, o pai também fica mais preocupado de quando a filha chega do que com o filho. Tem umas coisas assim. Mas eu queria te dizer um depoimento que é da Giorgina, não sei se vocês conhecem, aquela Giorgina amiga do Nelson⁶⁴, ela tem um filho gay, ela é super militante, ela é uma das fundadoras daquele grupo “Mães pela igualdade” que saem nas paradas gays, então é uma pessoa que tá longe de ter preconceito, não existe isso, mas ela me disse “Conceição, eu criei este grupo ‘Mães pela igualdade’ porque toda vez que o Camilo sai, eu tenho medo dele não voltar, até hoje. Toda vez que o Camilo sai pra uma boate gay, sai na madrugada, eu tenho medo dele não voltar”.

Simone: E ela tem três filhos homens. O Camilo é o do meio.

Eu sou o caçula da família. Tenho apenas um irmão mais velho. Onze anos nos separam, mais de uma década na diferença de idade. Então, com o casamento dele, dentro de casa, ficávamos apenas eu e os meus pais. Minha mãe sempre dormiu cedo e, geralmente, na manhã seguinte, num domingo, por exemplo, ela adorava fazer pão. Então, mamãe acordava cedo para fazer os pães que a família inteira adorava. Eu sempre gostei muito de sair à noite. E mesmo depois de me mudar para o Rio de Janeiro para fazer faculdade, e isso na cabeça de meus pais era um tremendo risco, pois o Rio era muito “violento” comparado com Vitória, minha cidade natal, mesmo eu já tendo saído de casa, mesmo morando sozinho na cidade do Rio, quando eu voltava para Vitória e saía à noite com os amigos, na volta, independente da hora, eu encontrava meu pai assistindo à TV na sala. E era o tempo de eu entrar no quarto, tirar a roupa e voltar na sala, passagem obrigatória para a cozinha, que meu pai já não mais se encontrava lá. TV desligada e luzes apagadas. Meu pai, finalmente, podia dormir tranquilo...

Conceição Soares: Queria só falar uma coisa gente, a escola é esse lugar de dor às vezes, de exclusão, mas ela é outro lugar também. Eu gosto de falar isso porque a gente não pode desistir da escola. A escola é um outro lugar. Quem dá aula sabe. Criança que vai para escola com febre, não toma remédio. A professora que cuida porque a... criança que vai para escola sem comida, criança que vai para escola suja, criança que vai para escola sem uniforme... então, a escola também, é também esse lugar. Às vezes o único que a criança tem atenção, o único que ela tem alimentação... né, o único que ela tem às vezes amor, então é difícil, é difícil gente ser professor, tem vezes que você tem vontade de desistir gente. Você recebe na sua sala uma criança com febre, sem remédio, você liga para mãe vir buscar e a me diz que não pode, né. E você não sabe o que fazer. Você recebe criança... a minha filha, ela já foi fazer isso e ainda levou esporro. Ela foi denunciar no Conselho Tutelar uma criança que vinha doente e a mãe não dava remédio e chamava e dizia que não ia dar que não queria saber. Mas às vezes você não sabe o que você faz, porque você denuncia isso ao Conselho Tutelar eles tiram a criança da mãe e não tem para quem dar. Então, a gente... saída, qual é a saída? Não sei. A saída é assim, né... mas a saída

⁶⁴ Pesquisador do CUNADI.

é quando a gente pensa, a gente minimamente faz alguma coisa. Um milímetro que seja de diferença.

Pequenos gestos, grandes mudanças...

*No dia que eu morri
Eu estava atordoada
Fui parar no Purgatório
Fiquei muito preocupada*

*Era deus ou o diabo
Que ia me dar abrigo
Mas eu sou pecadora
Eu vou receber castigo*

*Foi quando apareceu
Uma deusa muito louca
E disse: vem pro Paraíso
Tira logo a sua roupa*

*Aqui a moda é diferente
Você é livre todo dia
Avisa lá embaixo
Que pecado é homofobia*

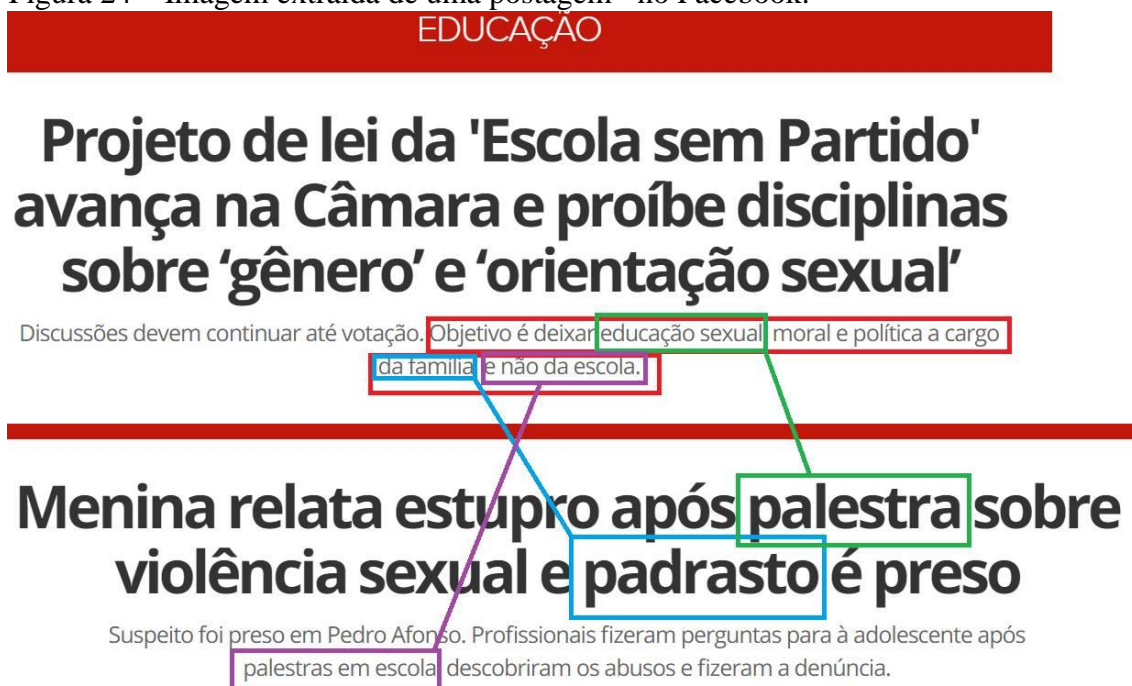
Mulheres de Buço

6 PRODUÇÃO DE VÍDEO COM ESTUDANTES

Pensar com imagens é essencial para o exercício das audiovisuais. Pensar com imagens é também pensar em foco e enquadramento. O que enquadrados? O que deixamos de fora do enquadramento? O que está em primeiro plano? Qual é o plano de fundo? Uma imagem vale mais do que mil palavras? E quando adicionamos som a estas imagens? E se esta imagem for composta por várias palavras?

Imagens fotográficas, imagens em movimento, uma ilustração, uma pintura, um desenho (animado), em fluxo contínuo/descontínuo, nos *outdoors*, nas paredes de um museu, impressas numa folha de jornal, num livro, nas telas de cinema, geradas por computador, na televisão, nos telescópios (cada vez “enxergando” mais longe nos *temposespaços*), na internet, no microscópio, no interior das cavernas (*espaçostempos* pré-históricos), gráficos, mapas, cartografias, cartazes, propaganda, memes...

Figura 24 – Imagem extraída de uma postagem⁶⁵ no Facebook.



Trago esta imagem, pois ela não somente contextualiza a pesquisa como me ajuda a pensar nos movimentos que foram praticados, por mim mesmo e pelas estudantes de Pedagogia, nestes *espaçostempos* de criação e pesquisa-formação. Nesta última etapa, a produção dos vídeos, destaco o exercício do deslocamento como potência para a tessitura de

⁶⁵ Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1704381989642734&set=a.218791278201820.53128.100002128493658&type=3&theater>> Acesso em 15 julho 2018.

conhecimentos, neste caso, sobre e contra a homofobia. Deslocar palavras, *prácticasteorias* e o próprio corpo para criar outros sentidos, tecer outros conhecimentos. Nada disso é novo ou inedito. Os estudos *queer* já nos apontavam esta direção na origem de sua nomenclatura. Em inglês, *queer* é um xingamento. Empoderar-se de um xingamento e a partir dele criar toda uma teoria já é, por si só, praticar o que aqui chamo de deslocamento. PocaHY (2015) nos dá um vislumbre crítico dos estudos queer e nos revela que

A alergia social queer segue na direção tática e deliberada do dissenso, como política epistemológica, como experimentação (re)inventiva do fazer-corpo e ainda como fazer acadêmico em movimentos minoritários, dissidentes. Estudiosos#s-ativistas queer assumem, como ponto de partida, a proposição de que a pesquisa e seus saberes-práticas e a “feitura” de nossas práticas sociais são produzidas a partir de jogos de poderes-saberes-prazeres que são negociados e financiados na cama das políticas científicas e sociais forjadas em uma sociedade sexista e racista. Essa produção de subjetividades curvadas produz e reproduz discursos, organiza sentidos para a vida, gesta subjetividades, legítima e hierarquiza concepções de humano. Estou convencido de que pesquisar-produzir conhecimento na experiência queer é uma prática de resistência, emergência na agonística contemporânea dos processos de subjetivação. A produção de potência de vida queer encontra-se com a radicalização de uma epistemologia de mundo engendradora no desvio e desde as vidas constituídas no avesso das normas. Ou seja, a potência de não curvar-se, mas de (des)dobrar-se epistemologicamente sobre si mesm#. (POCAHY, 2015, p. 32)

Não tenho a pretensão de comparar esta pesquisa, que não se limita a este capítulo, aos estudos queer, entretanto, e talvez, contaminados pelas *prácticasteorias queer*, possamos ter comungado com algumas de suas práticas neste mergulho nos cotidianos desta universidade.

Para a produção dos vídeos foram oito encontros no total, de 12 de abril a 13 de junho de 2017, para que as estudantes do curso de Pedagogia da UERJ pudessem criar seus audiovisuais, ou seja, todas as discussões sobre as etapas deste processo de produção incluindo a elaboração de roteiro, gravação, edição e posterior apresentação dos trabalhos finais ocorreu neste tempo específico.

No nosso primeiro encontro, assim que voltamos da greve, Conceição Soares apresentou a proposta do trabalho que seria realizado por mim na turma. Neste dia, ainda discutíamos a questão dos equipamentos que seriam utilizados para a realização dos trabalhos. Soares defendia o uso dos equipamentos “profissionais” e sugeria que eu realizasse uma oficina para as estudantes aprenderem a fazer uso destes equipamentos, pois exigiria delas certos conhecimentos técnicos específicos, tais como fazer foco, utilizar o microfone *boom* para uma melhor captação de áudio, entre outros recursos de câmera. Entretanto, após a experiência que tive com *Inconveniente*, ou seja, um curta 95% realizado com celular e, em virtude do tempo que eu dispunha para a realização deste trabalho junto com as estudantes, eu já fomentava a ideia de abandonar a oficina para um melhor aproveitamento de nosso tempo.

Também havia um certo clima de desmobilização devido à greve e isso precisava ser superado por nós.

Já no segundo encontro, quando tive a oportunidade de assumir a turma, dei um golpe (CERTEAU, 2014) na minha orientadora e comecei a alimentar a ideia de que desfrutar dos recursos disponíveis para a realização de um audiovisual, ou seja, dos dispositivos móveis (*smartphones*) que as próprias estudantes já possuíam e lhes traria autonomia e uma maior satisfação, pois estariam, ao fim de tudo, dominando uma tecnologia que já se fazia presente nos cotidianos das escolas, melhor dizendo, nos nossos cotidianos (pelo menos desta turma específica). A proposta foi aceita e nos demos ao desfrute de criar com nossos próprios recursos tecnológicos.

O uso da câmera de vídeo e foto dos *smartphones* permitiu às estudantes maior liberdade de produção. Em ambos os vídeos, tanto no documentário quanto na ficção, imagens foram realizadas fora dos muros da UERJ. Outro fator importante a destacar é que os grupos, divididos em subgrupos, produziram imagens, simultaneamente, em diferentes *espaçotempos*, acelerando o processo de captação de imagens. O que mais nos preocupava era a etapa da edição e poderia consumir muito do nosso tempo disponível. E esse ganho de tempo na captação foi crucial para a conclusão do trabalho dentro do prazo.

Meu primeiro contato com a turma de PPP – *Pesquisa e Prática Pedagógica* noturno se deu de maneira informal, em 2015, através de Bruno Rossato que, na época, fazia Estágio Docente. Ele me convidou a acompanhá-lo na aula, pois estaria sozinho com a turma naquela noite específica. Como eu ainda não fazia parte do programa oficial do ProPEd em 2015, fui como quem vai ao shopping ver “as modas”, as novidades. A PPP intitulada *Audiovisualidades e Redes de Significações Sobre Gênero e Sexualidade* era uma novidade pra mim. Lá chegando, Rossato me fez sentar ao seu lado, de frente pra turma, pois para minha “infelicidade” eu já conhecia o texto que seria discutido com as estudantes. Eu queria apenas ficar como um expectador, esperando a aula acabar, mas Rossato me lançou na *docênciadiscência* sem aviso prévio. E não é que, apesar da timidez inicial, eu gostei muito daquilo? Comecei meio que pedindo licença pra comentar e, já no meio da aula, quando as estudantes divagavam demais na discussão, eu (como um diretor de cinema) queria controlar o tempo e chegar ao final do texto antes da aula acabar. Então, a todo momento durante as discussões, eu interrompia a discussão e falava: “vamos voltar para o texto”. Fiz isso algumas tantas vezes: “vamos voltar para o texto”. Pra quê? A aula acabou no tempo previsto e com o texto concluído. Naquela mesma noite, mais tarde, Rossato me infernizou no Whatsapp: “Você é uma professora muito rígida. Ficava o tempo todo mandando as estudantes voltarem

ao texto. Você é muito disciplinadora”. O paradoxo desta história é que, no texto, estávamos discutindo exatamente isso, conversando sobre *o corpo educado* de Louro (2013). Desta experiência, que Rossato fez questão de comentar com meus colegas do CUNADI⁶⁶, ganhei meu primeiro apelido na UERJ: “Rígida Alves”. Mais uma vez tive minha imagem e subjetividade associadas ao feminino. Isso nunca me afetou negativamente. E ser associado à Nilda Alves, mesmo que em tom jocoso, era um secreto motivo de orgulho. Eu ainda não conhecia a personagem. As *prácticasteorias* de Alves pairavam no ar, nas conversas do grupo de pesquisa, nos/dos/com os cotidianos da UERJ. Naquele tempo, para mim, Alves era assim, tipo o caviar da música de Zeca Pagodinho, “Nunca vi, nem comi. Eu só ouço falar”.

No segundo semestre de 2015, na disciplina que cursei com Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferração e Conceição Soares, as palavras de Bruno Rossato fizeram sentido. Na ocasião, o curta *(D)Escolar* havia acabado de ser selecionado para o *Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro*. Eu e Rossato estávamos radiantes, orgulhosos com a seleção e queríamos exibir (no sentido de exibido mesmo) o curta para a turma da disciplina *Redes Educativas e Culturais, Cotidianos e Currículos*. Eu, “empolgado” e levado pela emoção do momento, fui logo explicando o curta e dizendo o que meus colegas deveriam “enxergar” no curta, ou seja, nossa proposta. Pra quê? Eis que Nilda Alves, sentadinha na sua carteira de estudante, profere as seguintes palavras, algo mais ou menos assim: “Em educação a gente nunca diz o que o outro deve ver. A gente apresenta o trabalho e deixa que as pessoas tragam os conhecimentos tecidos nas suas próprias redes de significação”. Nunca mais abri minha boca! Jamais cometerei tamanha gafe pedagógica. E, de acordo com minhas redes de significações, adotei uma postura “Chacrinha”, um dos mais renomados apresentadores de programa da televisão brasileira que dizia: “Eu não vim aqui para explicar. Eu vim aqui para confundir”. A meta agora era só problematizar, colocar os corpos sob suspeita, questionar o instituído, traçar táticas de resistência e ser feliz.

A meta agora, na etapa da produção de vídeos, era a conclusão dos trabalho neste apertado espaço de tempo. Para isso, acionei a personagem “Rígida Alves” que em mim existia para o cumprimento dos prazos. E botei pressão mesmo!

Apesar de abolida as oficinas técnicas para uso dos equipamentos profissionais, algumas outras técnicas precisavam ser apresentadas para as estudantes. A primeira delas foi a execução de roteiros. A intenção não era trans-formar as estudantes em roteiristas, mas sim, que a técnica as ajudasse a pensar o audiovisual que estavam criando, costurando imagens,

⁶⁶ CUNADI - Grupo de Pesquisa: Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença; grupo do qual faço parte.

ações, discursos e sons. Compartilhamos com Alves (2002) as observações que ela faz da técnica a partir da discussão do pensamento de Hörning (1992) sobre “o tempo da técnica e o cotidiano do tempo”. Para o autor, a técnica possibilita duas questões em relação ao tempo: a técnica instrumentaliza (economiza o tempo, libera) e a técnica promove autonomia (acelera, muda, faz desaparecer, nos possui e nos submete). Portanto, como exemplo, levei para a sala de aula o livro/roteiro de *Volver*, original em espanhol, de Pedro Almodóvar, meu diretor favorito, para o grupo da ficção. Entretanto, para o grupo do documentário, trabalhamos de forma mais solta. O grupo pensou e listou uma série de perguntas e possíveis entrevistados para dar conta do tema homofobia.

Figura 25 – Com Conceição Soares, discutindo com as estudantes, as possibilidades do fazer documentário.



No nosso terceiro encontro, enquanto eu voltava minha atenção para o roteiro do grupo da ficção, Soares me dava suporte com o grupo do documentário. Juntos em alguns momentos, e separadamente em outros, fomos tecendo com as estudantes os audiovisuais que resultaram desta última parte da pesquisa.

A fase de elaboração dos roteiros, tanto do documentário quanto da ficção, trouxe novamente questões já discutidas e observadas pelas estudantes na etapa da curadoria: não produzir estereótipos, não produzir um discurso sobre e contra a homofobia reafirmando preconceitos. Havia uma preocupação, em ambos os grupos, em não repetir os erros observados e discutidos, em sala de aula, nos/dos vídeos realizados nas escolas por estudantes e postados no YouTube. Contudo, como afirmou uma das estudantes:

- Então, apesar dessas falhas, dessas... dessas... apesar de dentro desses trabalhos de conscientização haver preconceitos, assim, haver atos falhos, você percebe que é um avanço estar falando sobre homofobia, homossexualidade dentro de sala, estar falando sobre respeito, é um avanço.

Quando a turma foi dividida em dois grupos e as discussões começaram, as trocas de ideias, quase enlouqueci. O diretor de curtas controlador não tinha o poder da simultaneidade e muito menos ouvidos para dar conta de tantas propostas, conversas entrelaçadas, grupos distintos, “babado, confusão e gritaria”. Respirei fundo, fingi tranquilidade e passei a intervir somente quando solicitado pelos grupos.

Atuei muito mais na contenção das ideias mirabolantes, que resultariam em complicadas condições de realização, do que nas discussões sobre gênero, sexualidade ou homofobia. A prática da curadoria já havia problematizado muitas das questões que eu, à princípio, achei que só apareceriam na prática da produção dos vídeos, das *artesanias fílmicas* (NOLASCO-SILVA, 2018). Com propriedade e autoria, as estudantes concordavam, discordavam, questionavam ideias e escolhas, desde a formulação de perguntas e escolha de entrevistados para o documentário, como, também, para a construção de diálogos e ações na ficção. Fui surpreendido pelo clima animado de discussões, deixando para trás todo o clima de desânimo que o período de greve, paralisações e absurdos políticos havia se instaurado entre nós. Foi um “Salve! Salve! Estamos de volta!”, diria Pedro Bial⁶⁷.

Quantitativamente, dediquei mais tempo ao roteiro de ficção. Nas *artesanias fílmicas*, um filme de ficção exige maior preparação no roteiro, enquanto no documentário, a montagem posterior exigiria mais do grupo. Porém, no grupo do documentário havia uma presença ilustre que, excepcionalmente, naquele semestre, matriculou-se na disciplina. Shelida Ayana era uma jovem mulher *trans*, negra, professora e que precocemente nos deixou. Com seu jeito calmo de falar, Shelida incendiava os debates do grupo, ampliava a discussão sobre e contra a homofobia com suas vivências, suas *prácticasteoriaspráticas dentrofora* da escola em que trabalhava e da universidade onde estudava.

Shelida Ayana: Eu posso trazer o relato duas situações. Uma é de... de fazer exatamente... de ser uma situação problema com o diretor da unidade do meu trabalho. E de onde eu fiz estágio. Por exemplo, lá na escola onde fiz estágio do curso normal, tem uma aluna transexual lá. Tem uma menina *trans* e um homem *trans* que eles não respeitam o nome social. Eles continuam chamando... alguns... ambos pelo nome de registro. E isso já é um debate. Porque a direção não obedece uma portaria que é uma lei? Porque não fazer os que outros alunos compreendam? Não problematizar isso?

⁶⁷ Jornalista que esteve, durante anos, à frente do programa de TV, *Big Brother Brasil*.

A morte prematura de Shelida levantou outras questões, pois em seu funeral, a família optou pelo uso de seu nome de registro. A luta de Shelida pelo direito ao uso do nome social ganhou mais força. Agora já não bastava mais lutar pelo nome social apenas em vida. Ainda há muito o que fazer. Shelida partiu nos deixando outras inquietações... Tão inconveniente quanto desejou ser!

Aproveito a deixa e convido você a assistir ao documentário *Gênero e orientação sexual na escola*, tecido, produzido, dirigido e editado pelas nossas estudantes do curso de Pedagogia da UERJ.

Figura 26 – Imagens extraídas do curta *Gênero e orientação sexual na escola*. Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.



No documentário, de aproximadamente treze minutos, as estudantes reuniram doze depoentes, entre eles, quatro professores da UERJ, três estudantes de pedagogia e um técnico de enfermagem. Shelida Ayana estava entre eles. Ela não somente ajudou a pensar o documentário, mas também se entregou a ele. Um corpo trans, que historicamente foi expulso das escolas, anunciava:

- *A escola foi um lugar pra mim que eu tenho a certeza de que foi muito sofrido. Não só pela questão da negritude, mas também pela questão da transexualidade, várias outras questões. Sofri e tive péssimas lembranças daquele espaço, da escola, na época do fundamental, do médio. E não muito satisfeita, fiz em caráter de ensino médio, fiz o curso normal, formação de professores. Onde fui realmente percebendo que se eu não fosse um corpo agente de mudança, de transformação social, eu acho que a coisa não se daria. Não satisfeita, ainda mais, eu resolvi ser professora e cursar Pedagogia. [...] Mesmo tendo passado todas violências que eu tenha passado, eu não... eu fiz exatamente o contrário. Em vez de me afastar da escola, eu estou adentrando a escola, neste espaço de poder e mostrando que é... o quanto é interessante subverter a ordem.*
- *Você já sentiu, em algum momento, que ali não era o seu lugar?*

- *Todo momento. [...] Mesmo que este espaço não seja pra mim, ele se torna no momento eu que eu pertença a ele. [...] Existir e resistir é uma militância.*

Quero ter a coragem de Shelida Ayana. Quero lutar como uma menina!

A homofobia disfarçada de *bullying* aparece em vários momentos no documentário. Assim como também ficam evidentes o sexismo e o racismo. No depoimento do Rafael Santos, o técnico de enfermagem, “mulherzinha” aparece como um xingamento. Foi muito recorrente na minha infância ouvir este comentário/comparação na escola, em tom de agressão, desqualificação e deboche. Ser “mulherzinha” era ofender... diminuir... A quem? Sabe de nada, inocente!

Outro depoimento que me chamou a atenção foi do estudante de Pedagogia, Leonardo Souza. Ele relata que foi uma *criança viada* e que por isso sofreu muito preconceito, especialmente, porque não queria jogar futebol. Você já sabe que eu também odiava (e continuo odiando) futebol, pois fiz este relato no início desta dissertação. A associação deste esporte, o futebol, ao masculino é algo opressor, uma imposição de fato. Quando criança, eu me achava esquisito por não gostar de futebol. E também não entendia porque eu não gostava. Talvez, se eu tivesse tido a oportunidade de experimentar, desde cedo, outras práticas esportivas, outras modalidades, eu até gostasse de futebol. O fato é que escrevi boa parte desta dissertação durante a Copa da Rússia de 2018. Nunca liguei a TV para assistir a nenhum jogo, nem mesmo os jogos do Brasil. Eu ouvia tudo ao longe; os fogos e as *vuvuzelas* (uma espécie de corneta). Eu não via a hora daquela algazarra acabar.

Judith Butler, autora discreta, que tantas vezes chamei para esta conversa⁶⁸, mas que ela sempre se esquivava, finalmente, depois de muito eu insistir, aceitou⁶⁹ meu convite. Ela ficou meio chateada, pois sua última visita⁷⁰ ao Brasil não foi muito agradável. E, também, agora só sente vontade de comentar sua nova obra, *Quadros de Guerra*, e das vidas precárias que nela estão contidas:

Afirmar que uma vida pode ser lesada, por exemplo, ou que pode ser perdida, destruída ou sistematicamente negligenciada até a morte é sublinhar não somente a finitude de uma vida (o fato de que a morte é certa), mas também sua precariedade (porque a vida requer que várias condições sociais econômicas sejam atendidas para

⁶⁸ Judith Butler criou o conceito de performatividade de gênero, ou seja, que o gênero é performado. Entretanto, acabei por me apoiar em outros autores e no próprio teatro para passar tal conceito. Em outras palavras, o conceito de Butler pairava nas entrelinhas desta dissertação, mas sem evidenciá-la.

⁶⁹ Não conheço, pessoalmente, a filósofa. O “aceitar” aqui é pura fabulação, devaneio, um ato poético.

⁷⁰ Judith Butler esteve em São Paulo, em novembro de 2017, para uma palestra no Sesc Pompéia e agitou os meios conservadores do Brasil. Foi notícia em vários meios de comunicação, pois além da hostilidade e das manifestações contrárias à sua visita, um boneco (estilo Judas da tradição judaico-cristã) com a imagem (e semelhança) da filósofa foi criado e nele atearam fogo. No século XXI, mulheres ainda acabam na fogueira, mesmo que simbolicamente. Os conservadores ainda tentam queimar as bruxas, tamanho é o seu poder e seus encantos. Butler esteve em São Paulo para palestrar sobre “Quadros de Guerra”, sua mais recente obra.

ser mantida como uma vida). A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente, e das que desconhecemos totalmente. Reciprocamente, isso significa que nos são impingidas a exposição e a dependência dos outros, que, em sua maioria, permanecem anônimos. Essas não são necessariamente relações de amor ou sequer de cuidado, mas constituem obrigações para com os outros, cuja maioria não conhecemos nem sabemos que nome têm, e que podem ou não ter traços de familiaridade com um sentido estabelecido de quem somos “nós”. Falando na linguagem comum, poderíamos dizer que “nós” temos essas obrigações para com os “outros” e que presumimos que sabemos quem somos “nós” neste caso. (BUTLER, 2018, p. 31)

As considerações de Butler (2018) nos remetem a outras argumentações já apresentadas aqui: que o poder se exercita em relação (FOUCAULT, 2014), que é no entrelugar das culturas que as identidades culturais interagem e são assimiladas reciprocamente (BHABHA, 2011), que o caroço interfere no sabor do angu e vice-versa. Ao fim de tudo, dependemos uns dos outros, somos todos precários.

E em meio à precariedade que se encontrava a UERJ, salários atrasados, período deslocado, futuro incerto, seguimos com nosso trabalho (com alegria). O roteiro da ficção não ficava pronto. A primeira ideia não vingou. Recomeçaram. O tempo passava. Sem roteiro, o grupo da ficção não gravava. Vai dar tempo? Foi quando a estudante Joyce Manuela assumiu o comando do grupo e veio me pedir ajuda: “Professor, posso te mandar o roteiro mais tarde por e-mail?”. Pausa dramática!

Figura 27 – Conversando com Joyce Manuela sobre o roteiro da ficção.



Professor? Mas eu não sou professor? Você está louca? Eu só estou aqui dando uma força. Eu vim aqui para aprender também. Ai, não! Professor, não! Coisa careta! Me erra! Minha vontade era de repetir as palavras da Beatriz, personagem de Glória Pires em

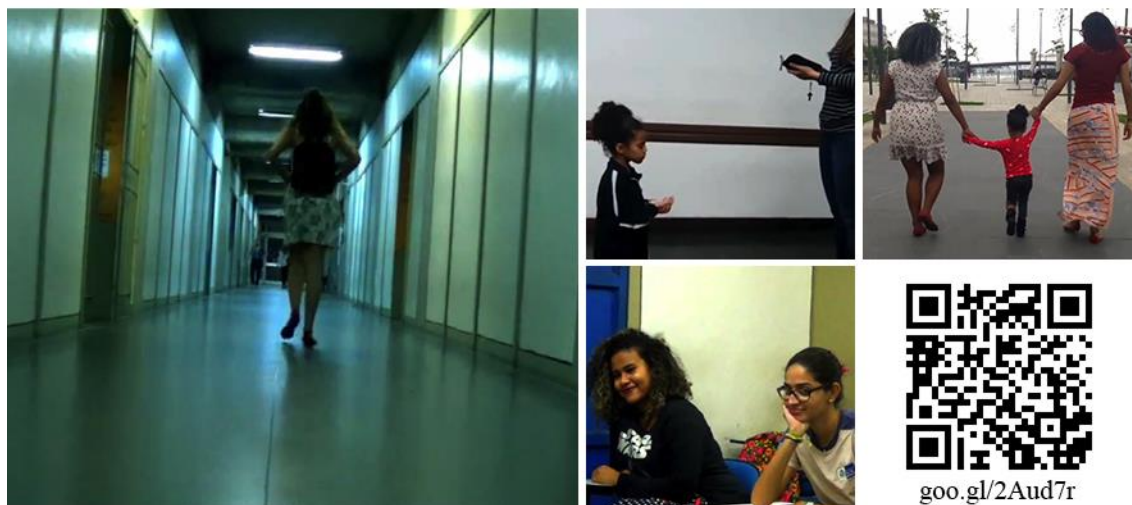
Babilônia: “Não estou disposta”! Mas estes pensamentos aconteceram numa fração de segundo. Fui imediatamente tomado por uma emoção que só uma poesia poderia traduzir tal sentimento. Mas eu não sou poeta. Pro-fes-sor... A palavra ecoava na minha cabeça. E foi, a partir deste evento, que me dei conta de onde eu estava. Foi aqui, neste evento, que o *aprenderensinar* fez todo sentido. Foi a partir daqui, também, que passei a me dedicar ainda mais aos textos. Lia todos! E com interesse, como disse Nilda Alves em sala de aula. Certa vez, Conceição Soares perguntou para a turma, no início da aula, quem é que tinha lido o texto. Nilda Alves, imediatamente, respondeu: “Claro que todos leram, Conceição. E com interesse!”. Com o tempo, meus colegas do CUNADI perceberam a mudança. Ganhei outro apelido: “Diva Acadêmica”. Agora, “Rígida Alves” era uma “diva acadêmica”. Pensei na máxima das funkeiras: “aceita que dói menos”. E aceitei, tanto o apelido quanto meu mais novo ofício, o de professor.

Fora do horário da aula, eu recebi o e-mail de Joyce Manuela, fazia observações e devolvia. Também aproveitava para compartilhar, no grupo da disciplina do Facebook, eventos de cinema, como o *Festival É Tudo Verdade* (de documentários), assim como também compartilhei um tutorial para edição de vídeo gentilmente cedido a mim por Nolasco-Silva. Nunca estive sozinho neste processo. Soares comparecia, apesar do golpe⁷¹ (CERTEAU, 2014) que eu dei nela, chegando, até mesmo, a participar do documentário das estudantes, como se pode verificar. Vanessa Maia (que me deu o título de “Diva Acadêmica”), da Universidade Federal de São João del Rei, e que estava com a gente fazendo o curso de Pós-doutorado no ProPEd, também contribuiu muito com suas experiências. Estive sempre muito bem acompanhado.

E depois de tantas idas e vindas com o roteiro da ficção, chegando até mesmo a orientar nos corredores da UERJ, pois o tempo passava, finalmente, chegou o dia das apresentações. Convido você a assistir a *Luiza*, ficção realizada pelas estudantes de Pedagogia da UERJ.

⁷¹ A palavra “golpe” estava em voga. O impeachment de Dilma Rousseff ficou conhecido como “o golpe de 2016”. Na prática, na minha relação com Conceição Soares, nunca houve golpe, mas sim um acolhimento de minha ideia. O uso da palavra “golpe” neste contexto é para dar um tom de humor à narrativa. E é a forma que encontrei para tentar expressar o clima de alegria que tomou conta de todos nós nesta etapa da pesquisa. Estávamos superando a greve, os salários atrasados, o período de inércia. Finalmente estávamos de volta, pensando e criando, na ativa. Só faço humor para quem eu tenho afeto ou admiração, seja nas minhas relações interpessoais ou por reverenciar a obra de algum autor. Meus desafetos, procuro nem citar, ignoro-os na medida do possível, assim como o cineasta Pedro Almodóvar ignorou a existência do ditador Franco durante anos em seus filmes, criando uma outra Espanha, fabulada.

Figura 28 – Imagens extraídas do curta *Luiza*. Link e QR Code na imagem para acesso ao vídeo.



O grupo de *Luiza* passou por diversos assuntos discutidos em sala pela leitura de Borrillo (2010). A homofobia das instituições: religião, escola e família, estão presentes na história desenvolvida pelas estudantes. A homofobia dos discursos médicos e jurídicos. E que, para além destes discursos, resistimos e fazemos outros usos dos discursos e das tecnologias, convertendo-os em benefício próprio, casos específicos da medicina e da jurisprudência nesta história. Subverter a ordem instituída, fazer outros usos dos objetos, das tecnologias, ressignificar a própria vida e ser feliz são táticas de sobrevivência e resistência presentes no curta. O grupo da ficção criou uma personagem forte que atravessa as adversidades, mas não é vencida por elas. O tom é de enfrentamento e superação da adversidades. Em aproximadamente nove minutos, *Luiza*, personagem título do curta, se desloca do lugar de vítima preferencial para um outro lugar, de quem assume as rédeas de sua própria vida e se refaz, de quem se reinventa e se produz de uma outra forma possível.

Butler (2018) vai nos chamar a atenção para os enquadramentos da vida, e que

Esses enquadramentos normativos estabelecem de antemão que tipo de vida será digna de ser vivida, que vida será digna de ser preservada e que vida será digna de ser lamentada. Essas formas de encarar a vida permeiam e justificam implicitamente as guerras contemporâneas. (BUTLER, 2018, p. 85)

Vou me apropriar da linguagem audiovisual para afirmar que o curta *Luiza* produziu um outro enquadramento. Se o ato de enquadrar é inerente às práticas de produção de um audiovisual, que estejamos, então, dispostos a produzir outros enquadramentos possíveis.

Devo salientar, novamente, que minha interferência na elaboração do roteiro foi muito mais na resolução dos problemas de produção (locações, tipos de enquadramento) do que da seleção de ações e situações atravessadas pela personagem *Luiza*. Abandonei o cargo de

“diretor-controlador” e apenas ajudei a lapidar algumas ideias que as estudantes faziam chegar até mim. Vivenciei, com esta atividade, uma outra experiência com o audiovisual.

Eu poderia traçar aqui um paralelo do que foi discutido em sala de aula com o que foi aplicado ou contemplado nos vídeos. Ponto a ponto. Mas meu corpo-pesquisador já mostra sinais de fadiga e reconheço minha incapacidade de dar conta de um vivido em sua totalidade, de uma realidade tão complexa. E mesmo que, de acordo com nossas necessidades, seja necessário fazer alguns enquadramentos ou recortes, a vida transborda e extrapola todos os limites, todas as fronteiras. Para “salvar minha pele” (SOARES, 2010), digo que tentei. Após a exibição de *Luíza*, conversei com o grupo. Isso se deu no sétimo encontro, pois no quarto, quinto e sexto encontros, as estudantes estavam se dedicando à gravação e edição dos curtas (sem meu suporte direto). No oitavo, ou seja, na aula seguinte, os trabalhos seriam apresentados para Conceição Soares. As falas que se seguem foram proferidas logo após a apresentação, quando as estudantes comentaram o processo da realização dos vídeos. E chamo sua atenção para o que mais se destacou, para mim, nesta pesquisa.

Daiane Brito: ...Não! Foi na parte da cena externa... na Praça Mauá...

Vinicius: Ah, na Praça Mauá... Esses olhares que vocês perceberam de estranhamento...

Daiane Brito: Não sei se aconteceu no CCBB, a gente não percebeu...

Aluna não identificada⁷²: ...Porque elas estavam no banco e os policiais passaram lá... os seguranças... os guardas... Eles começaram, assim...

A cena da qual as estudantes se referem, é o momento do vídeo em que as personagens estão sentadas em um banco, num local público, e trocam pequenas carícias. Uma pega no cabelo da outra. O clima é mais de cumplicidade entre as duas do que de carícias explícitas.

Daiane Brito: ...rindo, sei lá. Comentando entre eles.

Aluna não identificada: Olhando pra trás... tipo assim...

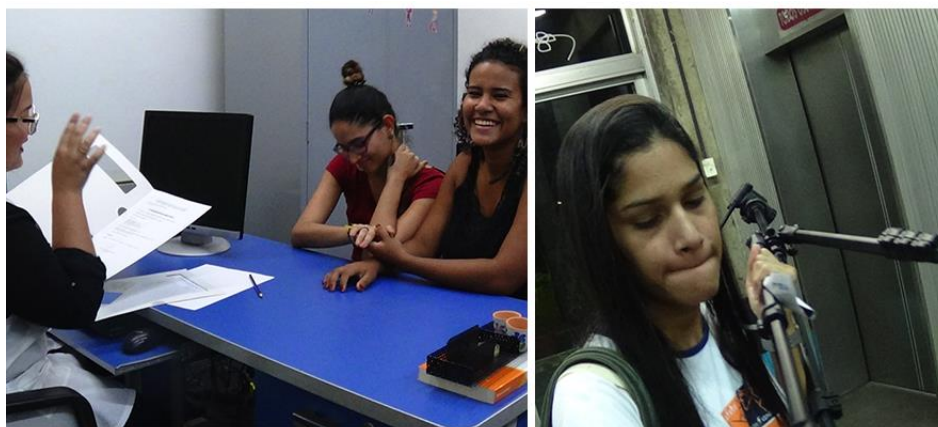
Os olhares de reprovação, o riso debochado no canto da boca, os olhares de espanto são muito comuns para quem não vive conforme as normas de gênero e a heteronormalidade. Eu, inúmeras vezes, ignorei tais expressões como tática de sobrevivência mesmo. Ignorei a ponto de não mais enxergá-las. Mas nem todo dia é bom e algumas pessoas fazem questão de evidenciá-las. Uma provocação mesmo!

A prática da produção audiovisual permitiu às estudantes não somente pensar um outro modo de vida, mas também vivenciar uma experiência que, não fosse pela prática de experimentação, ou seja, de um deslocamento de seus corpos para performar um outro modo

⁷² O posicionamento da camera, no ato do registro, não me permitiu ver qual estudante estava falando. Também não reconheci a voz, mas com certeza era uma das integrantes do grupo da ficção.

de vida, que não faz parte do cotidiano delas, tal experiência dos olhares de estranhamento dos guardas não teria atravessado seus corpos. Se tal vivência e comportamento sexual dissidente tivesse ocorrido em uma sala de aula, ou até mesmo numa sala de teatro, as estudantes estariam protegidas dos olhares dos curiosos. Elas foram muito corajosas de realizar tal cena em praça pública. A mobilidade dos smartphones permitiu que as estudantes ocupassem outros *espaçostempos* localizados na cidade. E neste gesto, neste ato, novas redes de significação sobre gênero e orientação sexual foram tecidas, certezas desconstruídas e outras possibilidades para as existências foram pautadas. Em última análise, elas *transpensaram* seus corpos a partir de uma prática, de uma experiência audiovisual, de uma prática das *artesanias filmicas* e produziram novos enquadramentos. O quanto isso foi relevante em suas vidas? Eu não posso mensurar. Entretanto, posso falar da minha experiência e do quanto foi importante realizar tais deslocamentos neste meu processo de pesquisa-formação, caminho que percorri com alegria, apesar das tragédias⁷³.

Figura 29 – Cenas de bastidores das gravações. Ficção à esquerda e documentário à direita.



Eu traduzi⁷⁴ (BHABHA, 2011) o “mergulhar com todos os sentidos” (ALVES, 2015) como o corpo do pesquisador na pesquisa. Um corpo que é ao mesmo tempo memória, ação, sentimento, lugar, entrelugar, medo, preguiça, limite, expansão, vida. Convido novamente Butler (2018) para me auxiliar na conclusão desta ideia.

Podemos pensar em demarcar o corpo humano mediante a identificação de seus limites, ou da forma como está delimitado, mas isso significa ignorar o fato crucial de que o corpo é, de algum modo e mesmo inevitavelmente, não limitado – em sua atuação, em sua receptividade, em seu discurso, seu desejo e sua mobilidade. O

⁷³ Refiro-me às tragédias cotidianas, das notícias sobre vítimas de homofobia.

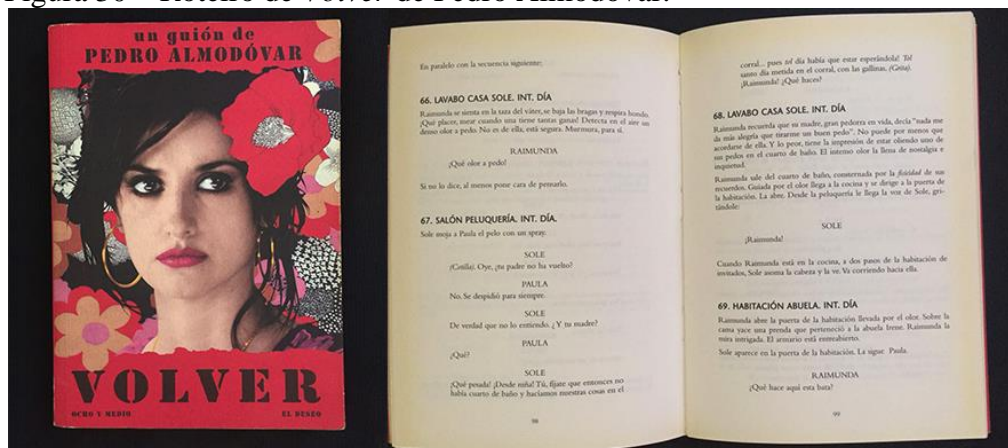
⁷⁴ A tradução para Bhabha é uma espécie de apropriação indevida, uma interpretação por associação, um sincretismo. Só consigo traduzir algo acessando minhas próprias redes de conhecimento e significação.

corpo está fora de si mesmo, no mundo dos outros, em um tempo e um espaço que não controla, e ele não apenas existe no vetor destas relações, mas também é esse próprio vetor. Nesse sentido, o corpo não pertence a si mesmo.

O corpo, na minha opinião, é onde encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não ser as nossas. O modo como sou apreendido, e como sou mantido, depende fundamentalmente das redes sociais e políticas em que esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa consideração e esse tratamento possibilitam essa vida ou não tornam essa vida vivível. Assim, as normas de gênero mediante as quais compreendo a mim mesma e a minha capacidade de sobrevivência não são unicamente estipuladas por mim. Já estou nas mãos do outro quando tento avaliar quem sou. (BUTLER, 2018, p. 84)

No oitavo e último dia desta etapa da pesquisa, fizemos uma apresentação formal dos trabalhos para Conceição Soares. O clima era de expectativa. Reservamos uma sala especial para a exibição dos curtas.

Figura 30 – Roteiro de *Volver* de Pedro Almodóvar.



CENA FINAL. SALA DE AULA. INTERNA. NOITE

A sala está escura. Vislumbramos vultos na escuridão devido à luz da projeção na tela. Ao fundo, o som dos créditos finais do curta Luiza. Palmas e alguns gritinhos. A luz se acende. Conceição Soares está sentada à frente da turma. As carteiras estão desordenadas, espalhadas desordenadamente atrás dela. As palmas continuam. Conceição esfrega os olhos, olha pra trás e se levanta, posicionando-se de frente para as estudantes. Vinicius, fora de quadro, posiciona-se ao lado de Conceição. Os dois estão de frente para as estudantes. As palmas continuam.

CONCEIÇÃO

Eu estou emocionada.

Ouvimos uma voz que grita: MARAVILHOSA! Esta voz não precisa ser identificada. As palmas cessam. Faz-se um silêncio.

CONCEIÇÃO

Vamos fazer uma escola diferente, né?
Ninguém mais pode sentir dor na escola.
Isso é o que eu mais quero.

Encerro este capítulo, talvez, com mais dúvidas que com respostas. Há tanto ainda o que rever, pensar, formular, apurar. Discutir gênero e orientação sexual com a turma era uma discussão sem fim, sempre se abria uma janela para uma outra questão. Lembrei da pergunta que Pocahy me fez na entrevista para o mestrado: “Você já frequenta a PPP? E o que você vê? Ou o que você quer ver?” – Respondi: “Eu vejo tantas coisas”. A resposta mais sincera na hora mais incerta.

Foi um longo e tortuoso caminho para chegar até aqui, mas sempre estive em boa companhia. Da sala de aula, aos autores, com meus colegas de grupo, com as estudantes da PPP e minhas memórias, vim narrando histórias... “Então, eu sempre gostei de contar estas histórias pras pessoas, mostrar que existem coisas que precisam ser vistas, que precisam ser ouvidas, que precisam ser discutidas. Coisas que precisam ter eco no mundo para que esse mundo se torne um mundo melhor, mais gostoso, mais habitável”. – como disse o professor João Barreto em entrevista ao documentário *(D)Escolar*.

*Alegria do pecado às vezes toma conta de mim
E é tão bom não ser divina
Me cobrir de humanidade me fascina
E me aproxima do céu*

*E eu gosto de estar na terra cada vez mais
Minha boca se abre e espera
O direito ainda que profano
Do mundo ser sempre mais humano*

*Perfeição demais me agita os instintos
Quem se diz muito perfeito
Na certa encontrou um jeito insosso
Pra não ser de carne e osso, pra não ser carne e osso*

Zélia Duncan

CRÉDITOS FINAIS OU ÚLTIMO ATO #SQN⁷⁵

*At first I was affraid, I was petrified*⁷⁶ e vim, aos longo das páginas que se seguiram, narrando minha trajetória nos *espaçostempos* escolares por onde passei e onde estou. Encontrei no parecer de Pochay (2017), no ato da minha qualificação, as pistas necessárias para este mergulho na pesquisa com os cotidianos usando e abusando do meu corpo. Um corpo que é memória, fabulação, matéria, abstração, performance, encenação e, acima de tudo, político. Um corpo amedrontado que vai sendo alargado, dilatado, expandido, borrado, fragmentado, exposto, triturado, estilhaçado e diluído nas *prácticateorias* que compõem e dão forma à esta dissertação difusa, embaçada, contaminada, suja, imperfeita e viada.

Desafiei o conceito de “ideologia de gênero”. Denunciei práticas homofóbicas sociais, políticas e institucionais. Pratiquei audiovisuais, pensei um outro corpo, desloquei ideias e conceitos para, depois, entregar-me à ciência de forma passiva e submissa.

Fiz alianças, desfiz. Engoli, mastiguei e cuspi. Flertei com as normas, dormi. Fiz “ciência tradicional”, rompi. Conversei, escutei, falei demais (eu sei) para descobrir. E as descobertas que fiz atravessaram meu corpo, provocaram em mim emoções e me fizeram sentir. Eu ri, chorei, sofri. *Ensineiaprendi!* E um corpo-pesquisador criei, produzi.

Os caminhos que percorri me trouxeram aqui.

É tempo de abandonar todos os medos que vivi.

Eu me despi de velhos personagens para outro existir.

Eu me empoderei no feminino para borrar minhas próprias fronteiras de gênero e *transpensar* o que vivi. E neste movimento/deslocamento necessário eu percebi que pesquisar nos/com os cotidianos é, assim, como fazer um documentário raiz, com todas as encenações possíveis que já foram feitas e que eu mesmo fiz.

Junto com Soares, as estudantes da formação de professoras/es e colegas do CUNADI, anuncio, fazendo alarde, que é preciso narrar a vida e audiovisualizar a ciência com vontade, porque é tudo verdade!

Chega de homofobia nas escolas! Chega de tanta maldade!

Toda vida importa. Toda gente diferente merece ser acolhida e respeitada.

⁷⁵ #SQN – O uso da *hashtag* “#” seguido das letras “SQN” na internet é para dar ideia de contradição.

#SQN significa “só que não”, ou seja, opera em oposição ao que foi dito.

⁷⁶ Referência à música *I Will Survive* de Gloria Gaynor. Tradução do trecho selecionado: “no começo eu estava com medo, petrificada”.

As discussões sobre gênero e sexualidade pulverizadas neste trabalho contribuíram para o entendimento dos processos de diferenciação e hierarquização dos corpos-prazeres engendrados nos processos de exclusão e inferiorização onde se enquadra a homofobia.

Desde os encontros com os autores e autoras, colegas do grupo de pesquisa e posterior conversa com as estudantes na formação de professoras/es, foram tecidas *prácticasteorias* audiovisuais que fomentaram nossas discussões e ampliaram nossas redes de significações sobre e contra a homofobia. As práticas da Curadoria e da posterior Produção de Vídeo se mostraram potentes para o debate, produção de outros conhecimentos sobre o tema e novos enquadramentos foram possíveis.

São muitas as vidas que merecem ser vividas. Nesta experiência/vivência, nesta caminhada, descobrimo-nos precários. Fomos contaminados pelas *prácticasteorias*, pelo campo de pesquisa, pelos afetos...

A distância científica, pelo menos nesse caso, é, pois, uma solução inexistente. E, não me servirá, assim, de álibi. Apesar disso, é preciso ter claro que não há outra maneira de se compreender as tantas lógicas dos cotidianos senão sabendo que estou inteiramente mergulhada nelas, correndo todos os perigos que isso significa. É preciso, então, buscar saber sempre os meus tantos limites. (ALVES, 2015, p.136)

Certa vez, Bruno Rossato me disse: “não se começa um texto com uma citação”.

Ai, quanta regra, pensei. Essas “considerações finais” parecem *flashback* de novela!

Passei uma década fora da academia. Voltar, neste caso, significava reaprender a regra do jogo. Mas era isso o que eu queria? Tinha dúvidas. Por isso, talvez, demorei tanto a aceitar o meu destino. É melhor aceitar porque dói menos, lembrei.

Vim parar na UERJ por afeto, pelas mãos do meu amigo e professor João Barreto. Em nossas conversas, muitas delas por telefone, eu dizia: “eu queria voltar a estudar”. Mas eu não sabia o quê. Eu sentia apenas uma inquietação. Uma vontade de me sentir vivo, de fazer algo que não fosse apenas trabalhar e pagar contas. Minha mãe, de certa forma, me cobrava: “meu filho, você sempre gostou tanto de estudar”. O tempo ia passando e eu continuava na mesma, evitando a academia.

Se voltei, foi porque Conceição Soares estava por perto. Se voltei, foi porque me senti acolhido. Se voltei, foi porque João Barreto me segurou pelas mãos e me levou até Soares que me convidou a frequentar as reuniões do grupo de pesquisa. A proximidade com João Barreto me levou a ter outros encontros com Soares antes mesmo do convite, mas a Educação era um outro campo, por isso, não cogitava esta possibilidade. Porém, após o convite, eu decidi frequentar as reuniões do grupo de pesquisa. Então, voltei por afeto. *Volver*, como a mãe que passou anos escondida do filme de Almodóvar. E se permaneci, foi porque encontrei

acolhimento no nosso grupo. Fiquei mais de um ano frequentando o grupo, realizando coisas, mas sem me “envolver”. Mas qual o motivo de tanta resistência?

Ao concluir esta pesquisa sobre e contra a homofobia na formação de professoras/es, hoje me dou conta dos motivos que me levaram a abandonar a academia. Durante anos eu evitei pronunciar o nome FAESA, lugar onde me graduei. Esta sigla, com cinco letras, me causava repulsa. Até hoje, no meu perfil do Facebook, eu nego que estudei nesta instituição. Na minha descrição, digo que estudei na UFES, porque lá cursei Artes Plásticas. Mas não foi na UFES que me graduei, foi na FAESA. E neguei a FAESA na minha vida não por uma questão de status, mas porque eu queria esquecer aquela instituição. E ela não foi totalmente esquecida porque o trio formado na minha banca na graduação, aquelas pessoas, se tornaram meus afetos. Afetos de uma vida que, por destino, nos forçou a um reencontro, nós todos, neste meu processo de retorno. Se hoje concluo esta pesquisa foi por causa destas três pessoas que tanto me incentivaram, torceram e acreditaram em mim.

A experiência FAESA foi péssima pra mim. E falo do ponto de vista institucional. Como já relatei, quando eu estudava lá, ganhei três prêmios acadêmicos. Naquela época, meus trabalhos premiados concorreram com outros trabalhos de todo o Brasil. O prêmio Expocom era nacional, não regional como é hoje. A cada prêmio, na minha área, eu colocava o nome FAESA no circuito nacional, no meio de outras tantas instituições muito mais renomadas, públicas e privadas. A cada prêmio, mais eu me tornava um estorvo para a instituição, um incômodo. O fato de eu ter ido a Porto Alegre com recursos próprios buscar meu terceiro prêmio é a certeza do incômodo que eu causava. Por muito menos, estudantes de outros cursos viravam “garotos propaganda” da instituição. Eu vi isto acontecer. E durante anos me perguntei se este sentimento ruim que eu sentia era orgulho ferido, vaidade minha ou recalque. Durante anos eu neguei o óbvio. Das faculdades particulares de Vitória, o nome FAESA tinha um peso, uma imagem institucional de tradição. E a última coisa que eu tinha era “a cara” da tradição. O nome FAESA jamais poderia ser associado à figura de um “viado”. Eu não estava conforme e cometia a inconveniência de, ano após ano, ser convocado a receber um prêmio no Intercom, levando comigo o nome FAESA e representando aquela instituição. Hoje entendo o que passei. E hoje sabemos o nome que tem. E acho ótimo eu não ser “a cara” daquela instituição e de nenhuma outra. Agradeço à vida por isso!

Nestes dez anos que passei longe da academia, nunca parei de “estudar”. Pelos livros que tenho em minha casa, percebi que eu li mais sobre cinema e televisão do que romances. Eu abandonei as instituições, mas não abandonei a prática da pesquisa. E se falo de pesquisa

aqui, neste momento, me refiro à curiosidade do saber que nos move. Minha iniciação em pesquisa se deu, de fato, na UERJ, com este trabalho.

Durante minha caminhada no mestrado, recebi um convite para montar uma disciplina intitulada Evolução do Audiovisual para a Universidade Estácio de Sá. Tive total autonomia para fazê-lo. Os livros que eu li nestes dez anos de ausência foram minha base para montar o programa e contar mais esta história. Livros que foram adquiridos durante a vida, sem compromisso algum, apenas movido pela minha curiosidade, mas que foram essenciais, não somente para a disciplina como, também, para a tessitura desta dissertação.

Diz a lenda que o acaso já promoveu grandes descobertas científicas. E eu acredito na força do acaso. Não por acaso, o meu *volver* se deu agora. Eu não poderia ter voltado em melhor momento. O aumento da onda conservadora no Brasil e no mundo me faz ter mais vontade de estar onde estou, pesquisando, *aprendendoensinando* estas tantas *prácticasteoriaspráticas* que, se fosse em outro momento, em outro lugar, se não na UERJ, eu jamais teria contato. E foi no ProPEd que encontrei as condições necessárias para tecer, tensionar e tencionar tantas outras coisas. E, mais que isso, estar em contato com pessoas que só enriqueceram minha existência. O cenário já foi bem diferente dos meus tempos de graduação. E fiquei maravilhado com o que eu vi, ouvi e senti. Eu não poderia (e nem desejaria) estar em outro lugar.

Oscilei entre os horrores da vida cotidiana e as maravilhas das *prácticasteorias*. Fabulei minha própria existência. Reinventei minha história.

Sou um apaixonado pelas telenovelas, nosso audiovisual por excelência. Fui subjetivado, também, por muitas personagens da ficção.

Com Dona Beija, aprendi que “cada um dá o que tem”. Certa vez, as damas da sociedade lhe enviaram um caixa com fezes de animais, para dizer o quanto ela não era bem-vinda naquela sociedade. Beija devolveu rosas colhidas por ela mesma, de seu próprio jardim.

Com Tieta aprendi que somos vaga-lumes. Que cada um de nós carrega uma luz. Que somos modificados, devido às circunstâncias, mas que também modificamos o mundo. Que o certo não é certo. E que as aparências enganam.

Todas estas minhas referências são femininas. Talvez me faltaram outros modelos. Talvez isso pouco importa agora, para mim.

E só quem viveu *O Outro Lado do Paraíso*, novela exibida durante minha trajetória no mestrado, será capaz de entender a força das palavras que pretendo proferir. Clara, personagem protagonista da novela, foi afastada de sua vida e internada num hospício por dez anos. Por dez anos ela fica lá, esquecida. Mas ela consegue fugir, escapar e, por circunstâncias

da vida que não me cabe aqui explicar, ela volta para se reintegrar a sociedade. Clara tem sede de vingança...

Este não é o meu caso, mas fabular é preciso.

Então, Clara, numa festa que reúne todos os seus algozes, ela reaparece linda, maravilhosa, num vestido vermelho... Empoderadíssima!

Não sou Clara, não fiquei rica e nem repaginei meu guarda-roupas. Mas fiquei por dez longos anos afastado da academia. Abandonei tudo e fui viver minha vida. Vida que Fernando Pessoa define assim: “A vida é um hospital onde quase tudo falta. Por isso ninguém se cura e morrer é que é ter alta”. Então, seguindo a lógica de Pessoa, digamos assim, eu estive internado por dez longos anos. Só que Clara e eu não morremos. Conseguimos escapar do hospital psiquiátrico.

E operando nas sexualidades dissidentes, sigo o conselho de Foucault (2014) que afirmou que para contra-atacar os dispositivos de sexualidade serão necessários os nossos corpos e os prazeres que atravessam esses corpos. E, penso eu, que estes prazeres podem ser traduzidos por *felicidades*.

Esta pesquisa procurou refletir sobre a importância das relações. Defendeu que corpo é poder. Poder que se exerce em relação (FOUCAULT, 2014), assim como definimos os próprios limites de um corpo precário (BUTLER, 2018), em relação a outros corpos e objetos. Sublinhou que minha existência depende da sua, pois estamos conectados numa imensa rede de poderes-saberes exercidos nas relações sociais. Você me afeta, eu afeto você. Afetados, não somos nem eu, nem você. Somos o encontro. Caminhamos juntos neste entrelugar de culturas híbridas (BHABHA, 2011), resistindo, medindo forças, se completando. Eu não existo sem você e você não existe sem mim. Por que brigamos? Porque o poder está em toda parte, em disputa. Onde há estratégia, há tática e golpe (CERTEAU, 2014). São pontos de resistência espalhados por toda a rede de poder. Resistências no plural. Resistências que são “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” (FOUCAULT, 2014, p. 104). São táticas (CERTEAU, 2014) de resistência, ocupação e sobrevivência. Somos um corpo social com vários pontos de resistências múltiplas e conectados em rede. Nos movimentamos nessa rede, por isso, os pontos de resistência são “móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis” (FOUCAULT, 2014, p.105). Somos imprevisíveis, à vezes, invisíveis. Estamos em relação, portanto, sou sua

ameaça e sua segurança. Você me ameaça e me protege. Nossos corpos, com próteses (PRECIADO, 2014) e gestos (WULF, 2013) encarnados, “é o poder”!

Então, ao fim de tudo, e para pôr um ponto final nesta pesquisa, o que eu queria mesmo dizer, tanto para os conservadores que pensam que suas vidas não são precárias, quanto para aqueles que torceram por mim e me apoiaram, é que me sinto como uma fênix renascida das cinzas, dez anos depois, como a personagem Clara da novela.

Estou seguro, o suficiente, para combater o bom combate.

E frente à toda uma sociedade, me aproprio das palavras que Clara proferiu na cena mais marcante daquela personagem: “Vocês não imaginam o prazer que é estar de volta”.

Um beijo (no ombro),

Rígida Alves, a diva acadêmica.

*A minha vontade, o meu desejo é que você me veja nua.
Eu abandono o que você diz, sobre mim...
E meu corpo nu, corpo trans, em movimento...
Mais uma vez te denuncia, te provoca, nos engendra, nos afeta.
Eu me confesso.
E você me descreve.
Eu nos condeno e me entrego por nós.
Assim, me salvo do discurso que você tenta, tenta, tenta... me impor e não consegue.
Ana Letícia Vieira*

THE END

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs). *Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Romper o cristal e envolvermo-nos nos acontecimentos que se dão: os contatos cotidianos com as tecnologias. In: LEITE, Márcia; FILÉ, Valter (org.) *Subjetividade, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2002.

BEAUVAIS, Yann. New Queer Cinema em relação ao cinema experimental e à videoarte no combate à aids. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (org.) *New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2015.

BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube de cavalheiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Blocos de esquerda agitam o carnaval de rua do Rio de Janeiro. *Brasil de Fato*: online. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/02/24/blocos-de-esquerda-agitam-o-carnaval-de-rua-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 16 março 2017.

Bolsonaro critica 'kit gay' e diz querer 'mudar alguma coisa' na Câmara. *O Globo*: online. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/02/bolsonaro-critica-kit-gay-e-diz-querer-mudar-alguma-coisa-na-camara.html/>. Acesso em: 22 março 2017.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURCIER, Marie-Hélène. *Sexopolitiques. Queer Zones 2*. Paris: La Fabrique éditions, 2005.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CADERNO Escola Sem Homofobia, 2004. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em 10 março 2017

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 07 março 2017.

COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

Corpo estranho. *Rio etc*: online. Disponível em: <http://www.rioetc.com.br/pelas-ruas/corpo-estranho/>. Acesso em: 26 junho 2018.

Crivella escreve carta de compromisso com respeito à diversidade religiosa. *Jornal do Brasil*: online. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/eleicoes-2016-rio/noticias/2016/10/22/crivella-escreve-carta-de-compromisso-com-respeito-a-diversidade-religiosa/>>. Acesso em: 30 novembro 2016.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DINIS, Nilson Fernandes. *Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.

FERREIRA, Brenda da silva; FOLLY, Fabiana Mendes; SOARES, Maria da Conceição Silva; REIS, Vinicius Leite. *A homofobia em debate nas escolas e nas telas: um estudo com vídeos escolares compartilhados no YouTube*. Disponível em: http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1465337665_ARQUIVO_AHOMOFOBIAEMDEBATENASESCOLASENASTELAS.pdf. Acesso em: 28 março 2017.

FILÉ, Valter. Linguagem audiovisual: uma quase nova tecnologia entrando na quase velha instituição escolar sem pedir licença. In: LEITE, Márcia; FILÉ, Valter (org.) *Subjetividade, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Fazendopensando práticas teóricas educativas nos/dos/com os cotidianos*. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs). *Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

GIVIGI, Ana Cristina Nascimento (Kiki). O incômodo jeito de lutar com alegria e a assepsia política. In: _____; DORNELLES, Priscilla Gomes. (Orgs.). *Babado Acadêmico no Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade*. Salvador: Edufba, 2017, pp. 9-32.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HÖRNING, K. Les temps de la technique et le quotidien du temps. In: GRAS, A. et al. *Sociologie des techniques de la vie quotidienne*. Paris: L'Harmattan, 1992.

KILPP, Suzana. Dispersão-convergência: apontamentos para a pesquisa de audiovisualidades. In: MONTAÑO, Sonia; FISCHER, Gustavo; KILPP, Suzana. *Impacto das novas mídias no estatuto da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LOPES, Denilson; NAGIME, Mateus. New Queer Cinema e um novo Cinema Queer no Brasil. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (org.) *New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. "Pedagogias da Sexualidade". In Guacira Lopes Louro (org.), *O Corpo Educado*. 3a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 65, 2014

Matheusa Passareli vai aparecer em seus sonhos. *Midia Ninja*: online. Disponível em: <http://midianinja.org/ricardotargino/matheusa-passareli-vai-aparecer-em-seus-sonhos/>. Acesso em: 26 junho 2018.

MEC corta homofobia da lista de preconceitos que devem ser combatidos na educação. *The Intercept*: online. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/04/07/mec-corta-homofobia-da-lista-de-preconceitos-que-devem-ser-combatidos-na-educacao/>. Acesso em: 29 maio 2018.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. *La méthode*. Paris: Éditions Du Seuil, 1991. v. 4: Les idées.

_____. *La méthode..* Paris: Éditions Du Seuil, 1986. v. 3: La connaissance de la connaissance.

_____. *La méthode*. Paris: Éditions Du Seuil, 1980. v. 2: La vie de la vie.

_____. *La méthode*. Paris: Éditions Du Seuil, 1977. v. 1: La nature de la nature.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. *Os olhos tristes da fita rodando no gravador: as tecnologias educacionais como artesanias docentes discentes*. Tese de doutorado defendida em 27 fevereiro 2018.

OKSALA, Johanna. *Como ler Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. CASSAL, Sueli Tomazini (org.). Porto Alegre: L & PM, 1996.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Salvador: Devires, 2017.

POCAHY, Fernando. Babado e confusão nas/entre as fronteiras acadêmicas: Entre dissidências e formas de institucionalização e/ou captura das pol[íticas] queer na universidade. In: MURARI, Lucas; Nagime, Mateus (org.) *New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2015.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

_____. *Entrevista com Beatriz Preciado por Jesús Carrillo*. Revista Poiésis, Jul 2010, n 15.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Revista Bagoas, 2010, n.5.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de Mestrado (Cultura e Sociedade), UFBA, 2015.

SOARES, Maria da Conceição Silva. *Pesquisas com os Cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 731-745, jul./set. 2013.

_____. *Audiovisualidades e redes de significações sobre gênero e sexualidade tecidas na formação de professoras/es: um estudo com vídeos escolares contra homofobia compartilhados no YouTube*. Projeto de Pesquisa apresentado à Faperj em 2015.

_____. *Sabedoria e ética para “salvar a própria pele”*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n110/04.pdf>. Acesso em: 8 julho 2018.

_____. *O audiovisual como dispositivo de pesquisas nos/com os cotidianos da escola*. VISUALIDADES, Goiânia v.14 n.1 p. 80-103, jan-jun 2016.

SOLÁ, M. Pre-textos, con-textos y textos. In: SOLÁ, Miriam; URKO, E. (Ed.). *Transfeminismos: Epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013. p. 15 – 30. ISBN 978-84-15313-66-3.

VIEIRA, Ana Letícia et al. *Corpos à flor da tela*. In: AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (org.) *Tecnologias digitais nas escolas: outras possibilidades para o conhecimento*. 1ª ed. Rio de Janeiro: De Petrus e Alii, 2016.

WULF, Christoph. *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.

Referências audiovisuais filmicas

BONECA NA MOCHILA. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xGRTa7BPWy4>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

DAVID MIRANDA. Disponível em < <https://www.facebook.com/davidmichael.miranda/videos/1691764064172378/?pnref=story>>. Acesso em 17 de março de 2017.

DEBAIXO DESSE ANGU TEM CAROÇO. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=8tBN5ihu6TE>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

(D)ESCOLAR. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=PJ4YQYeON7c>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

DIGA NÃO À HOMOFOBIA. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=bmTLIfVjB2I>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

ENCONTRANDO BIANCA. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=SJsGN69NGug>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

ENTREVISTA A SHARLENE BLUE. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=0TYSSlMTXZY>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=GXh-uERb5MU>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

INCONVENIENTE. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kSH2JiNM-K8&t=99s>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

LUIZA. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ncZYc6UNsO0>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

MEDO DE QUÊ?. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=cIoeUqBxhi0&t=690s>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

PELO DIREITO DE VIVER. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=p5nBcF-FxIU>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

PROBALILIDADE. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=FveoO6ZYRnQ&t=252s>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

TRABALHO DE REDAÇÃO. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=H1hCdAfOsoY>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

TRABALHO SOBRE HOMOFOBIA. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6hnc1jto1pk>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

TORPEDO. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=9q9nZUFB4ow&t=72s>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

VÍDEO CABINE: Gênero, sexualidade e educação. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Et5N9RWB9Ro>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

Referências audiovisuais sonoras

A SETA E O ALVO. Paulinho Moska. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nxhzmCUvkcU>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

APESAR DE VOCÊ. Chico Buarque de Hollanda. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1dWh77aaEas>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

CARNE E OSSO. Zélia Duncan e Paulinho Moska. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MXki8pIOMH8>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

COR DE ROSA-CHOQUE. Rita Lee. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J-egBYvAtQ8>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

EVA E ADÃO. Mulheres de Buço. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J4LLqJEE99k>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

FLUTUA. Johnny Hooker e Liniker. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

FORÇA ESTRANHA. Roberto Carlos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MUtQJGD2LPU>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

FÓSFORO QUEIMADO. Ângela Maria. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nF71dTpcAQY>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

INDESTRUTÍVEL. Pablo Vittar. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

I WILL SURVIVE. Gloria Gaynor. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZBR2G-iI3-I>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

PRA COMEÇAR. Marina Lima. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DschyGqNtpw>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

PURO TEATRO. La Lupe. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=R-CpdAtgKQY>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

QUEM ME LEVA OS MEUS FANTASMAS. Maria Bethânia. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=w4ldfmoMoZk>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

SAMBA ENREDO 2017. Comuna Que Pariu. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ijB2aofSrh8>>. Acesso em 26 de julho de 2018.

VOLVER. Penélope Cruz. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3PJiNOJsK8E>>. Acesso em 26 de julho de 2018.